



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA ESTUDOS DA LINGUAGEM**



Dissertação de Mestrado

*A Evolução do Dicionário de Libras como Material de Consulta Linguística:
da Folha ao Click*

ANDRÉ DANIEL PAIXÃO

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiana Bolivar Lebedeff

Pelotas, 2019.

ANDRÉ DANIEL PAIXÃO

*A Evolução do Dicionário de Libras como Material de Consulta Linguística:
da Folha ao Click*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas, PPGL/UFPel, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – área de concentração Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiana Lebedeff

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P142e Paixão, André Daniel

A evolução do dicionário de Libras como material de
consulta linguística : da folha ao click / André Daniel Paixão
; Tatiana Bolivar Lebedeff, orientadora. — Pelotas, 2019.

121 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2019.

1. Aplicativo. 2. Glossário de Libras. 3. Comunicação
familiar . 4. Crianças surdas. 5. Sinalibras. I. Lebedeff,
Tatiana Bolivar, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figs Machado CRB: 10/1612

ANDRÉ DANIEL PAIXÃO

*A Evolução do Dicionário de Libras como Material de Consulta Linguística:
da Folha ao Click*

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestre em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, área de concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, ____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Tatiana Bolívar Lebedeff – Orientadora/Presidente da Banca – PPGL/UFPel

Prof. Dr.^a Leticia Fonseca Richthofen de Freitas – Membro da Banca – PPGL/UFPel

Prof.^a Dr.^a Francielle Cantarelli Martins – Membro da Banca – PPGL/UFPel

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que sempre esteve ao meu lado apoiando-me na busca por minha realização pessoal e profissional de ser professor de Libras.

Aos meus pais, Wilson Paixão e Célia Dulce Hirt, que me educaram com tanto amor e ensinaram-me o valor da honestidade. Obrigado pelo apoio e por todo o cuidado.

Aos meus irmãos Cláudio Gustavo Hirt e Cláudia Simone Hirt e a toda minha família, por todas as trocas e ensinamentos.

A minha esposa Patrícia Fumiko Imai, o meu amor, que está sempre ao meu lado, incentivando-me a continuar os meus estudos e trabalho.

Ao meu filho Noah Yoshi, que é meu orgulho. A razão de eu seguir buscando estudando.

À orientadora Prof. Dr.^a Tatiana Bolivar Lebedeff pelas conversas e trocas de conhecimento. Obrigado por essa grande experiência

Às tradutoras e intérpretes de Libras, Paula Penteado De David e Shanna Schwarz Krening por aceitarem traduzir esse trabalho da Libras para Língua Portuguesa.

RESUMO

O presente estudo é categorizado como uma Pesquisa-Aplicação e foi pensado a partir de um problema recorrente identificado na comunicação entre as famílias de pais ouvintes com filhos surdos. No intuito de ajudar nas limitações de famílias com surdos, as Tecnologias da Informação e Comunicação podem contribuir através do desenvolvimento de tecnologias específicas, que são capazes de melhorar a vida das famílias. Assim, o objetivo principal desse trabalho, por uma perspectiva de Lexicografia Comunicativa, é aprimorar o aplicativo Sinalibras, a partir de ciclos iterativos de avaliação e análise do protótipo de forma a ser mais um recurso tecnológico importante nesse contexto. Como procedimentos de produção de dados, foram realizadas oficinas para instrumentalizar pais de crianças surdas, em escolas de surdos, com o Aplicativo Sinalibras, nas cidades de Pelotas e Bagé, no RS. Os dados para análise foram produzidos a partir de rodas de conversa com os pais, após utilizarem o aplicativo em casa, com seus filhos. Os pais comentaram sobre a facilidade de utilizar o aplicativo e salientaram que a constante utilização auxilia no desenvolvimento do vocabulário aprendido e acaba estimulando a aprendizagem. Além disso, salientaram a importância dos sinais regionais serem respeitados e contemplados nesse aplicativo. Outras sugestões e demandas lexicográficas dos pais também foram coletadas para serem desenvolvidas e, futuramente, inseridas no aplicativo.

Palavras-chave: Aplicativo. Glossário de Libras. Comunicação na família de crianças surdas. Sinalibras.

ABSTRACT

The following study is characterized as an Applied-Research and was conceived from a recurrent problem identified on the communication between families of hearing parents and Deaf children. With the objective of providing help concerning the limits these families with Deaf children face, Information and Communications Technology can give a contribution by developing specific technologies that can improve the lives of these families. Thus, the main objective of this work, through the Communicative Lexicography perspective, is to improve the app *Sinalibras*, by interactive cycles of assessment and analysis of the prototype, being also another important technological resource in this context. Our data production procedure was through workshops with the App *Sinalibras* in order to instrumentalize parents of Deaf children. These workshops took place in schools for the Deaf, in the cities of Pelotas and Bagé, on the state of Rio Grande do Sul. The data were produced from the moments of discussions with the parents, after using the app at home with their children. The parents mentioned how easily it is to use the app and highlighted that by using it continuously, it is possible to develop the acquired vocabulary and stimulate the learning process. Furthermore, they also pointed out the importance that signs belonging to specific regions should be present and respected in this app. Other suggestions and lexicographic demands that the parents pointed out were collected in order to be inserted in the app in the future.

Keywords: Application. Libras Glossary. Communication in Deaf children's families. *Sinalibras*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA: INTRODUZINDO O INTERESSE DE PESQUISA.....	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1	AS LÍNGUAS DE SINAIS	23
2.2	RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS OUVINTES E CRIANÇAS SURDAS	27
2.3	LEXICOGRAFIA.....	29
2.4	REGISTRO E DICIONARIZAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS	31
2.4.1	As Obras e suas Particularidades	34
2.5	SINALIBRAS	48
3	METODOLOGIA	56
3.1	OBJETIVO GERAL	57
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	57
4	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	59
5	ANÁLISE DOS DADOS	62
5.1	PRIMEIRO ENCONTRO EM BAGÉ.....	63
5.2	PRIMEIRO ENCONTRO EM PELOTAS	66
5.3	SEGUNDO ENCONTRO EM PELOTAS.....	68
5.4	SEGUNDO ENCONTRO EM BAGÉ	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	84
	ANEXOS	88

1 INTRODUÇÃO

1.1 MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA: INTRODUZINDO O INTERESSE DE PESQUISA

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir da minha experiência de vida, quando inserido em uma escola comum com uma proposta de educação inclusiva¹, logo na pré-escola, no ano de 1980. A experiência mais marcante foi a minha dificuldade de adaptação junto a colegas e professores, uma vez que sou surdo, enquanto meus colegas e professores eram ouvintes e não utilizavam a Língua Brasileira de Sinais -Libras².

Quando estimulado a interagir com colegas, até mesmo no momento das refeições, eu sequer conseguia comer, como se meu incômodo se refletisse em um estado de dormência, uma vez que não havia choro ou agitação, apenas o sentimento de um corpo que não estava pronto para essas interações. Preocupados, os professores pediram que minha mãe comparecesse à escola e, assim que a viu, corri em sua direção e abracei-a como se ela fosse minha única segurança naquele ambiente.

Foi tentando oferecer o melhor para seu filho e repetindo a história do marido e seus familiares, também surdos, e frequentadores de escolas comuns, a única possibilidade de educação vivida por eles era essa reproduzida no filho. Na época, a solução encontrada pela mãe foi a de retirar-me da escola e passar a levar-me para o trabalho, devido à falta de familiares que pudessem cuidar de mim e pela falta de informação sobre uma escola mais adequada para minha educação, que ela ao descobrir, alguns anos mais tarde, levou-me a frequentar uma escola para surdos.

¹ Embora utilize aqui a nomenclatura educação inclusiva, refiro-me a estar junto com ouvintes na mesma sala de aula. Esse termo teve sua divulgação a partir da década de 90, sendo que até esse momento utilizava-se educação especial

² Libras é a sigla de Língua Brasileira de Sinais, um conjunto de sinais utilizado por surdos para a comunicação entre eles e outras pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes. Possui seu status de língua reconhecido em forma de lei.

O relato acima ainda hoje é uma realidade vivida por muitas crianças surdas que ingressam em escolas inclusivas³, porém na prática a inclusão não ocorre de forma efetiva. Após um tempo, minha mãe soube de uma escola de surdos que, pela primeira vez, eu obtive sucesso na comunicação com outras pessoas. A instituição de ensino chamava-se (CECDAL)⁴ e, hoje, conhecida Lília Mazon⁵. Depois dessa experiência, fui estudar na Frei Pacífico⁶, o antigo Instituto Frei Pacífico, onde fiquei até a quinta série do ensino fundamental. Naquele ano fui para a Concórdia⁷, onde concluí meus estudos. Atualmente, essas três escolas continuam direcionadas para o ensino de surdos.

Sempre tive um forte desejo de ingressar na Universidade, mas tinha dificuldades, pois as instituições de ensino superior não estavam preparadas para receber-me, não conheciam minha necessidade de ter um intérprete de Libras e desconheciam que a Língua Portuguesa era como minha segunda língua. Nessa época, a Universidade Luterana do Brasil - ULBRA⁸ – era a única Universidade que disponibilizava atendimento de qualidade para os surdos, ou seja, haviam interpretes que acompanhavam as aulas... Porém naquele momento resolvi não frequentar a universidade, pois havia problemas na regularidade da prestação de serviço de tradução/ interpretação de Libras.

Eu continuava trabalhando na empresa pois possuía o ensino médio completo e ainda não havia ingressado na universidade por não ter recurso financeiro para isso, além de haver poucos locais que disponibilizavam o serviço de tradução/interpretação das aulas, o que tornava o meu acesso mais difícil.

No ano 2000 fiz algumas tentativas de estudar no ensino superior, mas que não se concretizaram. Era um momento histórico difícil e com a lei da Libras ainda em desenvolvimento, o que tornava a situação ainda mais complicada por não haver o apoio da legislação que temos hoje. A lei que reconhece a Libras como meio de comunicação das comunidades surdas foi aprovada apenas no ano de 2002 e o

³ Escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades.

⁴ Centro de Educação Complementar para Deficientes da Audição e da Linguagem (CECDAL) – (BRIZOLLA, 2000, p. 29-30).

⁵ Escola de Ensino Médio para Surdos Professora Lília Mazon.

⁶ Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico

⁷ Unidade de Ensino Especial Concórdia – ULBRA.

⁸ Universidade Luterana do Brasil é uma instituição de ensino superior privada brasileira, sediada na cidade de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul.

decreto que a regulamenta e dispõe sobre acessibilidade, profissionais tradutores/intérpretes, etc., surgiu apenas no ano de 2005. Havia, portanto, o meu desejo e interesse em cursar o ensino superior, porém a condição financeira e os recursos de acessibilidade disponíveis naquele momento da história não pareciam ser suficientes.

Trabalhei na mesma empresa por quase dez anos. No começo eu tinha grande interesse na área da computação, manutenção de computadores, não imaginava no futuro trabalhar como professor, pois sempre preferi o campo da tecnologia e computação, tanto que já havia feito cursos na área, nos quais raras foram as vezes em que tive algum profissional traduzindo as aulas, o que tornou minha formação um desafio. Estudei T.I. (Tecnologia da informação) por um ano e meio até a formatura. Após me formar nessa área, distribuí currículos em várias empresas, mas sem nenhum retorno, até que uma empresa enfim manteve contato e explicou que havia vaga e não era necessário ter experiência para o trabalho. Apresentei-me, então, para a entrevista e lá expliquei que eu era surdo, provocando uma hesitação em quem me recebeu, que perguntou meu nome, olhou meu currículo e o próprio momento da entrevista foi complicado em função da dificuldade de comunicação, realizada através da escrita. Eles demoraram um pouco a me dar uma resposta, quando finalmente me responderam fizeram uma proposta inesperada: se havia interesse de trabalhar no processo de produção da empresa. Questionei acerca da vaga na área para a qual me chamaram e a resposta foi que não haviam mais vagas. Achei estranho, pois na semana anterior o discurso era de que estavam abertas vagas para a área de T.I. e aceitavam meu currículo, mas agora ofereciam vaga para o setor de produção (e montagem) da empresa. Senti um certo estranhamento, fui embora imaginando o que poderia ter acontecido, talvez se assustaram ou por falta de conhecimento ficaram em dúvida em contratar-me para a vaga a qual me candidatei. Pensei se sempre teria que trabalhar em setores de empresa como havia trabalhado até o momento e quais as chances, no futuro, eu teria. Em resumo, senti-me triste.

Com relação ao trabalho em si, nunca tive problemas, o problema sempre se voltou para a dificuldade na comunicação com as pessoas. As que eu mantinha contato por mais tempo, conhecia, tinha afinidade e permaneciam por anos trabalhando comigo, a comunicação era mais fácil, mas quando funcionários novos chegavam sempre havia uma interação difícil. Já ocorreram inúmeras situações em

que meu chefe me chamava a atenção por algum motivo, mas sem saber Libras, o que se tornava um momento tenso em que a comunicação não fluía para que eu pudesse explicar qualquer situação. Ele não entendia Libras, faltava acessibilidade, também, nesse caso.

Depois de um tempo, recebi informações através da comunidade surda de que abriria uma graduação em Letras Libras gratuita. Antes, eu já havia tido experiências com amigos que atuavam como instrutores de Libras e me convidavam para participar de aulas. Eu olhava para eles admirado, pois percebia que eram surdos que sozinhos trabalhavam dando suas aulas. Meu perfil para o ensino de Libras era de utilizar o humor ministrando as aulas, agradando os alunos que se divertiam, davam risada e eu sentia-me muito bem naquele papel, naquele lugar. Sentia minha autoestima elevada quando ensinava.

Passados sete anos, no ano de 2006, soube da seleção para o curso de Letras-Libras – Polo da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Resolvi me inscrever.

Em 2006, foi iniciado o primeiro curso de Letras Língua de Sinais Brasileira– LIBRAS – no Brasil. A Universidade Federal de Santa Catarina está oferecendo o curso para formar professores de língua de sinais. Esta iniciativa atende a exigências legais que requerem a inclusão da LIBRAS nos currículos dos cursos de licenciatura e de fonoaudiologia em todas universidades do país. O programa selecionou 500 estudantes, sendo que 447 são surdos e 53 são ouvintes bilíngües. Esses estudantes estão espalhados em nove estados brasileiros: Amazonas, Ceará, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, representando cinco regiões do país (QUADROS, STUMPF, 2009, p.169).

Inicialmente, fiquei apreensivo com a forma de seleção, pois me indagava se essa seria em Língua Portuguesa, como nas demais Universidades. Porém, para a minha surpresa, a prova foi através da apresentação de um vídeo (as perguntas e respostas eram sinalizadas) em Libras, com o recurso de um Data Show, em que cada candidato deveria registrar, no Caderno de Resposta, a alternativa que ele achasse mais adequada. Fui aprovado.

O sonho de ter uma formação como professor veio a concretizar-se com a minha entrada no Curso de Graduação em Letras - Libras, promovido pela UFSC, em parceria com o polo da UFSM. Porém, esse sonho quase não se concretizou, pois, inicialmente, eu fiquei na posição de número cinquenta e dois e havia somente cinquenta vagas. Mas, após o reposicionamento, consegui ingressar no curso.

Outros 49 colegas surdos foram aprovados. Nosso contato com a equipe de tutores, professores e supervisores, entre eles surdos e ouvintes fluentes em Libras, foi bastante tranquila. O curso foi ofertado em nove polos espalhados por todo o Brasil e as aulas a distância ocorriam através de um ambiente virtual com vídeo-aulas em Libras. Além disso, todo o conteúdo que era sinalizado, era disponibilizado, também, em texto escrito em Língua Portuguesa.

No curso, os encontros ocorriam quinzenalmente. As aulas eram em Libras, disponibilizadas em DVD e possuíam textos complementares para apoio. As aulas eram ministradas na UFSC e transmitidas por videoconferência. Ao final do processo de formação veio a tão sonhada formatura, em fevereiro de 2011, quando aconteceu a colação de grau de todos os alunos. Minha turma era um grupo muito animado e unido. Éramos companheiros até mesmo nos objetivos de vida, pós formatura.

Ao término do curso senti uma certa nostalgia em pensar que aquela experiência seria única e que, provavelmente, a sequência dos meus estudos, minha formação – especialização, mestrado e doutorado – não seriam mais naquela instituição de ensino, nem com as mesmas pessoas da mesma comunidade linguística.

A vontade de trabalhar, contribuir na educação das pessoas surdas foi ficando cada vez mais forte. Esse desejo trazia desde a época em que ainda trabalhava como operário em uma fábrica. Nessa época, eu ficava pensando sobre como seria bom trabalhar como professor de Libras e, para minha surpresa, essa oportunidade chegou. Foi no ano de 2008 que assumi a vaga de instrutor de Libras⁹, na ULBRA. Para cumprir com os compromissos assumidos, eu dividia o meu tempo: trabalhava como operário da fábrica durante o dia e como instrutor de Língua Brasileira de Sinais no turno da noite.

Assim, foi comparando as situações que percebia a diferença: enquanto por um lado eu tentei vagas em empresas, e apenas uma ou outra entravam em contato comigo e muitas nem sequer respondiam, por outro lado inúmeros eram os convites que eu recebia e aceitava na área do ensino de Libras, indo dar aulas, observando os professores, sentindo-me bem com aquele processo.

⁹ Os Instrutores de Libras foram capacitados para exercer a função, diferentemente dos professores de libras que têm formação superior ou habilitação em nível superior, fornecida pelos órgãos competentes, para o ensino da Libras.

Foi aí, então, que tudo começou. Quando eu era jovem, recebia muitos convites para dar aulas pela forma que conduzia essa prática: meu perfil sempre carregado de humor, classificadores, expressões faciais e corporais, que fazem parte não necessariamente do conteúdo que eu ensinava, mas da minha identidade, da minha forma de ser. Dessa atividade eu realmente gostava, por isso, ingressei no curso de Letras-Libras.

Eu já estudava no Letras-Libras, quando soube que a ULBRA tinha aberto vagas para instrutores de Libras. Já haviam feito entrevista com alguns candidatos e eu fiquei em último lugar, pois os candidatos que vinham antes de mim possuíam muita experiência, bons currículos, etc. Eu ainda era muito novo na área e por isso fiquei em último lugar na entrevista.

Eram cinco vagas e mais ou menos sete ou oito candidatos, sendo que alguns acabaram não assumindo, até que me chamaram e comecei a trabalhar na ULBRA, à noite, como instrutor de Libras. Acabei conseguindo classificar-me como instrutor, pois na época eu cursava a graduação em Letras-Libras, o que me habilitou para o trabalho de instrutor na instituição. Passei um certo período dividindo-me entre o trabalho à noite, na ULBRA, como instrutor e pela manhã na outra empresa onde eu já trabalhava, mais ou menos, dez anos. Porém, foi na ULBRA, então, que fui adquirindo maior experiência no ensino de Libras. Após minha formatura na graduação em Letras-Libras fui demitido pela empresa porque meu trabalho lá não era feito com prazer. Era um trabalho ao qual me resignava a realizá-lo, sem satisfação. Dentro dessa mesma empresa, já havia tentado enviar currículo três vezes para trabalhar na área de TI, mas nunca fui chamado, mesmo enviando em épocas que abriam vagas específicas para a área. Embora eu gostasse do grupo, das pessoas com quem eu trabalhava, de compartilhar meu dia a dia com eles, o meu desenvolvimento profissional não era o mesmo o que fazia minha autoestima diminuir. Meu sonho era poder desenvolver-me e progredir e consequentemente melhorar de vida, adquirir casa, carro, ter filho, etc., o que meu trabalho na respectiva empresa não me proporcionava. Todos esses motivos não me permitiram ficar triste com a demissão.

Na época, também passei na prova para professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e, assim, dei continuidade ao trabalho como professor. Após minha formatura, percebi o quanto o trabalho na fábrica não era, de fato, meu desejo profissional, não era a carreira que gostaria de seguir. Queria

trabalhar com a educação. Assim, depois de ser demitido da empresa e continuei trabalhando na - ULBRA, no turno da noite. Logo em seguida, assumi a posição de professor substituto, em agosto de 2011 na UFRGS. Foram cinco pessoas inscritas e duas vagas. Após o término desse contrato, em outubro de 2013, fui selecionado para trabalhar como professor de Libras no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS.

Outras experiências profissionais somaram-se a minha caminhada como, por exemplo, o trabalho na Uníntese¹⁰ e na Unilasalle¹¹. Nessas instituições de ensino, ministrei disciplinas de expressão corporal e classificadores, pós-graduação. Na Uníntese, aulas eram realizadas em várias cidades do interior do estado e meu trabalho está pautado na interação, expressão e raciocínio em Língua de Sinais. Na ULBRA, ministro a mesma disciplina citada, mas para o curso de Tradutores/Intérpretes de Libras.

Atualmente, sou concursado da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA –, Campus Bagé. Para mim, trata-se da minha realização profissional, o que é de valor inestimável, pois acredito no meu trabalho e sei que é de grande importância para a instituição.

É oportuno relatar, aqui, a minha paixão pelo ensino. Sinto-me realizado nessa instituição e, na interação e contato com os alunos. Gradativamente, vejo essa paixão só aumentar. A possibilidade de ver os alunos interessados nas disciplinas, trocando informações, vendo os elementos expressivos da Libras é algo muito gratificante. Vejo que os alunos se impressionam pelo fato de eu ser surdo e possibilitar tantos momentos de aprendizado. Vejo isso de forma muito positiva, tanto para as minhas aulas, quanto para a multiplicação de um novo olhar sobre as pessoas surdas, seja ele nas empresas que as pessoas trabalham ou na sociedade em geral. É nesse sentido que me realizo sendo professor da UNIPAMPA - Campus Bagé.

Conforme o relato acima, há falta de acessibilidade em diferentes espaços sociais, somando-se a isso a minha pouca proficiência na segunda língua, o Português. A aquisição da modalidade escrita do Português como segunda língua foi

¹⁰ Uníntese é uma instituição de ensino superior brasileira, sediada em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul.

¹¹ Universidade La Salle é uma instituição de ensino superior privada lassalista do Rio Grande do Sul com seu campus localizado no município de Canoas.

tardia para mim, realidade um pouco diferente dos surdos que hoje ingressam em escolas para surdos, onde o ensino e práticas pedagógicas já faz-se de forma a valorizar as diferentes estruturas linguísticas da Libras e do Português escrito, inclusive com a presença de professores surdos em que existe a identificação de aluno-professor enquanto ser Surdo, compartilhando uma mesma experiência.

Lembro que para mim a Língua de Sinais era a primeira língua, por isso seu desenvolvimento e compreensão era natural. A Libras ajudava-me a assimilar os significados do mundo, enquanto o português era pouco desenvolvido. Na minha família existiam muitos surdos e nós sinalizávamos porque era a nossa língua e por isso não conhecíamos muito as palavras da Língua Portuguesa.

Na primeira escola que frequentei, própria para alunos surdos, eu aprendia tudo utilizando língua de sinais. A comunicação, os aprendizados, as brincadeiras, tudo acontecia em Língua de Sinais. Lembro de ter contato com palavras do português, via elas, mas não decorava, nem aprendia, seguia utilizando a Língua de Sinais para significar tudo ao meu redor. Dos quatro até os oito anos de idade permaneci assim, nessa escola, onde tentavam mostrar-me e fazer-me decorar palavras, letras, números do português que eu olhava, decorava, mas rapidamente esquecia, pois não mantinha muito meu foco e atenção nisso. Eu utilizava mais a Língua de Sinais, minha comunicação baseava-se fortemente na visualização e, por isso, utilizava muito a comunicação total com a prática de oralização e gestualização na comunicação estabelecida comigo. Não havia fluência em Língua de Sinais, apenas essa comunicação através de sinais muito simples e básicos, com as pessoas gesticulando e oralizando bastante.

A partir dos nove anos de idade comecei a frequentar a primeira série na escola Frei Pacífico. Mais palavras do português eram ensinadas, porém não compreendia claramente, diferente da Língua de Sinais que por conter elementos mais icônicos era clara e de fácil compreensão para mim. Para as palavras do português eu não possuía a mesma facilidade e várias foram as minhas tentativas e falhas em assimilá-las. Dependia também do professor. Alguns oralizavam a maior parte do tempo para dar explicações, mas era difícil entender o que eles queriam dizer. Eles não utilizavam estratégias, mostrando o sinal das coisas e dando explicações sobre o que queriam ensinar de maneira mais visual. Mostravam palavras, mostravam o sinal delas, mas a informação do que significavam de fato não existia.

Afinal, como uma criança aprende a falar? Será que alguém as ensina a falar? Se olharmos à nossa volta para os bebês que encontramos, não veremos nenhuma mãe ensinando seu filho a falar, muito pelo contrário, palavras que seus netos e sobrinhos aprenderam em tão pouco tempo. É comum ouvirmos observações como: "Onde foi que ele aprendeu essa palavra? "Mas quem ensinou isso para ele?". A resposta é simples: ninguém ensinou. A criança, ainda bebê, está ligada ao mundo da linguagem pelo canal auditivo. Ela escuta e dá sentido ao que escuta. Este não é um processo simples, mas altamente complexo, que não iremos detalhar aqui. O que é importante ser percebido é que a criança não aprende a língua, mas a adquire de forma natural apenas sendo exposta a ela. Esse é o papel da mãe (ou do cuidador) nos primeiros meses de vida da criança - possibilitar que ela possa ser considerada alguém que virá a falar e assim considerá-la; a mãe falará com o bebê como se ele a entendesse, e ele passará verdadeiramente a entendê-la num processo de ir e vir. A mãe reage à criança, que responde a mãe, e assim a linguagem se instala de forma natural, sem que ninguém pense nela como algo que exija esforço, nem por parte dos que cuidam da criança, nem por parte da própria criança. É algo natural que encaramos como: é assim que coisas são (LACERDA; SANTOS, 2013, p.14).

Eu entendia matérias e conteúdos que se aproximavam mais da forma visual de explicação, como os mapas geográficos, por exemplo, em que mostravam as localizações, os nomes das localidades e em seguida o sinal. Também, tinha facilidade na Matemática, que eram colocados os números, os símbolos como o de soma e o resultado, o que era mais simples compreender. Na matéria de Ciências também conseguia assimilar algumas coisas sobre o corpo humano, mas em um nível mais simples e básico, nada muito aprofundado. No Português, as frases, por exemplo, eu não conseguia entender. Entendia pouco, apenas palavras como bola, bolo, casa, mamãe, papai, enfim, apenas palavras que eram possíveis conectar a alguma imagem e através dela aprende seu sinal correspondente, mas se colocados em frases completas, entendia pouco. Por exemplo, a frase: "o menino é bonito", (olhava a imagem do menino, mas o significado da palavra "bonito" se perdia no contexto). Conforme eu fui crescendo, fui entendendo um pouco melhor. Nessa fase eu já tinha uns quatorze ou quinze anos, quando aprendi mais e mais palavras e seus significados, mas ainda não era capaz de entender as frases na estrutura em que o português se apresentava. Sobre isso, (LACERDA e SANTOS, 2013, p.24) apresentam alguns pontos que são muito importantes para se compreender as relações entre linguagem e surdez e como se dá a aquisição da língua de sinais pelos surdos:

- A língua de sinais não é ensinada, mas adquirida. Essa aquisição ocorre de forma natural e real somente se o interlocutor preocupar, antes de mais nada, em se comunicar com o surdo de forma fluida e interessada.

- Para que um bom desenvolvimento de linguagem aconteça, é necessário que não apenas a criança responda ou fale alguma coisa mas que ela aprenda a "escutar/ver" o mais precocemente possível. Aprender a "escutar/ver" significa aprender a olhar o interlocutor e isso depende da habilidade do falante/gesticulador. O que vai ser contado deve ser interessante para a criança e deve prender a atenção dela. É necessário que se esteja atento aos assuntos de interesse da criança, para que ela desejar ser parte da situação comunicativa.
- A língua deve ser experienciada de diversos jeitos e em diferentes gêneros.

Depois de um tempo, com cerca de dezessete anos, passei a estudar na Escola Especial Concórdia e lá tinha um trabalho intenso com o português. Eram muitas frases e eu sentia grande dificuldade. Olhava a frase e pedia que sinalizassem ela e, então, sim, conseguia compreender o significado. Lembro que na escola Frei Pacífico apenas passavam as informações. Não havia uma troca efetiva em que explicassem as sentenças, por exemplo. Sinto que faltou uma troca efetiva em que eu percebesse que estava aumentando meu conhecimento, isso é o que sou capaz de lembrar da minha experiência. Eu não conseguia compreender frases. A explicação do português, da estrutura, como era a construção, para mim, nada era claro. De fato, não conseguia compreender, pois existia uma cobrança nesse sentido, mas não adiantava, eu apenas não conseguia.

Na Matemática eu ia bem, na Física ia bem, na Química eu ia bem, em todas as matérias do currículo eu ia bem, mas no Português, sempre mal. Não sei, talvez pela minha identidade estar pautada na Língua de Sinais e por ela ser minha primeira língua. Formei-me no Concórdia e sinto que havia aprendido muito pouco ainda do português. Continuava ruim a compreensão.

Depois disso, então, começaram a surgir novas tecnologias e os telefones agora eram capazes de enviar mensagens de texto, o que me motivou a esforçar-me a aprender palavras para conseguir comunicar-me através das mensagens de texto e isso me impulsionou de certa forma na aprendizagem. Também nos chats que surgiam na internet para a comunicação eram necessários usar palavras, textos e era difícil lembrar palavras em português. Eu tinha muita dificuldade e as pessoas ouvintes acabavam desistindo, tendo uma espécie de preguiça em conversar comigo, mas quando eu encontrava um surdo, aí começávamos a conversar e permanecíamos em contato através dessas novas práticas de contato através de mensagens, que a tecnologia proporcionava. Com isso, eu fui melhorando muito no

português. Um texto era enviado, eu fazia a leitura e rapidamente entendia o contexto, mas no momento de responder ainda tinha dificuldade. Não conseguia. Ao contrário da Língua de Sinais, através da qual eu conseguia facilmente e rapidamente me expressar.

Durante meu desenvolvimento, faltou uma devida estrutura para o meu aprendizado. Agora, existe uma melhor estruturação do ensino, existe uma maior experiência na área. Vejo, atualmente, crianças pequenas olhando palavras e já compreendendo e lembro da minha história quando tinha a mesma idade e não conseguia compreender nada. Percebo como a realidade apresenta-se diferente para as crianças nos dias de hoje. Eu pergunto para uma criança que está no 3ª ano qual a idade dela e ela responde que tem oito anos. Fico impressionado, pois lembro que na minha época, quando cursava a 1ª série, tinha nove anos e ainda possuía a 1ª série A e a 1ª série B. A primeira cursava com nove anos e a segunda com dez anos de idade. A 2ª série A fiz com onze anos e a 2ª série B com doze anos, muito atrasado se compararmos com outras crianças. Claro que isso há muitos anos atrás, eu não lembro das regras daquela época, como funcionava a estrutura da educação, naqueles casos. Eu não conhecia. Agora, no entanto, vejo crianças pequenas já fluentes em Língua de Sinais e que, ao mesmo tempo, já conhecem palavras do português e isso é muito bom, mas diferente de mim, que por muito tempo carreguei uma forte marca da Língua de Sinais como única língua ao longo do meu desenvolvimento.

Por isso penso que crianças surdas hoje possuem a tecnologia, aplicativos que mostram instantaneamente sinais, palavras, imagens correspondentes o que ajuda para que haja uma rapidez no aprendizado. Antigamente era difícil de conseguir imagens, pois a maior parte era através de desenhos em papel, etc... Hoje, aparatos tecnológicos facilitam a velocidade com que as informações chegam e, em segundos, elas aparecem diante dos nossos olhos uma enorme diferença, se formos comparar esses períodos.

Lembro que uma das dificuldades dava-se em relacionar os sinais da Libras com os diferentes sinônimos em Português porque esse conceito não foi previamente explicado. Dessa forma, uma frase com o mesmo significado (como 'conseguir' ou 'arranjar' um trabalho, para mim, era confusa.

Algo que percebo na aula de Libras é a necessidade e dificuldade dos alunos em registrar no papel suas aprendizagens de Libras. De acordo com Quadros e

Karnopp (2004, p.51-61), a Libras é uma língua visuo-espacial, pois sua manifestação acontece a partir das mãos, dentro de um espaço limitado de sinalização, especificamente acima da cintura do sinalizante. Segundo as autoras, a Libras também utiliza as expressões faciais, que contemplam o movimento da boca, dos olhos e das sobrancelhas e também as expressões corporais, que compreendem o movimento das mãos, cabeça, dos braços, mãos e dorso. Esses aspectos linguísticos contemplam a gramática, fonologia, morfologia, da Língua de Sinais. Diante disso, o registro dessa língua, no papel, fica comprometido, pois um dos parâmetros fonológicos é o movimento que será discutido na próxima sessão. e segunda línguas, dando seguimento, então, ao bilinguismo¹² para os surdos.

Para os pais, muitas vezes é difícil ingressar em um curso de Libras, muitas vezes não possuem tempo, mas com um aplicativo em casa, podendo pesquisar e aprender os sinais das palavras pode facilitar e tornar melhor a comunicação com seus filhos. Também para o surdo, por exemplo, quando está estudando, pode ler uma palavra em português e não reconhecer e então é capaz de procurá-la no aplicativo, que mostra o sinal equivalente e, assim, facilitar seu desenvolvimento de compreensão e produção do português nesse contexto. O bilinguismo nesse caso se torna extremamente importante, pois de acordo com Carmozine (2012): O bilinguismo propõe a aquisição da língua de sinais como uma língua primeira (L1) e a língua portuguesa como uma segunda língua (L2). Sendo assim, vale descrever mais minuciosamente as características de cada uma delas.

Língua primeira (L1): refere-se à língua de sinais adquirida de maneira espontânea. A língua primeira (L1) interpreta e permite que o Surdo interaja com o mundo, não se fixando ao aprendizado do concreto. A L1 surge prontamente através de um canal visual espacial. Quanto antes adquirida pelo surdo, principalmente antes da idade crítica (por volta dos 5 anos de idade), mais este a dominará plenamente, conhecendo seus parâmetros e sendo assim capaz de aprender outras línguas. A L1 torna o Surdo um indivíduo distinto e não menor, que deve ter respeitadas sua cultura e sua língua.

Língua segunda (L2): língua oficial do país. Para o Surdo, é artificial e precisa ser aprendida por meio de estratégias específicas de aprendizagem de uma segunda língua, primeiramente na sua modalidade escrita e, caso possível, na sua modalidade oral. Para o aprendizado da segunda língua (L2), faz-se necessário que o surdo queira adquiri-la pois, como se trata de uma língua artificial, o interesse particular de cada um pesa, e muito, para a aquisição de uma nova aprendizagem. O aprendizado da L2 sem o domínio da L1 faz com que esta pareça rudimentar e limitada,

¹² O Bilinguismo, no caso dos Surdos, é uma especificidade do bilinguismo, gerido por conceitos específicos, relativos à surdez, à língua e à cultura dos Surdos.

pois somente ao dominar o uso da sua língua natural (L1) o Surdo terá elementos linguísticos suficientes para aprender um outro idioma, inclusive convivendo com uma outra língua e compartilhando a sua cultura (CARMOZINE, 2012, p.42-43).

Dessa forma, o Sinalibras é uma ferramenta que pode auxiliar no desenvolvimento desse bilinguismo necessário à comunidade surda. Esse aplicativo consiste em um glossário de famílias semânticas, disponível para *Android* que tem como objetivo ser um recurso para o ensino de Libras e, que nesse estudo será modificado/aprimorado na perspectiva da lexicografia comunicativa (BINON e VERLINDE, 2000, p.115), isto é, de uma lexicografia que facilite e favoreça a comunicação, dando aos aprendizes todas as informações necessárias para comunicar de forma produtiva, para construir seu discurso.

Hoje, os aparelhos de telefone são pequenos, rápidos, possuem uma alta tecnologia, sendo capazes de nos auxiliar facilmente. Podemos carregá-los conosco no bolso e usá-los em qualquer lugar que formos. É fácil para mim pegar o aparelho e rapidamente encontrar uma palavra caso necessário. Antigamente era mais difícil, haviam mais limitações, as informações demoravam mais para serem encontradas, o que hoje parece simples e leve com o celular, antes apresentava-se complexo e pesado, pois caso quiséssemos carregar a informação conosco, teria de ser carregando dicionários e livros conosco para acessar os dados.

No entanto, ainda assim, se o surdo precisasse realizar a leitura de tudo até encontrar informações, seria um processo altamente demorado, ao contrário do que é possível fazer hoje pelos *smartphones*, que através de um clique somos capazes de procurar um sinal e a explicação em Libras sobre o significado dele e a respectiva palavra em português. Os pais que não sabem Libras podem procurar os significados dos sinais utilizados e tirar suas dúvidas através do aplicativo.

O surdo que vai conversar com os pais e as vezes demora por não se lembrar das palavras em português para utilizar pode procurar ela no aplicativo e então fazer a datilologia em pouco tempo. A dificuldade do processo quando se utiliza o dicionário é que muitas palavras em português são extremamente parecidas, confundindo e deixando mais complicado encontrar qual a que carrega o significado daquilo que se pretende dizer.

Com os sinais em Libras dentro de um aplicativo mostrando a expressão, o espaço de sinalização, o sentido etc., essa confusão não acontece e podem ir

diretamente ao significado sem maiores dúvidas e intercorrências. O contrário também acontece. Com os pais tendo as palavras em português como referência, podem compreender em um menor tempo o que está sendo dito. Assim, a tecnologia facilita e colabora com a comunicação que antes era tão difícil, demorada e que para ocorrer perdia-se tanto tempo.

Neste sentido, justifica-se a realização desse estudo devido a importância da comunicação da tríade composta por pais, filhos e sociedade, a fim do reconhecimento antropológico do surdo como integrante de uma comunidade. Após essa explicação inicial sobre a pesquisa e escrita, esta Dissertação está estruturada em sete capítulos, sendo o primeiro a introdução; no segundo capítulo são apresentados os pressupostos teóricos da pesquisa divididos em quatro subcapítulos: “As línguas de sinais”, “Relações entre famílias ouvintes e crianças surdas”, “Lexicografia” e “Registro e dicionarização da língua de sinais”; no terceiro capítulo está descrita a metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação; no quarto capítulo são descritos os procedimentos da coleta e análise dos dados da pesquisa; no quinto capítulo são apresentadas as discussões sobre os resultados da pesquisa e, por fim, no sexto capítulo, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS

No século XIX a Língua de Sinais começou a ser registrada e estudada por um Abade francês chamado Charles Michel de l'Épée que, ao sentir-se instigado, procurou entender como acontecia a comunicação dos surdos, pois encontrou em uma sala onde suas duas filhas, irmãs gêmeas surdas¹³. Após anos de estudo e contato com esses sujeitos, no ano de 1755, ele funda a primeira escola de surdos na França, na cidade de Paris. Nesse espaço, a típica comunidade silenciosa foi por anos observada, permitindo ao pesquisador pensar sobre aquela língua, bem como registrá-la, procurando uma gramática que pudesse contemplar seus parâmetros linguísticos, tendo como base a estrutura gramatical do francês.

Assim, aos poucos, essa língua foi ganhando espaço e reconhecimento, surgindo, então, a Língua de Sinais Francesa. A partir desse momento novas línguas foram sendo criadas na América como, por exemplo: a American Sign Language (ASL)¹⁴, a Lengua de Señas Mexicana (LSM)¹⁵ e, também, a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS).

A língua de Sinais possui status de língua, embora seja gestual-visual. Sua fonologia demonstra os cinco parâmetros, que se faz de extrema importância apresentar de forma resumida os mesmos. Porém, inicialmente, é preciso conceituar o que é um sinal, base da comunicação entre os surdos,

[...] é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma

¹³ A vida e obra do abade Charles Michel de l'Épée (1712-1789) Disponível em: <https://cultura-sorda.org/abad-de-lepee/>

¹⁴ A American Sign Language (ASL) é uma linguagem natural completa que possui as mesmas propriedades linguísticas das línguas faladas, com gramática diferente do inglês. A ASL é expressa pelos movimentos das mãos e do rosto. É o idioma principal de muitos norte-americanos surdos e com deficiência auditiva, e é usado também por muitas pessoas ouvintes. Disponível em: <https://www.nidcd.nih.gov/health/american-sign-language>

¹⁵ A Língua Gestual Mexicana (LSM), é oficialmente reconhecida como língua nacional e faz parte da herança linguística que a nação mexicana possui. Disponível em: <https://www.gob.mx/bienestar/es/articulos/conmemoramos-el-dia-de-la-lengua-de-senas-mexicana-lsm>

parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Alguns linguistas e estudiosos da área como, por exemplo, Gesser (2009) e Quadros; Karnopp (2004) pontuam a respeito da importância do estudo sobre os cinco parâmetros linguísticos da língua de sinais.

1. Configuração das mãos: são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;
2. Ponto de articulação: é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;
3. Movimento: os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima têm movimento, com exceção de PENSAR que, como os sinais AJOELHAR; EM-PÉ, não têm movimento;
4. Orientação: os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar idéia de oposição, contrário ou concordância número pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;
5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, tem como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, em sua configuração. É o caso dos sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha, como LADRÃO, ATO-SEXUAL (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Diante da exposição dos parâmetros da língua, vale ressaltar que havendo língua em contato, sempre haverá variações e, com isso, mudanças linguísticas. A Libras, como sendo uma língua, também sofre com esse processo, seja para modificar o sinal ou, até mesmo, ampliar os vocábulos. De acordo Ferreira-Brito (1998, 2010) e Quadros e Karnopp, (2004), vários estudos sobre a descrição das línguas vêm sendo propostos a fim verificar os novos léxicos que surgem da necessidade linguística dos sujeitos e não como mera tradução de outra língua. Esse processo pode ser chamado de empréstimo linguístico.

Como bem se sabe, todas as línguas sofrem variações e, posteriormente, nelas surgirão algumas mudanças advindas desse processo. Com a Libras não é diferente, pois seu léxico está sempre em processo de transformação, seja para ampliar os vocábulos pertencentes a essa língua como, também, para renová-la. De

acordo com algumas pesquisas propostas (FERREIRA-BRITO, 1998, 2010; FELIPE, 1998, 2006; QUADROS e KARNOPP, 2004), o processo de descrição de palavras vêm sendo alvo de estudo, propondo um olhar com menos ênfase à questão do enriquecimento lexical por meio de empréstimos linguísticos, mas que essas novas palavras tenham seu surgimento a partir da própria língua. De acordo com Sandmann (1997), os empréstimos linguísticos na Libras precisam ser considerados recursos secundários de ampliação do léxico e não o foco principal, no que tange a evolução dessa língua. É necessário considerar que são línguas de modalidades diferentes precisam ser respeitadas para sua articulação e desenvolvimento. Como afirma (FELIPE, 2008, p.20),

A Libras é uma Língua Natural reconhecida, “A Libras, como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas, as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua”.

A Libras também é uma língua que teve como base outra língua, por isso é natural acontecerem alguns empréstimos linguísticos, pois nenhuma língua é considerada "Língua Natural". Toda e qualquer língua sempre terá influência ou resquícios de uma outra língua. Nesse caso, a Língua Francesa de Sinais tem grande influência sobre a Libras, que aos poucos foi consolidando-se, mas isso não descarta a realidade de que essa faz uso de sinais de outros países, assim como os demais países da América do Sul que, também, sofrem influências. Somado a isso, esse entrecruzamento entre as línguas fomenta a variação linguística.

Além disso, há fatores que podem preservar uma língua minoritária como, por exemplo, a chegada contínua de novos imigrantes, o isolamento da comunidade, o orgulho pela língua e pela cultura materna, com a consequente união do grupo em torno de sua preservação. Porém, isso nem sempre garante a unanimidade de uma língua. Outro fator importante de ser ressaltado é dado pelo contato linguístico, ocasionado pela chamada diglossia, que é a existência de duas línguas utilizada por um determinado grupo: uma língua oficial e a outra a língua de maior prestígio que são, respectivamente, a língua materna e a minoritária do país. Essa realidade é bastante comum para os surdos, pois, de acordo com Calvet (2002), a língua oficial

é usada nos meios sociais como, por exemplo, na escola; e a língua materna é usada no seio familiar e em poucos domínios públicos. Língua materna essa que para muitos surdos, durante décadas, tratava-se do uso do oralismo, excluindo toda e qualquer manifestação em Língua de Sinais. Atualmente, o cenário se desenha a partir de uma língua reconhecida legalmente e que é de direito de todo cidadão surdo utilizá-la.

Assim, somado ao que já foi exposto, o Linguista William Labov corrobora com a ideia de variação linguística e enfatiza que a língua não pode ser vista sem os fatores sociais que a cercam. Dentre eles, a teoria Sociolinguística Variacionista que busca estudar os fatores intralinguístico e extralinguístico, bem como eles, através de dados, estão interligados e influenciam nesse fenômeno linguístico chamado de variação.

Os fatores linguísticos podem ser classificados em dois grupos: os de ordem intralinguístico, que são influências da língua na própria língua e os de ordem extralinguísticos que são: gênero, idade, classe social, escolaridade, entre outros. São fatores que estão ligados diretamente à língua e que acabam por delimitá-la e, posteriormente, modificá-la.

Para Albres (2005, p.1), a Libras é uma língua de modalidade espaço-visual e que não teve sua origem da Língua Portuguesa, que é fundante na oralidade e, assim, considerada oral-auditiva. Trata-se de uma língua que teve como fonte a Língua de Sinais Francesa de modalidade viso-espacial.

As Línguas de sinais, por outro lado, são produzidas por movimentos das mãos, do corpo e expressões faciais em um espaço à frente do corpo, chamado de espaço de sinalização. A pessoa “recebe” a sinalização pela visão, razão pela qual as línguas de sinais são chamadas de visuoespaciais ou espaço-visuais (HARRISON, 2014, p.31).

A Língua Portuguesa teve sua contribuição no que diz respeito à construção lexical da Língua Sinais Brasileira por meio de adaptações advindas do contato entre ambas as línguas. Além disso, a comunidade surda no Brasil é bastante forte e luta em prol de suas causas. A língua não pode ser objeto de exclusão, mas deve ser o elo onde passa cultura, identidade e acima de tudo respeito entre os indivíduos.

2.2 RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS OUVINTES E CRIANÇAS SURDAS

Meu pai é surdo, de uma família de três irmãs surdas e um irmão surdo e, minha mãe, ouvinte. Entretanto, em minha casa não se utilizava Libras. Meus pais comunicavam-se por sinais caseiros. Minha família, ao contrário de várias famílias de pais ouvintes-filhos surdos, entendia minha surdez, embora ainda não tivéssemos uma língua para nos comunicarmos, usávamos os sinais caseiros.

De acordo com Lebedeff e Rosa (2013), crianças surdas sem contato com a Línguas de Sinais utilizadas nos centros urbanos das comunidades surdas e da cultura surda podem desenvolver um sistema gestual para se comunicarem com seus pais. Esse sistema é chamado de "sinais caseiros".

Para Skliar (1997, p.129), a maioria das crianças surdas - 95% ou 96% - não têm a mesma possibilidade que os filhos de pais surdos; pelo contrário, essas crianças crescem e desenvolvem-se dentro de uma família ouvinte, que geralmente desconhece, ou, se conhece, rejeita a língua de sinais. Ou seja, só 4% ou 5% das crianças surdas - segundo as estatísticas internacionais - nasce e se desenvolve em seus primeiros anos de vida dentro de uma família com pais surdos (SKLIAR, 1997, p.128-129).

Sob essa perspectiva, percebe-se que a família de ouvintes tem apresentado dificuldades em passar por essa experiência, "independente do momento em que os pais entram em contacto com a deficiência de seu filho e quão maduros possam ser, essa é sempre uma reação envolta em muita dor, medo e incerteza" (BATISTA e FRANÇA, 2007, p.119).

Com relação a surdez, pode-se observar que pais ouvintes muitas vezes não percebem que a criança poderá desenvolver-se, ser autêntica e feliz, integrando a surdez como parte de sua vida e de sua identidade, independentemente de sua opção linguística (BERGMANN, 2001, p.154).

Boscolo e Santos (2005, p.165) relatam que a dificuldade de comunicação com a criança surda passa a ser um fator preocupante para os pais, resultando na insegurança e na dúvida. A questão da língua a ser usada é imprecisa e esta insegurança culmina na utilização de uma mescla entre a língua portuguesa e gestos ou mímicas, tornando extremamente pobre a comunicação entre os sujeitos. Percebe-se que a criança surda, na ausência de uma língua em comum com a

família, fica impossibilitada de acompanhar a maioria das conversas partilhadas. Nesse sentido, a imagem inicial, após o diagnóstico confirmado da surdez, reforça que seus filhos serão “mudos”.

Oliveira e Córdula (2018) acreditam que todos esses estereótipos e implicações que a sociedade vê na pessoa surda não estão no fato da falta da comunicação, ou seja, na dificuldade de compreendê-los, mas na falta de informação sobre a Língua de Sinais, na falta de interesse em socializar essa língua ou mesmo na própria resistência à aceitação dos sujeitos surdos, que, por terem uma linguagem própria, passam também a possuir cultura e identidade social próprias. Para os autores é papel da família identificar o quanto antes a condição de surdez na criança para que se possa buscar a melhor forma de comunicação e de fortalecimento das inter-relações e, ao mesmo tempo, buscar, pela Libras, implantar o bilinguismo para que todos possam se comunicar plenamente e desenvolver assim a criança e prepará-la para ingressar no âmbito escolar.

Frente às situações acima explicitadas, Barbosa (2004, p.7) questiona,

e a família em que a surdez está inserida entre um ou mais filhos, como se daria o desafio do diálogo? Tal problemática agora se mostra mais complexa e com mais um obstáculo: o grau de maturidade da família para lidar com esse desequilíbrio, já que se comunicam através de uma rudimentar representação simbólica ou gestual, suficiente apenas para garantir o mínimo de entendimento entre as partes.

Nesse sentido, como aconteceria o desafio do diálogo? Da interação? Sabe-se da importância da interação comunicativa na família para o desenvolvimento infantil. Muitos pais relatam o trabalho e a falta de tempo para fazer cursos de Libras, seja por problemas de horário ou preguiça. Portanto, acredito que um aplicativo, o uso da tecnologia, pode ajudar muito a família. Existem dicionários de Libras impressos que os pais podem procurar sinais para se comunicar com os filhos surdos. Mas, em um aplicativo, bastaria a mãe abrir a sinalização de "Bom dia" e em poucos segundos já poderia aprender. O celular pode ser utilizado na rua, em casa ou na empresa. A seguir discutirei as possibilidades de registro e dicionarização das Línguas de Sinais para, posteriormente, apresentar a proposta do uso do Aplicativo Sinalibras.

2.3 LEXICOGRAFIA

As línguas de sinais, como já pesquisado e registrado, são consideradas línguas naturais. Graças aos estudos na área da Linguística realizados pelo linguista americano Willian Stokoe, na década de 1960, hoje, as Línguas de Sinais apresentam características semelhantes às Línguas Orais. Ou seja, pode ser pesquisada, consolidada por quaisquer áreas da Ciência da Língua, como, por exemplo, fonologia, morfologia, semântica e outras estruturas linguísticas. Justamente por apresentar esse caráter dinâmico se faz importante a pesquisa a partir de uma das áreas da linguística: a lexicografia. A lexicografia se detém a estudar as formas de registros das línguas em dicionários, se preocupa com a história, com a organização do trabalho lexicográfico, sobre os estudos críticos, crenças sobre uso dos dicionários e etc.

Diferentemente das línguas orais, por causa de sua modalidade, o registro do léxico da LIBRAS em uma obra como o dicionário, app deve levar em consideração, principalmente, os aspectos visuais impressos nessa língua, então o registro deve ser claro, que quem o utilize consiga visualizar esses aspectos.

Pesquisando sobre o trabalho lexicográfico encontra-se o pesquisador, Weinreich (1984). O autor salienta que o produto é diverso, tendo em vista que esse fazer não se encerra somente na construção de um dicionário (e esse não deve ser compreendido como algo singular), isto é, “O produto do trabalho do lexicógrafo aparece de vários modos: dicionários monolíngues (sic.) e plurilíngues (sic.), dicionários de sinônimos, ‘thesauri’, dicionários enciclopédicos, estudos de campos de palavras e similares” (WEINREICH, Apud Souza, Bezerra e Pontes, 2018, p.67).

Opta-se, neste trabalho, por uma perspectiva tanto de investigação como de produção, por uma “lexicografia comunicativa” (CORREIA, 2008), porque, segundo a autora, trata-se de uma lexicografia centrada no consulente, visando incrementar o seu domínio de língua, a sua produção linguística – para além da mera compreensão – e a sua capacidade comunicativa.

Cabe salientar novamente que a modalidade da língua tem que ser pensada em um trabalho lexicográfico. O registro do léxico de uma língua oral é diferente de uma língua sinalizada. Este pode ser assimilado através de imagens ou palavras que somos capazes de perceber. Ocorre de maneira diferente para surdos e

ouvintes. A maneira natural dos surdos adquirirem o léxico possui referência na visualidade e se constrói através dos sinais, enquanto os ouvintes constroem o léxico baseados no registro escrito e sonoro, como é apresentado na Figura 1.



Figura 1 – Surdo e Ouvinte.

Fonte: Colagem produzida pelo autor.

Na Tabela 1 apresenta a forma de compreensão e assimilação das pessoas ouvintes e surdas.

Coluna Surdo	Coluna Ouvinte
A imagem real se transforma no sinal de bola, sem utilizar a palavra/ o desenvolvimento do surdo e sua aquisição e significação de mundo, do conhecimento humano, é adquirida de maneira visual, através das imagens.	Vê a bola, acessa a imagem mental de bola igual, da mesma forma que o surdo e posteriormente acessa a palavra bola o desenvolvimento do ouvinte ocorre de forma auditiva. A assimilação e significação do mundo ocorre através da percepção dos sons (audição) e também do que vê, sem utilização da língua de sinais para a comunicação.

Tabela 1 – Surdo e Ouvinte.

Fonte: Autor.

Baseado nessa forma diferente de compreensão e significação de surdos e ouvintes que o aplicativo Sinalibras é construído, utilizando tanto palavras quanto sinais para o acesso às informações, assim como é mostrado no exemplo. Ainda acerca da forma de aquisição e assimilação das línguas, sabe-se que,

Outro fator que explicita a característica natural das línguas de sinais é a sua organização cerebral. Estudos desenvolvidos no Laboratório de Neurociências Cognitivas da Universidade da Califórnia com surdos com lesões cerebrais estabeleceram que o hemisfério esquerdo subserve as funções linguísticas para língua de sinais, apesar de que a ASL utiliza distinções espaciais e ser processada visualmente - domínio para os quais os hemisférios direitos de pessoas ouvintes têm sido encontrados como dominantes (EMMOREY, BELLUGI & KLIMA, 1993, p.19).

Em outras palavras, para Lacerda e Santos (2013, p.29), significa que, embora as línguas de sinais sejam produzidas principalmente por movimentos das mãos no espaço (o que em pessoas que ouvem e falam é percebido pelo hemisfério direito do cérebro), esses movimentos são percebidos pelo hemisfério esquerdo das pessoas surdas que usam língua de sinais, porque são entendidos como língua, e não como um movimento ou gesto.

2.4 REGISTRO E DICIONARIZAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Essa seção visa apresentar os diferentes tipos de dicionários brasileiros que dão suporte às pesquisas lexicais da Língua de Sinais. Busca-se apresentar a história mundial desse material de pesquisa, desde os primeiros exemplares até o presente momento: primeiro quando esse material era disponibilizado de maneira impressa e atualmente de forma digital. Porém, entre ambos os exemplares há diferentes versões que são apresentados como, por exemplo, DVD, digital e, agora, como aplicativo de celular.

Esse estudo traz a história desses materiais, sua evolução e a comparação entre o que era produzido no passado e o que atualmente é mais utilizado. Essa evolução também acontece de diferentes formas: antigamente como algo bem paulatino, até mesmo no que tange à busca dos léxicos e, agora, de maneira simples e bastante ágil no que se refere à busca e à evolução do material. No que

competem à composição de cada um deles, estruturam-se de diferentes formas, sejam elas a partir da imagem, foto, vídeo ou ilustração dos sinais.

Inicialmente, foram escolhidos três livros que trazem como foco de pesquisa o estudo de dicionários propostos por Heloise Gipp Diniz, Edivaldo da Silva Costa e Vilma Rodrigues Cardoso. Nessa busca, quatro tipos de publicações de dicionários foram encontrados: em papel, dvd, internet e, atualmente, como aplicativo de celular. No Brasil, é possível traçar essa linha do tempo marcada por visível evolução, como mostra a Figura 2.

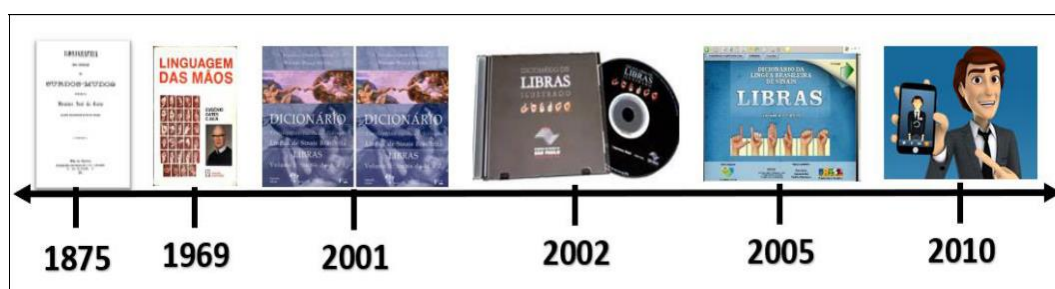


Figura 2 – Linha do tempo Dicionários de Libras no Brasil.

Fonte: Colagem produzida pelo autor.

Escolhi esses elementos para comporem a linha do tempo para mostrar que através de uma pesquisa encontrei várias formas de publicação no Brasil, como as de Flausino, um personagem francês que veio para o Brasil e foi o primeiro a traduzir materiais franceses sobre a Língua de Sinais que foram, posteriormente, difundidos no Brasil. Mais adiante dicionários enormes foram impressos, um material mais completo. Com o passar do tempo, as produções foram acompanhando o desenvolvimento tecnológico. Houve a confecção de materiais em DVD, que comportavam além da configuração de mão do sinal também as expressões, os movimentos do rosto e do corpo, etc. A criação da internet também possibilitou a disponibilização dos conteúdos e seu acesso através dela e, por último, temos o surgimento dos smartphones, que hoje são muito utilizados para o acesso a ambientes virtuais e podemos carregar conosco para qualquer lugar.

Essa linha do tempo visa apresentar apenas um panorama geral. Diferentemente da pesquisadora Francielle Cantarelli Martins, por exemplo, que pesquisou profundamente as informações referentes aos contextos históricos em sua pesquisa intitulada “Terminologia da Libras: coleta e registro de sinais-termos da área da psicologia”, eu trago, aqui, apenas uma perspectiva geral, apenas alguns

marcos principais ao longo da história para ilustrar como aconteceu o percurso até chegar a utilização de aplicativos de celulares, objeto de minha pesquisa.

Há vários registros históricos de obras lexicográficas da Libras no Brasil:

- 1875 – Surdo Flausino José da Gama, com 399 sinais¹⁶.
- 1969 – Eugênio Oates, com 1300 sinais^{17,18}.
- 2001 – Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, com 9.500 verbetes.
- 2002 – Dicionário de LIBRAS Ilustrado – Secretaria de Educação do Governo de São Paulo. Disponível em CD-ROM, com 43.606¹⁹.
- 2005 – Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja Lira (INES/RJ). Disponível em Internet, com 5.863 sinais em sua 2 ed²⁰.
- 2010 – Aplicativo ProDeaf. A ideia do aplicativo nasceu em 2010 nas salas de aula do curso de mestrado em Computação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a partir da história do estudante Marcelo Amorim, que é surdo²¹.

Os primeiros registros dessas obras lexicográficas aconteceram no séc. XIX, no ano de 1875, com a obra de Flausino José da Gama. A próxima obra só foi publicada no século seguinte, no ano de 1969 e produzida pelo Padre Eugênio Oates.

No ano de 2001 foi lançada a importantíssima obra de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael com o expressivo número de 9.500 verbetes. No ano seguinte, em 2002, o governo de São Paulo propôs um dicionário ilustrado com 43.606 verbetes. Após três anos e, em formato de CD-Room, Tanya Amara Felipe de Souza juntamente com Guilherme de Azambuja Lira publicam o dicionário digital de Libras com 5.863 sinais. E, a última versão e mais atual é proposto por Marcelo Lúcio Amorim em formato de aplicativo de celular, o ProDeaf. A seguir, este

¹⁶ Disponível em: <https://editora.araraazul.com.br/site/baixar.php?arquivo=1436195724.pdf>

¹⁷ Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/dicionario-da-lingua-de-sinais-exigiu-25-anos-de-pesquisas/>

¹⁸ Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/34833703/Linguagem-das-Maos-Eugenio-Oates>

¹⁹ Disponível em: http://www.amesp.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=78:libras- agora-acessivel-em-dicionario-eletronico&catid=7:qualidade-de-vida

²⁰ Disponível em: http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.html

²¹ Disponível em: <http://www.prodeaf.net/>

trabalho contemplará de maneira minuciosa as características e composição de cada uma das obras supracitadas.

2.4.1 As Obras e suas Particularidades

Com o apoio do diretor Tobias Leite, foi produzido no Brasil o primeiro documento para nortear a aprendizagem e consulta de sinais manuais por pessoas motivadas em comunicar-se com surdos foi a “*Iconographia dos Sinaes dos Surdos-Mudos*” publicado em 1875, criada pela iniciativa de Flausino José da Costa Gama, aluno do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos²². A obra original foi adaptada pelo francês Pierre Pélissier e publicada, originalmente, na França em 1856.

A obra estruturava-se de forma semelhante a um dicionário. A obra de Flausino constitui-se basicamente de 382 estampas, compostas por imagens referentes aos sinais que foram escolhidos para compor o léxico e, também pelos verbetes em Língua Portuguesa correspondentes ao significado desses mesmos sinais (SOFIATO E REILY, 2011).

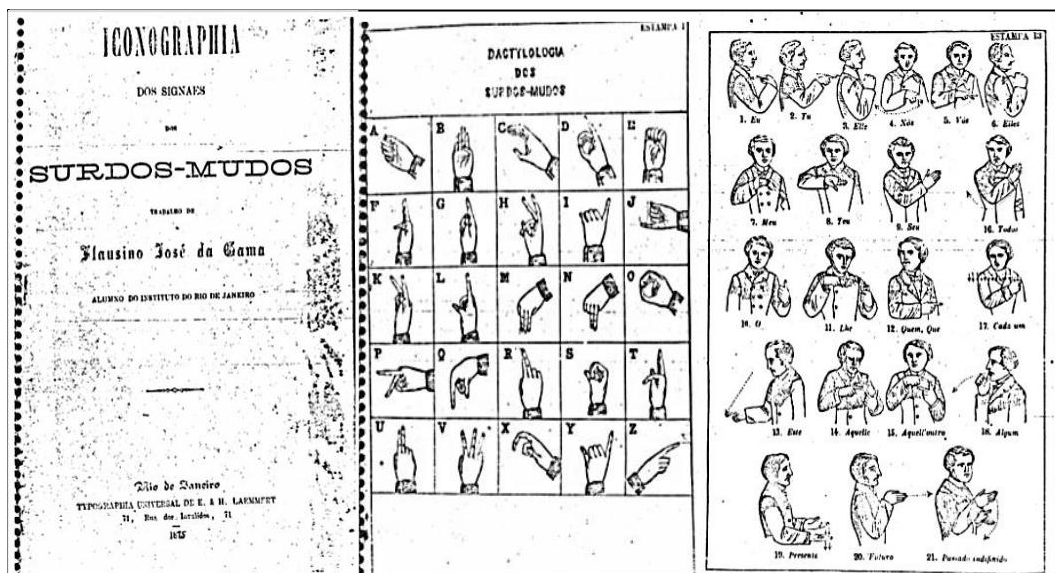


Figura 3 – Primeiro dicionário de Libras.

Fonte: http://www.editora-arara-azul.com.br/flausino_gama.pdf.

²² Atualmente o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Como é possível observar, trata-se de um material com desenhos simples com registro do nome abaixo e em preto e branco. Além disso, o material apresenta inicialmente o alfabeto manual que é fonte para a opção de datilologia. Por tratar-se do primeiro dicionário da Língua de Sinais, contemplava um número bastante reduzido de sinais, totalizando 399 verbetes.

Épocas diferentes e distantes, tendo sido as obras lexicográficas registra as no ano 1875 e as terminológicas na década de 20. Pela nossa percepção, os elaboradores de obras lexicográficas em Libras na época preocupavam-se com a comunicação entre sujeitos ouvintes e surdos, pais ouvintes e filhos surdos, leituras bíblicas, entre outros. Nas últimas décadas, as pesquisas científicas brasileiras sobre Libras se expandiram, e foram criadas lei e decreto que reconhecem que a Libras é a língua dos surdos brasileiros e que sujeitos surdos têm os mesmos direitos que sujeitos ouvintes. Além disso, os surdos começaram a frequentar cursos técnicos e de ensino superior, nas diversas áreas especializadas e, assim, os elaboradores das obras terminológicas perceberam que eles convivem em um âmbito que tem termos especializados e que alguns termos não tinham correspondência com o português (MARTINS, 2018, p.154).

Somado a isso, o dicionário traz o desenho de uma pessoa que produz o sinal. Nota-se que há falta de expressão facial, um dos parâmetros da Língua de Sinais. Além disso, a movimentação dos sinais é dada por setas que direcionam o sinal. Sendo assim, trata-se de um material simples, mas importante para pensar evolução contínua de todos os processos que envolvem línguas. Somado a isso, o método de impressão a partir de imagem desenhada sobre uma base, em geral de calcário especial, conhecida como Pedra Litográfica foi a utilizada neste dicionário, conforme mostra a Figura 4.



Figura 4 – Pedra Litográfica.

Fonte: <http://7dasartes.blogspot.com/2011/09/o-que-e-litografia.html>.

A pedra litográfica é um agregado sólido de formato bidimensional, que é marcado através de materiais como tuche, lápis e *crayons* litográficos à base de gordura. Logo após é colocado um papel em cima dessa superfície e um rolo é utilizado para que o desenho fique marcado e, assim, ao retirar esse papel, tem-se o desenho impresso na folha. Essa superfície sólida pode fazer novos exemplares e sua primeira publicação recebeu o nome de *iconographia*, técnica de registro utilizada no primeiro livro de Libras no Brasil.

No ano de 1969, o Padre Eugenio Oates publica o segundo dicionário de Libras intitulado *Linguagens das Mãos*. Trata-se de um livro bastante reconhecido, pois para a época apresentou inovações no formato em que foi apresentado. A seguir, na Figura 5 a imagem da obra.



Figura 5 – Terceiro Dicionário de Libras.

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/34833703/Linguagem-das-Maos-Eugenio-Oates>.

Esse dicionário teve grande aceitação do público por contemplar um expressivo número de sinais: 1.300. Além disso, embora tenha sido publicado em branco e preto, a obra apresenta a foto do sinal e alguns parâmetros da língua como, por exemplo, configuração de mãos e direção do sinal. Não havia desenhos dos sinais e, sim, fotos. Outro ponto importante a ser ressaltado é que em boa parte da obra a reprodução do sinal não contava com a expressão facial adequada e equivalente ao sinal e nesse sentido há uma falta, pois “é certo que (...) pode e devem ser usadas expressões faciais que ajudam a comunicação da palavra: um

olhar interrogativo no caso de uma pergunta, um olhar alegre para demonstrar alegria ou um olhar triste para expressar uma tristeza” (OATES, 1969, p.9).

Porém, foi com o passar do tempo que novos dicionários foram sendo propostos. Após duas décadas, uma grande obra é publicada. No ano de 2001 o Dicionário Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira é lançado e tem como autores os renomados Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael. Este, trata-se de uma obra completa e que oferece ao leitor diferentes visões e explicações sobre cada sinal. É um material extremamente rico no que tange a sua forma e conteúdo, pois conta com a foto, imagem e uma sequência de ilustrações sobre o sinal. Além disso, um ponto bastante caro à obra é o sinal e sua respectiva escrita em Língua de Sinais, a chamada *SignWriting* – SW²³.

Somado a isso, há uma breve descrição de como utilizar e adequar cada sinal a um devido contexto, levando em consideração sua gramática, bem como a informação se este se trata de um sinal icônico²⁴, ou não. Há muitos detalhes e explicações sobre cada sinal nesta obra e, por esse motivo, há a necessidade deste estar posto em dois tomos. A seguir, na Figura 6, o material lexicográfico. Vale ressaltar que há uma nova e mais atual versão deste material que foi publicada no ano de 2017 tendo em torno de 14.000 verbetes (referência).

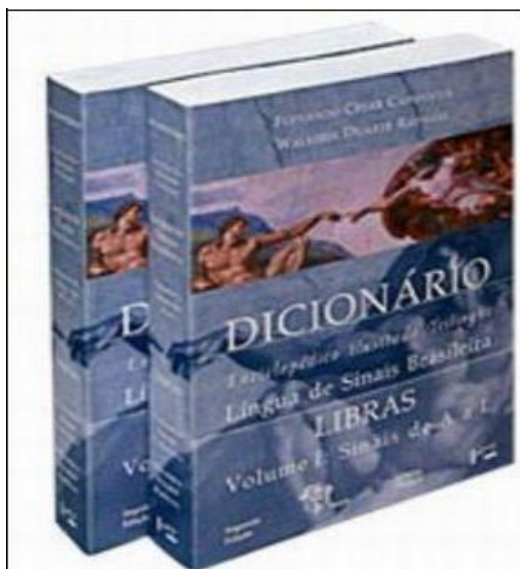


Figura 6 – Dicionário de Libras em dois volumes.

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=1545>.

²³ SignWriting é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais, consideradas agrafas. Criado pela Valerie Sutton em 1974. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>

²⁴ Sinal Icônico: é a reprodução de uma imagem do referente, isto é, ao olhar para o sinal a pessoa já identifica o que é, pois se trata de uma reprodução do objeto.

Até este momento, pensando-o de maneira histórica como produção de obras em material impresso, a renovação desse material acontece no ano de 2002 quando é lançado o primeiro Dicionário de Língua de Sinais em versão DVD, que foi lançado em São Paulo. Essa obra foi nomeada como Dicionário Ilustrativo do Governo de São Paulo como sendo uma proposta oficial do próprio Estado. Para fins de acesso ao conteúdo dessa obra midiática, o DVD era colocado em um computador que, ao abrir uma janela com o vídeo, disponibilizava um espaço para busca do sinal desejado. Nessa opção de consulta, o usuário tinha acesso ao sinal com movimento, configuração de mão, significado e sinônimo. Além disso, disponibilizava legenda em Língua Portuguesa, apresentando uma clara visualização dos sinais. Esse material disponibilizou várias versões, dentre elas a proposta pelo INES. A seguir, na Figura 7 a imagem do dicionário.



Figura 7 – Dicionário de Libras Ilustrado.

Fonte: <http://surdosgeradospordeus.blogspot.com/p/downloads.html>.

Ainda em meio as novas tecnologias que vieram a somar também nesse processo de materiais de consultas lexicográficas, os dicionários sofreram positivas modificações. Com o auxílio da tecnologia, vários vídeos na internet são postados a todo o momento, registrando a evolução dos sinais, bem como a troca de informação a respeito da Língua de Sinais. No ano de 2005 uma nova e moderna versão de dicionário é proposta e, dessa vez, assinada por Tanya Amara Felipe de Souza, juntamente com Guilherme Azambuja Lira que levou o nome de Dicionário Digital de Língua de Sinais. Trata-se de uma versão *online* de busca dentro de um

site que é próprio do sistema e disponibiliza a tradução do sinal da Língua Portuguesa para a Libras e vice-versa. Somado a isso há uma gramática da Língua Portuguesa disponível, bem como uma janela com a reprodução do sinal solicitado. A seguir, na Figura 8, a imagem da página do site, que é considerado de fácil interação e uso.



Figura 8 – Dicionário de Libras Digital.

Fonte: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.

E, por fim, dentro de uma sequência evolutiva dos diferentes dicionários, o último deles que lança mão da tecnologia como fonte principal de recurso. Os avanços tecnológicos fomentaram o desenvolvimento de aplicativos digitais e que podem ser baixados para o uso no celular. Dentre eles, um destaque para o aplicativo *Prodeaf*, que aceita tradução de distintas formas: áudio ou vídeo com sinais. Trata-se de um sistema que foi pensado com o objetivo de auxiliar nas demandas dos próprios surdos. Marcelo Lúcio Amorim, no ano de 2010, em conjunto com Flávio Almeida, Amilton Chagas e Lucas Mello desenvolveram o aplicativo.

Porém, este é apenas uma das opções disponíveis de aplicativos/dicionários disponíveis no mercado que oferecem o recurso de um avatar que sinaliza as palavras solicitadas. A seguir, na Figura 9, o aplicativo *Prodeaf*.

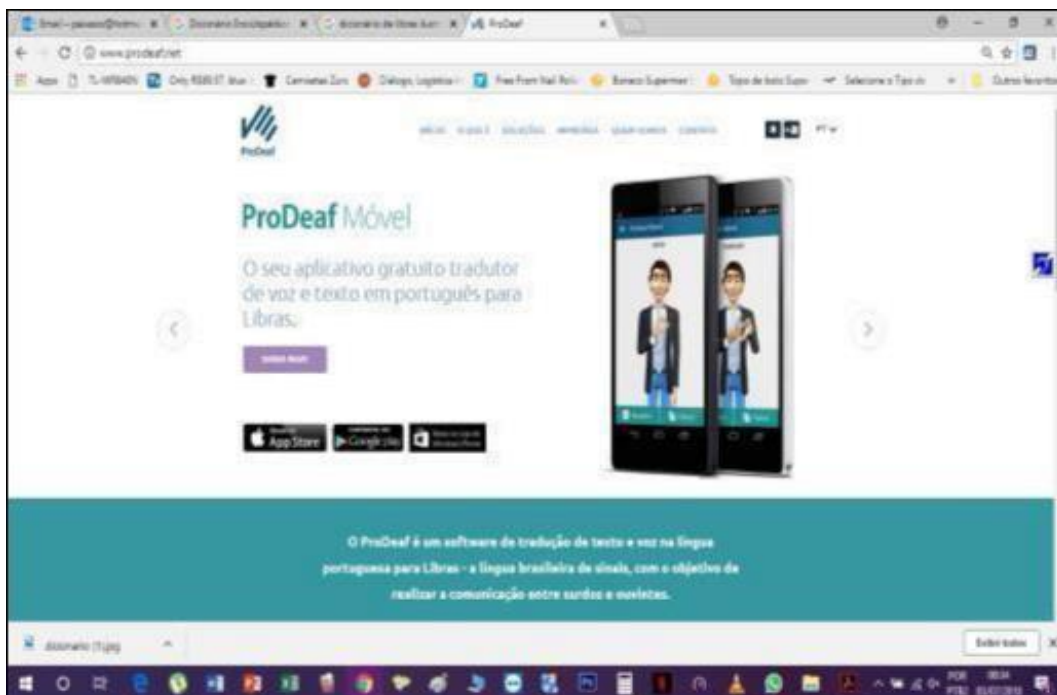


Figura 9 – Dicionário de Libras - Versão Aplicativo de Celular.

Fonte: <http://www.prodeaf.net/>.

As novas tecnologias assistivas proporcionam acesso aos diferentes tipos de aplicativos que funcionam como tradutores/dicionários de Libras utilizando avatares como, por exemplo, *Hand Talk*, *Prodeaf*, *Vibras*. Tratam-se de recursos para consulta linguística, embora muito duros, robotizados e com poucas expressões faciais. Assim, é necessário cuidado com o uso desses aplicativos, pois um adulto surdo sabe a importância dessas expressões faciais e corporais na comunicação, mas uma criança em processo de aquisição de língua de sinais, ao se deparar com esses avatares, não compreenderá da melhor forma o que está sendo sinalizado ou, até mesmo, adquirir expressões equivocadas.

Os avatares não possuem algumas capacidades exclusivamente humanas de tradução entre o português e a língua de sinais. Expressam de forma mecânica e robotizada os sinais, as frases, e suas produções muitas vezes carregam defeitos e deixam a desejar, pois seu tipo de inteligência é diferente da humana. Como exemplo, podemos pensar em uma frase colocada em um aplicativo que utiliza avatar, como “eu preciso fazer estudo celular”, e ele traduz o sinal de aparelho celular ao invés de célula da área da biologia que seria a certa nesse caso, uma questão de contexto para tradução correta. Ou, então, a frase “eu estou procurando a manga”, no caso a manga seria de uma roupa ou a fruta? Nesses casos há uma confusão na tradução que depende de uma compreensão de contextos para ocorrer

e que ainda não são resolvidas pelos sistemas que utilizam avatares. A inteligência artificial desses sistemas, nesse sentido, ainda não está pronta, pois exige um aprofundamento e estudo que talvez sejam aperfeiçoados apenas no futuro, fora o detalhamento e sutilezas do conjunto facial que compõem as expressões faciais como movimentos do nariz, boca, etc.

Os avatares muito auxiliam na comunicação entre os sujeitos, mas pecam ao não dar atenção aos outros requisitos mínimos das Línguas de Sinais, trazendo somente o movimento das mãos ao fazer o sinal e sem usar as expressões faciais para ajudar a transmitir a mensagem. Diante disso, pode-se dizer que este são os maiores problemas relacionados ao uso de avatares: falta de expressão e sinais robotizados. Para Quadros, Pizzio e Rezende (2009) é preciso respeitar os parâmetros das línguas de sinais, além de atentar para o uso das expressões faciais e corporais no ato de comunicar.

Entendemos, por meio deste estudo, que não há uma regra a ser seguida ou copiada para se expressar diante de uma determinada situação, pois cada pessoa reage diferente, tem seu próprio gesto corporal. Desse modo, quando estivermos nos comunicando com uma pessoa surda, seja um adulto ou criança, através da língua de sinais, a LIBRAS, é preciso olhar para os olhos, para a face, do surdo, a fim de acompanhar sua expressão facial no momento em que estiver transmitindo seu recado, pois somente as mãos sinalizando não transmitirão toda informação (GOMES; BENASSI, 2015, p.237).

Assim, é importante pensarmos na necessidade de contato com a comunidade surda para a aprendizagem da Libras, observando as expressões faciais e corporais desses sujeitos. Os avatares ajudam, sim, mas não são modelos a serem seguidos em função de não contemplarem todos os parâmetros da Libras, pecando drasticamente pela falta de expressões corporais e faciais ao falar/sinalizar. Somado a isso, esse contato é ainda mais importante ao tratarmos de crianças surdas em processo de aquisição de língua, pois é necessário que tenham contato com outros surdos a fim de adquirir a língua de forma natural e lançando mão de todos os parâmetros necessários.

Mais recentemente, no Brasil, tem-se disponibilizado, na *WEB*, o *SPREaD d the Sign*, que é um dicionário mundial digital que dá acesso a diferentes línguas de sinais de diversos países. É gratuito, aberto ao público e serve como objeto de estudo e pesquisa de sinais pertencentes a língua de diferentes países.

Durante o início do processo de aprendizagem de qualquer língua é comum que consultemos dicionários, uma ferramenta importante para a aprendizagem de novos itens lexicais. Entretanto, a utilização de dicionários não se restringe apenas ao início da aprendizagem, pois conforme Diéguez (2010) consultas de palavras e definições em dicionários podem contribuir para o aprimoramento linguístico quando já se conhece uma língua, inclusive sendo uma peça fundamental para as pessoas que se dedicam à tradução.

Na Europa foi onde começou o desenvolvimento do *SPREaD The Sign* e, aos poucos, outros países somaram-se a essa pesquisa a fim de contemplar o maior número de sinais, bem como suas variações. No ano de 2006 a plataforma contava com 1.200 sinais e no ano de 2008 o número quase triplica, totalizando 5 mil sinais. No ano de 2015 o número de sinais registrados chega a 15 mil. Trata-se de um dado não atualizado e que, provavelmente, já tenha se modificado para outros tantos sinais. Marlene Hilzensauer e Klaudia Krammer, em um dos seus estudos, publicam um artigo sobre multilinguismo, contemplando análises do dicionário *SPREaD the Sign*, contando a história da criação e evolução dos diferentes dicionários: desde o impresso ao atual modelo de aplicativo de celular. A seguir, na Figura 10, a imagem da página inicial do site *SPREaD the Sign*.

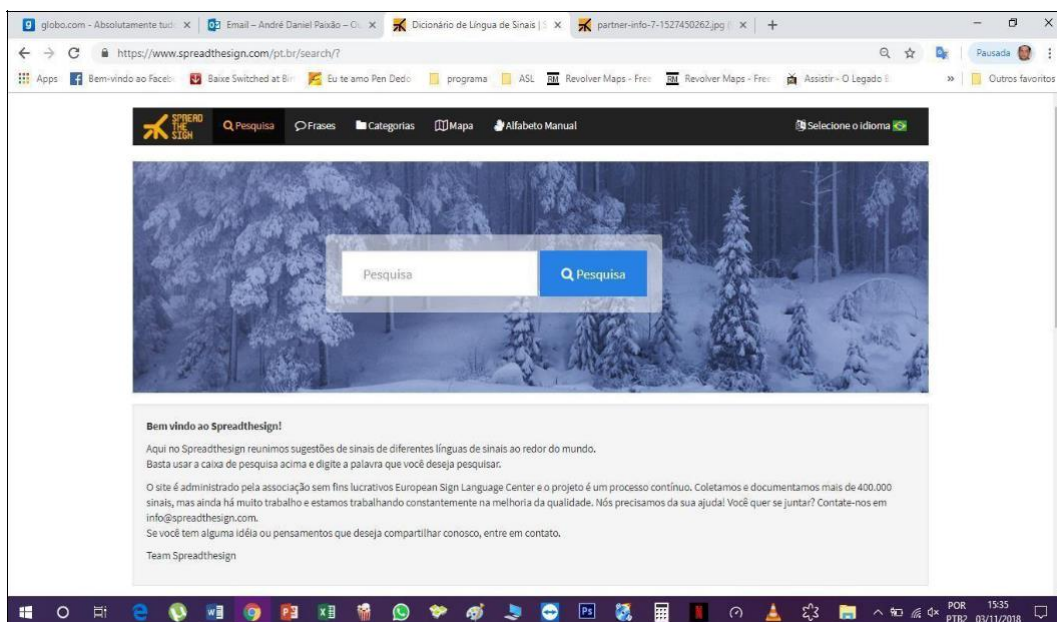


Figura 10 – Página inicial do site *SPREaD the Sign*.

Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>.

É possível observar na Figura 10, no canto direito, o sistema da página possibilita ao usuário a escolha da língua a qual busca informação. Com isso, muitas pessoas têm acesso, pois a escolha pela língua viabiliza transitar na página e buscar as informações desejadas. Além disso, no meio da página, como sendo um site de busca por sinais, prontamente o usuário tem acesso a opção de pesquisa que, ao colocar a palavra desejada, tem acesso ao sinal e em um *clik* abre outra aba com o sinal solicitado, como mostra a Figura 11.

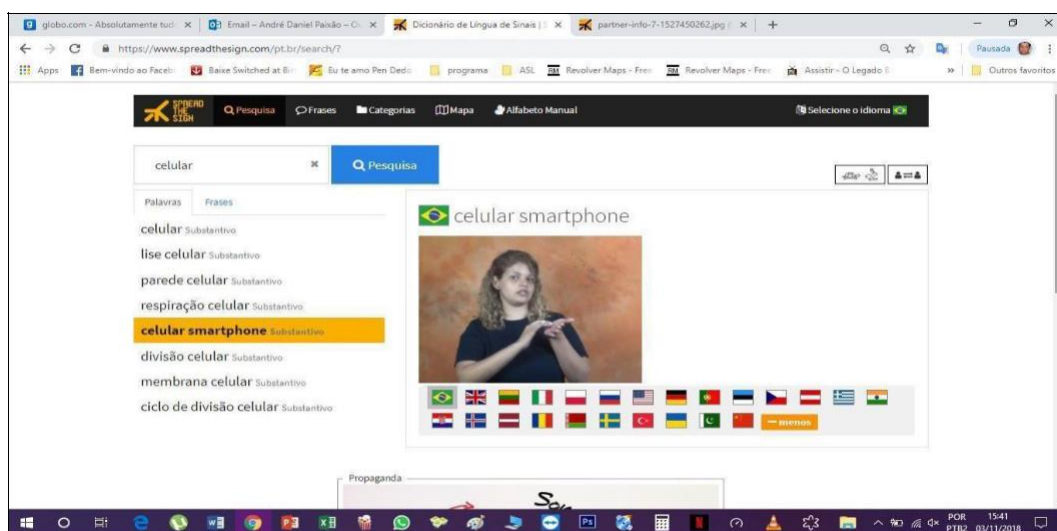


Figura 11 – Página após consulta de sinal.

Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/?>.

Pode-se observar, na Figura 11, que a busca direciona para essa aba da página em que a intérprete traduz o sinal. Além disso, logo abaixo de onde está localizada a intérprete, as bandeiras dos diferentes países inferem a possibilidade do usuário conhecer o sinal em variadas línguas. Trata-se de site simples, mas com muito conteúdo linguístico.

Assim, diante da exposição dos diferentes tipos de dicionários, bem como a evolução desses materiais é que este trabalho é proposto. Ao comparar os diferentes tipos disponíveis e apresentá-los nesse estudo, torna-se visível o processo evolutivo, desde a forma que essas obras chegam ao mercado, bem como suas estruturas. Como foi possível observar, no início eram poucos dicionários e começaram de forma impressa e em número bastante reduzido, pois a comunidade

surda sofria com a realidade ainda imposta no Congresso de Milão, que proibiu o uso das Línguas de Sinais no ano de 1880²⁵.

Porém, essa realidade modifica-se. De forma paulatina, essas publicações tomam seus espaços e no ano de 2001 o Dicionário de Capovilla, com riquíssimo detalhamento e de uso de imagens, significados demarcam importante momento para a comunidade surda. Entre os anos de 2002 e 2012 o CD é lançado no mercado e, nesse meio tempo, no ano de 2005, com o uso da internet é lançado o Dicionário Digital em Libras, expandindo o alcance desse material com o uso do computador.

Com o tempo, os aplicativos de celulares trazem opções de busca fácil, simples e rápida, deixando para trás todos os demais mecanismos de buscas. Esse fácil recurso fomenta ainda mais o uso dos celulares e as novas tecnologias. Diante de todos esses dicionários de Libras postos de diferentes formas e materiais, é na versão digital que o usuário encontra os diferentes parâmetros da língua: movimento, locação, configuração de mão, além de ter acesso às imagens e vídeos do sinal e algumas frases em que o este pode cumprir suas diferentes funções. Outra opção é selecionar a palavra em português e o sinal em Libras, ou vice-versa; ilustração, foto e diferentes grupos semânticos, além do uso da SW fazem parte dessa opção.

A Tabela 2, a seguir, apresenta uma análise dos aplicativos que permitem pesquisa lexical em Libras.

²⁵ Em 6 até 11 de setembro de 1880, houve um congresso internacional de educadores surdos em cidade de Milão na Itália. Neste congresso, foi feita uma votação proibindo oficialmente a língua dos sinais na educação de surdos. Disponível em; http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf

APP	SÍMBOLO	TRADUTOR	GLOSSÁRIO TERMINOLOGIA	DICIONÁRIO GERAL	JOGO	AVATAR	VIDEO	BUSCA PELA ESCRITA	BUSCA PELA IMAGEM
HAND TALK		X	-	X	-	X	-	X	-
VLIBRAS		X	-	X	-	X	-	X	-
PRODEAF		X	-	X	-	X	-	X	-
SINALIBRAS		X	-	X	-	-	X	-	X
SINALÁRIO DISCIPLINAR EM LIBRAS		-	X	-	-	-	X	X	-
DICIONÁRIO LIBRAS SP		X	-	X	-	-	X	X	-

Tabela 2 – Aplicativos de Libras.

Fonte: Autor.

Todo o processo de evolução das obras de lexicografia contou, também, com fatores externos que alavancaram essas mudanças, dentre elas a tecnologia. Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, entre os anos de 2002 e 2012, constatou que o número de acessos à internet triplicou: em 2002 foram registrados 14 milhões de acessos e em 2012 houve um aumento significativo de 83 milhões de acesso, sendo em espaços como nas residências e no trabalho os maiores índices de acesso. Outra tecnologia que apresenta índices bastantes altos é o uso do celular. No ano de 2002 a pesquisa aponta para 32 milhões de usuários e em 2012 um índice altíssimo contabilizado em 253 milhões de usuários.

Com isso, percebe-se que o uso de celulares e aplicativos digitais tendem a modificar os dados significativamente, pois facilita o acesso a dicionários e as demais plataformas de interação e busca. Tratam-se de equipamentos e aplicativos que melhoram a comunicação entre as pessoas, levando em consideração a possibilidade de estar em contato com o mundo em um simples *click*, em qualquer lugar, via mensagem, conversa, ligação e acesso aos dicionários. Assim, a tecnologia vem para facilitar toda e qualquer comunicação. Outro ponto importante a ser ressaltado referente ao ano de 2002 foi o reconhecimento oficial da Libras e a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos Cursos de Licenciatura. A seguir, na Figura 12, é possível observar a evolução, em números de usuários, entre os anos de 2002 e 2012.

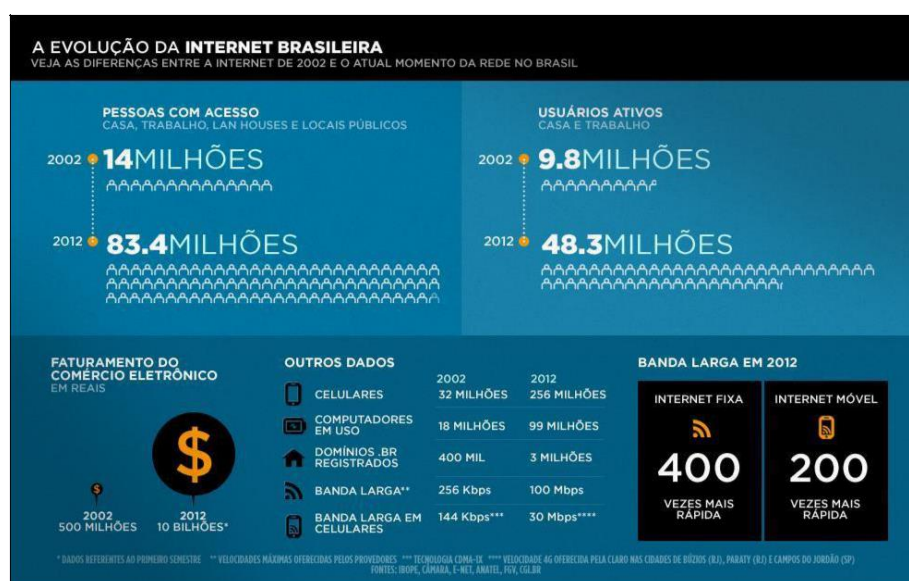


Figura 12 – Evolução da internet.

Fonte: <https://www.oficinadanet.com.br/post/13707-como-surgiu-a-internet>.

De acordo com os dados apresentados pela Figura 12, uma década é suficiente para apresentar mudanças significativas no número de usuários conectados à internet. É claro e evidente que essa pesquisa apresentada pelo IBGE também traz dados coletados e analisados a partir de sistemas operacionais que contam com o uso da internet como meio e facilitador de todo o processo. Além disso, a internet também veio a facilitar a vida do surdo que lança mão desse meio a fim de estar em contato com seus pares, produzir vídeos e, assim, explorar esse mundo digital.

Somado a isso, o IBGE também apresenta dados referentes à população surda. De acordo com o censo de 2012, coletado pelo IBGE somente no Brasil cerca de 5,1% da população se declara deficiente auditivo. São pessoas que paulatinamente quebram barreiras linguísticas e com muita luta delimitam seu espaço social.

Ciríaco (2017) comenta que segundo dados levantados em parceria pelo *hootsuite* e pelo *we are social*, mais de 5 bilhões de pessoas utilizam algum tipo de dispositivo móvel no mundo, porção correspondente a 67% da população mundial. Em 2017 o mundo conta com 7,5 bilhões de pessoas e “apenas” 51% desse total tinham acesso à internet — 3,8 bilhões. Comparando, então, haveria no mundo, em 2017, mais usuários de telefones celulares do que de internet. Outro dado curioso revelado pela pesquisa é que, do montante de 5 bilhões de pessoas com dispositivo móveis, 4 bilhões (80%) utilizavam *smartphones*. De acordo com dados²⁶ de abril deste ano e divulgados pela Telecom, o Brasil tem 242 milhões de clientes ativos das operadoras Algar, Claro, Nextel, Oi, Sercomtel, TIM e Vivo, além de operadoras virtuais, como a operadora do Corinthians.

Portanto, é possível afirmar que há mudanças e permanências que envolvem toda a evolução das obras lexicográficas: os dicionários. No que tange às mudanças, pode-se dizer que são diferentes tipos de dicionários que podem ser acessados por todo e qualquer cidadão. Porém, embora novos tipos de dicionários estejam aparecendo no mercado, o bom e velho dicionário impresso não deixou de existir e ter seu valor. São materiais e estruturas diferentes, mas cada uma delas singular no seu modo de existência. O papel da tecnologia muito influenciou nessa evolução e trouxe facilidades visíveis a todos o cidadão, mas principalmente ao

²⁶ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/5-bilhoes-de-pessoas-tem-smartphones/>. Acesso em: nov., 2018.

surdo que tem acesso aos diferentes espaços e oportunidades comunicacionais através das plataformas educacionais, interativas e de busca.

Quando ingressei no Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, procurei alguns professores para iniciar a parceria para o projeto de pesquisa, porém vários já estavam com suas vagas esgotadas para orientação. Os alunos ouvintes já tinham conversado com os professores e preenchido as vagas e para mim, surdo, esse processo apresentou-se como sendo mais difícil. Existiu certa limitação na comunicação que, de certa forma, impediu o contato rápido com os professores e, em função disso, acabei perdendo um pouco de tempo e oportunidades, talvez.

A área na qual eu tinha interesse de pesquisa era a linguística. Procurei alguns professores orientadores nessa área, mas a maioria já não estava mais disponível. Um dos professores que poderia me orientar na área de linguística geral que procurei, não aceitou pela dificuldade em função das línguas diferentes, outro que também conhecia um pouco sobre linguística geral também não conhecia nada sobre Línguas de Sinais, outro aceitou inicialmente, mas depois estudou um pouco e ponderou sobre minha orientação e terminou por cancelar o aceite.



Nesse tempo acabei perdendo seis meses e passei a sentir-me afetado por essa situação e pensei em como ainda tenho que lidar com essas barreiras, esses limites. Ficava imaginando como os ouvintes antes, muito cedo já haviam conseguido orientadores e eu ainda não. Senti uma falta de acessibilidade de certa maneira. Direcionei-me, então, diretamente para a área de Línguas de Sinais e foi, então, que encontrei a professora Tatiana para fazer uma proposta, porém a linguística não é sua área específica, mas sim a Educação Especial, Letras, Literatura, etc. Ela aceitou a proposta para me orientar e me apresentou o aplicativo Sinalibras e, a partir dele iniciamos o projeto de pesquisa.





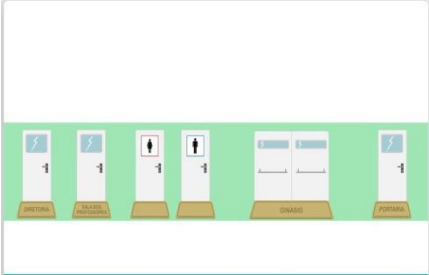



2.5 SINALIBRAS

O Sinalibras, de acordo com Lebedeff et al (2016) é um aplicativo móvel com interface dinâmica e de fácil aprendizado. O aplicativo é composto por imagens e vídeos, que compõe os conteúdos mínimos da disciplina de Libras na UFPel. Este

projeto foi desenvolvido em parceria entre a Área de Libras e a Empresa Júnior da computação, ambos UFPel. Os autores salientam que ao abrir o aplicativo o usuário vê os módulos do aplicativo que foram divididos em unidades, ou seja, os módulos em comum ficam agregados a uma unidade.

Os módulos são grandes famílias semânticas e, as unidades, são subcategorias de acordo com a Tabela 3:

MÓDULOS	UNIDADES
Primeiros passos	Alfabeto e números
	
Família e Ambiente doméstico	Família e relacionamento, ambiente doméstico, animais domésticos e alimentação
	

<div data-bbox="395 230 1283 790"> <div data-bbox="411 253 560 286">  Sinalibras </div> <div data-bbox="638 353 1032 396"> Família e Ambiente Domestico </div> <div data-bbox="411 421 836 790">  <div data-bbox="499 725 743 763">Animais domésticos</div> </div> <div data-bbox="852 421 1276 790">  <div data-bbox="983 725 1137 763">Alimentação</div> </div> </div>	
Escola e espaços urbanos	Ambiente escolar, espaços urbanos e profissões
<div data-bbox="395 958 1283 1944"> <div data-bbox="411 981 572 1014">  Sinalibras </div> <div data-bbox="679 1068 1023 1111"> Escola e Espaços Urbanos </div> <div data-bbox="399 1126 829 1469">  <div data-bbox="486 1415 738 1451">Ambientes escolares</div> </div> <div data-bbox="845 1126 1272 1469">  <div data-bbox="951 1415 1160 1453">Espaços urbanos</div> </div> </div> <div data-bbox="395 1478 1276 1944"> <div data-bbox="411 1500 560 1534">  Sinalibras </div> <div data-bbox="663 1574 995 1617"> Escola e Espaços Urbanos </div> <div data-bbox="411 1630 829 1944">  <div data-bbox="555 1888 683 1924">Profissões</div> </div> </div>	
Natureza e tempo	Calendário, natureza e cores

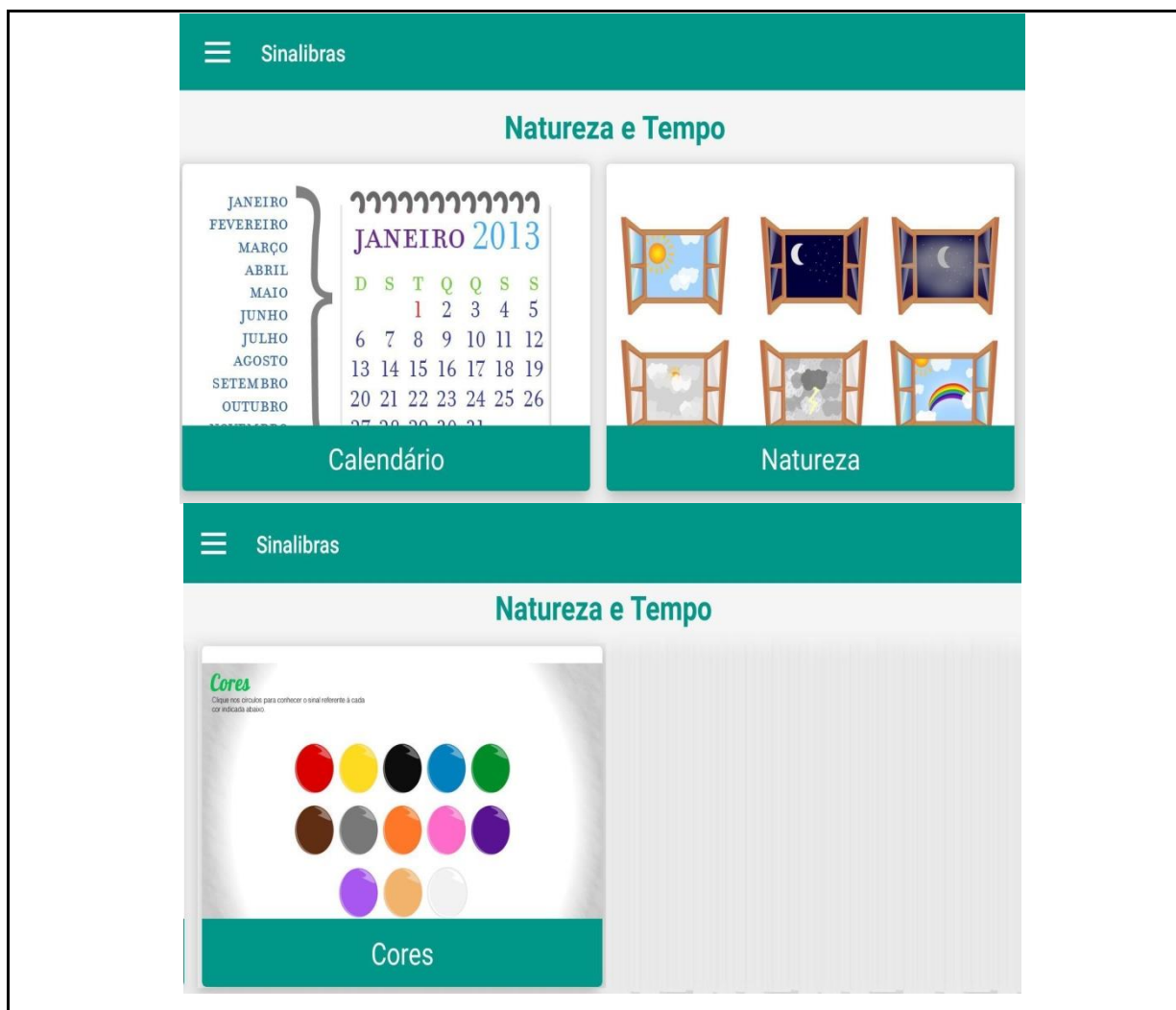
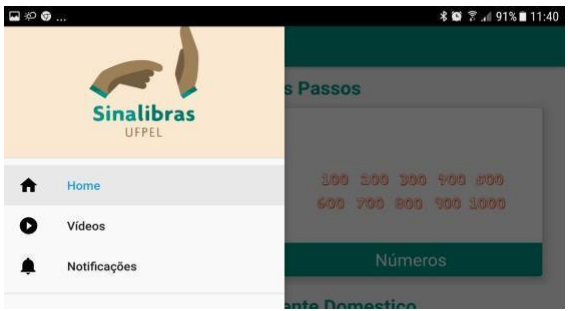

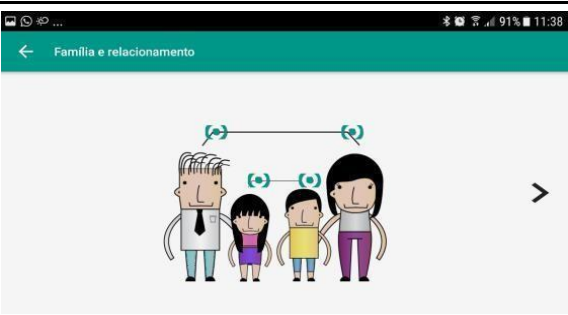
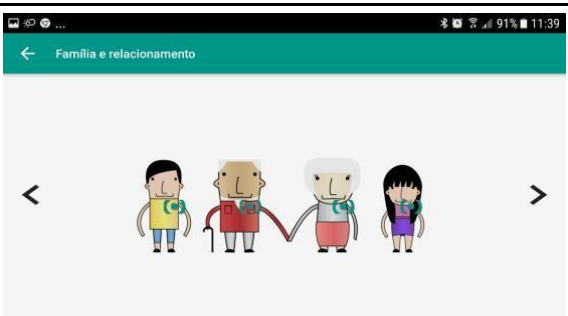
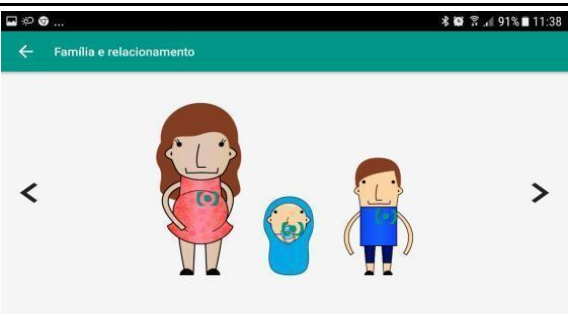


Tabela 3 – Módulos Sinalibras.

Fonte: Autor.

Ao clicar em um módulo, o usuário tem uma nova tela, que aparecerá uma imagem ao fundo identificando uma cena, botões laterais para mudar a imagem e botões sobre a imagem que irão disparar um vídeo que irá mostrar como tal objeto na cena é representado em Libras.

A seguir, será apresentada de forma linear, em tabela, um exemplo das telas, das imagens em cada tela e quais os itens lexicais traduzidos que o usuário encontra no módulo **Família e ambiente doméstico**, unidade **Família e relacionamento**:

<p>Ingresso no Sinalibras após instalação no celular</p>	
<p>Módulo Família e ambiente doméstico</p>	
<p>Família e relacionamento - 1ª Tela</p> <p>PAI FILHA FILHO MÃE</p>	
<p>Família e relacionamento - 2ª Tela</p> <p>NETO AVÔ AVÓ NETA</p>	
<p>Família e relacionamento - 3ª Tela</p> <p>GRAVIDEZ BEBÊ FILHO</p>	

<p>Família e relacionamento - 4ª Tela</p> <p>HOMEM SOLTEIRO NAMORADO NAMORADA ESPOSA ESPOSO</p>	
<p>Família e relacionamento - 5ª Tela</p> <p>HOMEM MULHER</p>	

Tabela 4 – Exemplos de tela do aplicativo.

Fonte: Autor.

Os botões em cima das imagens abrem os vídeos, com legenda escrita embaixo do sinalizador, que aparecem como na Figura 13:

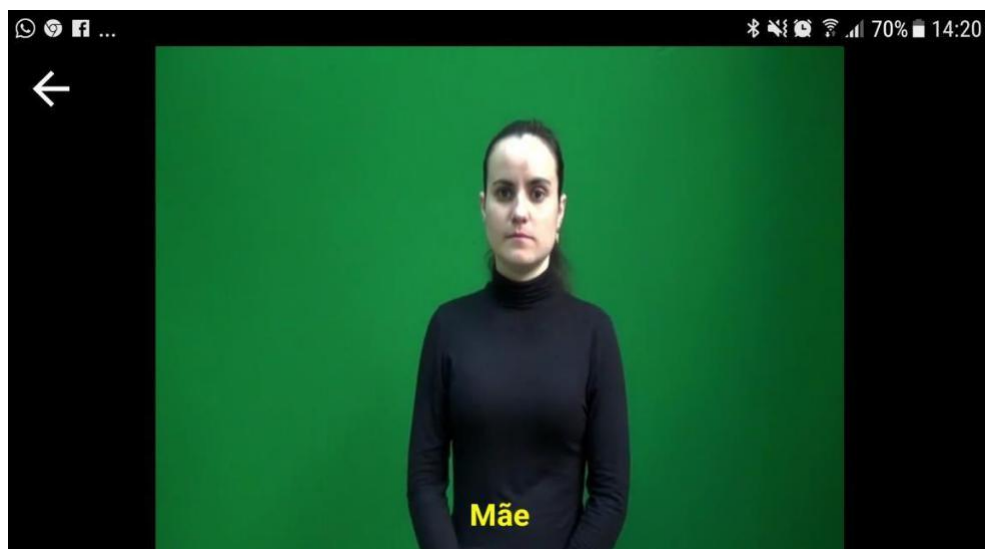


Figura 13 – Vídeo – Mãe

Fonte: Aplicativo.

O usuário tem, ainda, a possibilidade de reproduzir quantas vezes quiser o vídeo. Em relação ao aplicativo, sempre que houver uma atualização, esse receberá uma notificação quando estiver aberto e irá realizar o *download* dos novos conteúdos. Esses conteúdos ficam listados em uma outra tela, que é acessível pelo menu lateral para que o usuário possa conferir quais os novos conteúdos inseridos no aplicativo. O usuário ainda tem a possibilidade de listar todos os vídeos que existem no aplicativo e pesquisar o vídeo que lhe interessa reproduzir sem ter que buscar em meio aos módulos.

O Sinalibras, de acordo com os autores, tenta responder às demandas de características dos materiais de Libras discutidas no âmbito da UFPel, tais como:

- 1) O uso de uma linguagem visual capaz de prescindir, ao máximo, da linguagem escrita;
- 2) Potencial comunicativo e
- 3) Tecnologia de fácil manuseio.

No momento, o aplicativo está disponível na Google Play em formato Beta, sendo necessárias filmagens e organização de novas categorias para aprimorar o produto.

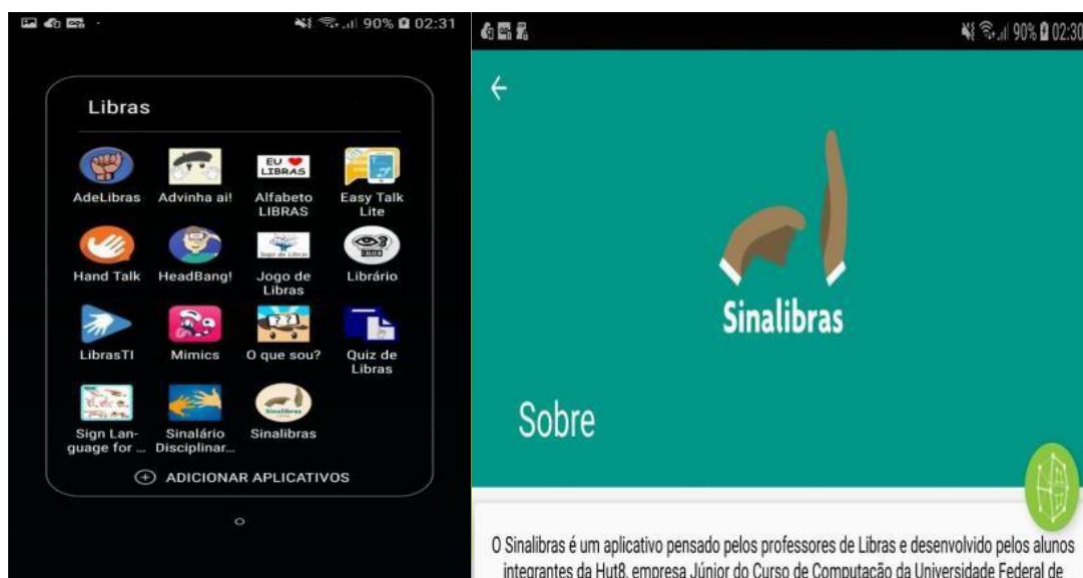


Figura 14 – Sinalibras na Google Play.
Fonte: Aplicativo.

Assim, como já comentado, esse trabalho preocupa-se em compreender como usuários de Libras, pais ouvintes de crianças surdas, pesquisam e registram elementos lexicais em Libras e, propõe, como intervenção, o treinamento no uso Aplicativo Sinalibras, concomitante com o aprimoramento do mesmo, a fim de proporcionar um dispositivo tecnológico que possa auxiliar na comunicação entre pais e filhos. Para isso, a metodologia desenvolvida na investigação será apresentada a seguir.

3 METODOLOGIA

A pesquisa segue o modelo da Pesquisa-Aplicação (PLOMP et al. 2018), que envolve um conjunto de procedimentos contemplando educação e tecnologias. De acordo com Nonato e Matta (2018) a Pesquisa-Aplicação surge como a necessidade de preenchimento de uma lacuna no campo das abordagens metodológicas na pesquisa em educação, na medida em que busca desenhar, desenvolver e aplicar intervenções no chão dos espaços educacionais. Para esses autores, a Pesquisa-Aplicação se encaixa na pesquisa em educação como resposta ao dilema de colocar em contato a pesquisa e a intervenção pedagógica, que podem se integrar e articular dialética e iterativamente para propor soluções para problemas complexos do 'chão da escola'. Para Nonato e Mata (2018, p.16), as possibilidades da Pesquisa-Aplicação,

[...] a pesquisa-aplicação em educação é um caminho para estreitar os laços entre a academia e a prática educacional pelo caminho da colaboração na resolução de problemas de interesse mútuo. Mediante esta abordagem, desfazem-se os riscos de reduzir as práticas pedagógicas a campo passivo de experimentações algumas vezes desvinculadas das necessidades reais da comunidade educacional em questão, bem como abre-se à academia um vasto espaço de contribuição para a resolução das demandas da sociedade no campo da educação, mediante a aplicação do método científico no planejamento, no desenvolvimento e na aplicação de intervenções cujos resultados refinados iterativamente e validados pelos atores sociais implicados e pelos pesquisadores constituem, cumulativamente, uma solução concreta para os problemas abordados e um conjunto teórico empiricamente validado de conhecimentos generalizáveis.

A Pesquisa-Aplicação, segundo Plomp (2018) engloba o estudo sistemático do desenho, desenvolvimento e avaliação de intervenções educacionais tais como programas, processos de aprendizagem, ambientes de aprendizagem, materiais de ensino-aprendizagem, produtos e sistemas em educação. Nesse sentido, Nonato e Mata (2018) esclarecem que o crescimento da pesquisa-aplicação em educação está relacionado à expansão da pesquisa científica no campo das tecnologias educacionais e da educação e, em particular, ao desenvolvimento das diversas formas de educação digital e em rede.

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a aplicabilidade do Sinalibras para melhorar a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar quais são os dicionários e/ou glossários de Libras utilizados por usuários de Libras não nativos: pais de alunos surdos;
- Avaliar o Sinalibras;
- Propor ações de aprimoramento para o mesmo;
- Divulgar o aplicativo para a comunidade escolar;
- Pesquisar como incentivar o uso do aplicativo para facilitar a comunicação entre as famílias.

A partir dos objetivos acima elencados, a investigação seguiu o modelo de iterações de ciclos sistemáticos de elaboração como apresentado na Figura 15:

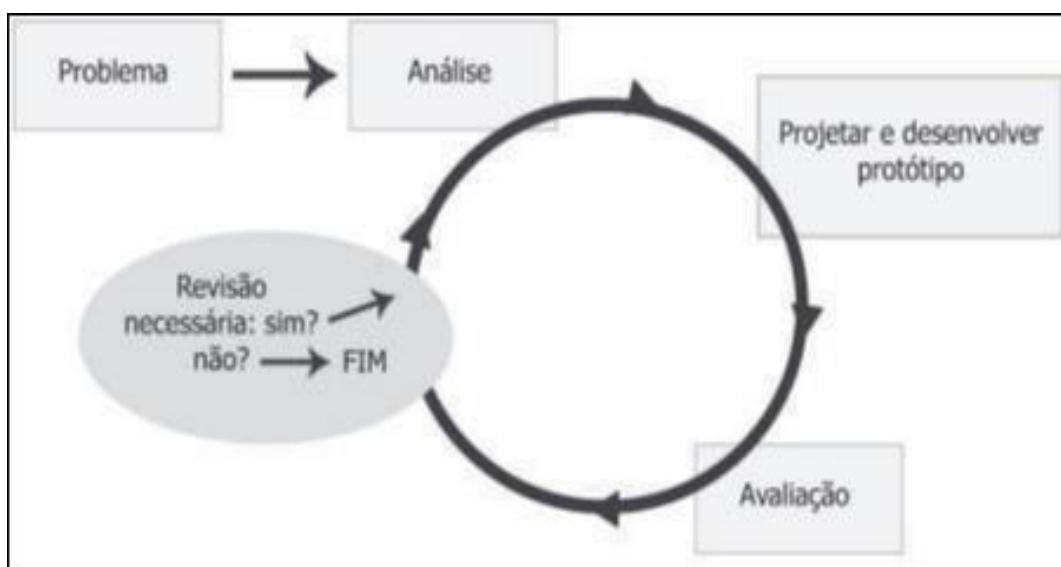


Figura 15 – Iterações de ciclos sistemáticos de elaboração.

Fonte: PLOMP, 2018, p.32.

De acordo com Plomp (2018, p.32), o processo de elaboração de projetos sistemáticos instrucionais ou educacionais é essencialmente cíclico: atividades de análise, projeto, avaliação e revisão são repetidas até que haja um equilíbrio apropriado entre o ideal, aquilo que foi projetado, e o objetivo/realizado seja alcançado.

Apenas o desenvolvimento de um protótipo não dá conta do “resultado” de uma Pesquisa-Aplicação. Para Plomp, somente quando os usuários alvo tiveram experiência prática com o uso da intervenção, deve-se ser capaz de obter os dados acerca da verdadeira praticidade do protótipo. De igual forma, segue o autor, apenas quando os usuários alvo tiveram a oportunidade de utilizar a intervenção no contexto alvo, será possível ao avaliador obter os dados de sua real efetividade.

Levando em consideração as alterações de ciclos sistemáticos de elaboração, o problema para o qual propõe-se a intervenção é a relação comunicativa entre familiares ouvintes e filhos surdos. Já foram realizados: no processo de investigação, as seguintes etapas:

- 1) Análise do problema;
- 2) Projeto e desenvolvimento do protótipo do Sinalibras, pela Área de Libras da UFPel.
- 3) Avaliação do aplicativo pelos familiares de surdos em Bagé e Pelotas;
- 4) Revisão, bem como a ressubmissão para análise, modificações e novas avaliações do Aplicativo, com proposição de novos sinais e refilmagem de sinais equivocados.

4 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A partir do exposto, define-se, a seguir, os procedimentos para intervenção e coleta de dados:

- 1) Realização de oficinas com grupos de pais ouvintes e filhos surdos - fase de avaliação. As oficinas ocorreram em uma Escola Bilíngue para Surdos, localizada em Pelotas e, em uma turma de Atendimento Educacional Especializado em uma Escola Estadual na cidade de Bagé. Nessas oficinas foram convidadas as famílias, pais ouvintes com seus filhos surdos que são, na perspectiva de Plomp (2018), os usuários alvo. Foi explicado, aos familiares, que o objetivo é aprimorar o aplicativo para facilitar a comunicação entre pais e filhos. Os pais participantes das oficinas foram convidados a participar da pesquisa e preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A).
- 2) As famílias foram questionadas sobre os glossários ou dicionários que utilizam na comunicação em Libras com seus filhos surdos, bem como quais outras estratégias utilizavam para saber novos sinais que ainda não faziam parte de seu repertório. Após esses questionamentos iniciais, foi apresentado às famílias o aplicativo Sinalibras e, assim, instruídas a como instalá-lo e utilizá-lo. Além disso, foram solicitadas a fazer uso do aplicativo com seus filhos em casa, que é, nessa pesquisa, o contexto alvo, segundo Plomp (2018).
- 3) Após uma semana, foi realizada uma reunião com os pais e solicitando depoimentos sobre o uso do Aplicativo. A proposta metodológica para produção de dados foi a de Roda de Conversa (MOURA e LIMA, 2014). De acordo com as autoras, a Roda de Conversa é uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. Durante a roda de conversa foram realizadas as seguintes perguntas: O Sinalibras é fácil de usar? Quais os pontos fortes do Aplicativo? Quais os pontos fracos do Aplicativo? O que é preciso modificar? Qual conteúdo você gostaria que fosse inserido no Aplicativo? Qual sua opinião sobre as imagens? Qual sua opinião sobre os vídeos? Seu filho gostou de usar o Aplicativo? Em que momentos seu filho usa o Aplicativo? Em que momentos você usa o Aplicativo? Outras perguntas emergiram da conversa com os pais, bem como

informações espontâneas. Os dados coletados pela Roda de Conversa constituem o material para avaliação do Sinalibras. A roda de conversa foi filmada e, os dados, transcritos.

Foi utilizado questões que emergiram da conversa com os pais, bem como informações espontâneas. Os dados coletados pela Roda de Conversa constituem o material para avaliação do Sinalibras. A roda de conversa foi filmada e, os dados, transcritos.

- 1) Após a análise dos dados produzidos durante a Roda de Conversa, as demandas dos pais foram encaminhadas para o desenvolvedor do Sinalibras, Alysson Nogueira, atualmente trabalhando na *DBServer*, empresa de desenvolvimento de *software* situada na *TecnoPuc*. Mesmo já formado, ele segue colaborando no projeto. As mudanças necessárias pelas demandas dos pais serão, então, incorporadas no aplicativo. Essa é a fase de projetar e desenvolver.
- 2) Após a inserção das mudanças os pais foram convidados, novamente, para uma oficina. Nessa oficina, foram apresentadas as modificações realizadas no aplicativo e solicitados que utilizassem o Sinalibras, mostrando para as crianças as mudanças. Essa oficina dará início a uma nova avaliação.
- 3) Após duas semanas os pais foram convidados para uma nova roda de conversa e, novamente, questionado sobre a usabilidade do Aplicativo e, mais uma vez, foram solicitadas sugestões para aprimoramento do mesmo. No processo de interações como uma nova fase de avaliação.
- 4) Os dados desta nova roda de conversa foram analisados e as melhorias, erros foram encaminhados para o desenvolvedor. Tendo em vista as limitações de tempo de produção de uma Dissertação de Mestrado, os ciclos estão encerrados nessa etapa e, será disponibilizado o Sinalibras com as melhorias como versão oficial.

Almejou-se, com os ciclos interativos, aprimorar o Sinalibras de modo que se possa realizar uma lexicografia comunicativa (BINON e VERLINDE, 2000), ou seja, um dicionário interativo que atenda às demandas comunicativas de pais ouvintes e filhos surdos.

Anteriormente, levando em conta as considerações da banca da qualificação do projeto, foi realizado o contato com as escolas para marcar as oficinas e,

também, estratégias de acolhimento as famílias e verificação se os recursos tecnológicos para o projeto existiam, nesse caso as condições de acesso à internet.

5 ANÁLISE DOS DADOS

As rodas de conversa foram realizadas com participação de Tradutoras e Intérpretes de Línguas de Sinais. Ao total foram quatro encontros, dois em Bagé e dois em Pelotas. Foi desenvolvido um roteiro de perguntas para a roda de conversa (anexos B e C). Nem todas as perguntas foram realizadas, algumas respostas apareceram naturalmente, durante a conversa, outras não foram necessárias.

Entretanto, o roteiro estabeleceu um norte para ser seguido. Todos os encontros foram gravados em vídeo, pelo celular. Os dados, aqui apresentados, em forma de narrativa, são oriundos das minhas sinalizações e, das TILS²⁷. Isso significa que a transcrição das falas dos familiares foi realizada a partir da Língua de Sinais e não da fala oral. Com os dois grupos, no primeiro encontro realizei uma oficina, nas quais questionei sobre a comunicação das famílias com as crianças surdas, perguntei sobre o uso de tecnologias para melhorar a comunicação em Libras, conversamos sobre a aprendizagem de Libras e, finalmente, apresentei o Sinalibras. Ensinei como fazer *download*²⁸ do Sinalibras para os celulares e solicitei que utilizassem em casa com as crianças surdas para avaliação no próximo encontro. E no segundo encontro discutimos a usabilidade do aplicativo. Solicitei que falassem sobre aspectos positivos e negativos bem como as sugestões para a melhoria do aplicativo.

As atividades em Bagé ocorreram em uma cafeteria próximo à escola, pois não tínhamos espaço disponível na própria instituição de ensino. Em Pelotas, as atividades ocorreram na Escola de Surdos, na sala em que as famílias têm aulas de Libras. As rodas de conversa tiveram duração de 60 a 120 minutos. Os relatos dos encontros, bem como os dados produzidos nas rodas de conversa serão apresentados a seguir. Para preservar a identidade das participantes, as mães e irmãs foram nomeadas como flores e os pais como árvores.

²⁷ Tradutor e intérprete da língua de sinais

²⁸ Download significa transferir (baixar) um ou mais arquivos de um servidor remoto para um computador local ou dispositivo móvel.

5.1 PRIMEIRO ENCONTRO EM BAGÉ

A primeira roda de conversa foi realizada com familiares de surdos na cidade de Bagé-RS. Os encontros foram organizados com o auxílio da intérprete Adriana Martins. A mesma orientou os participantes para as rodas de conversa em uma cafeteria da cidade como havia sido combinado previamente. Neste encontro foi abordado o tema do uso de tecnologias para melhorar a comunicação das famílias com filhos surdos, bem como, a assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido para oficializar a participação e o aceite de todos os envolvidos.

Nas atividades em Bagé contei com o apoio da intérprete Adriana Martins, que trabalha na escola inclusiva como intérprete e também como professora substituta na UNIPAMPA. Na primeira roda de conversa compareceram seis pessoas, sendo que quatro eram mães de surdos e duas eram irmãs. Os participantes, que sabiam Libras, aprenderam na própria escola e utilizavam também sinais caseiros aprendidos no ambiente familiar. Sobre a comunicação do surdo com a família ouvinte Marques, Gianotto e Gianoto (2016) explicam que as dificuldades que ocorreram, devem-se, principalmente pela necessidade de um comportamento visual, pelo contato visual e não pelo som.

A comunicação de surdos em famílias de ouvintes, muitas vezes também pode ser complicada, porque os ouvintes, diferentemente dos surdos, possuem outros modelos e necessidades de comportamento visual. Durante os cinco primeiros meses de vida, a criança tem mais o contato visual. Depois disso, ocorrem mudanças por interesse em objetos e a família (caso mais frequente a mãe) compartilha dessa atenção com comentários, aponta, faz gestos, mímicas, com o filho surdo, por isso a comunicação fica prejudicada com o filho surdo, por não acompanhar o som ao contato visual (MARQUES, GIANOTTO, GIANOTO, 2016, p.171-172).

No grupo havia duas participantes que são irmãs de surdos, então, perguntei se seus pais não viriam participar. Gérbera respondeu que seus pais não sabiam Libras. Perguntei como era realizada a comunicação em casa com o irmão surdo, obtive como resposta eram elas as responsáveis por este aspecto, pois seus pais não sabiam nada em/de Língua de Sinais. Perguntei a uma delas se conseguia se comunicar eficientemente em sinais com o irmão e ela respondeu que sim, que tinham uma comunicação bem clara em sinais, mas que seus pais não tinham vontade de aprender. Perguntei as demais, mães de surdos, se tinham uma boa

comunicação em casa, e elas responderam que sim, que era boa a comunicação, algumas melhores que outras. Perguntei, também, se todas sabiam e utilizavam Libras para se comunicar e algumas disseram que sim, mas outras disseram que utilizam sinais caseiros na comunicação.

Uma delas, que utiliza sinais caseiros, relatou dificuldade na comunicação, pois ela usa sinais caseiros enquanto o filho usa Libras, o que gera uma certa dificuldade. Ela relatou que já foi em cursos de Libras, mas sempre acaba esquecendo e fica braba, pois, não consegue desenvolver-se na língua.

Percebe-se que o grupo é interessado e atento a comunicação com os filhos/irmão, porém algumas narravam ter dificuldades, mas comunicavam-se, outras conseguiam manter certo nível de comunicação e uma relatou que era fluente na língua. Uma das irmãs, quando perguntei sobre seus pais, disse que era muito difícil, qualquer coisa que acontecia eles sempre a chamam para resolver. Os pais não intervêm nas situações quase nunca.

Mediante ao relato, aproveitei e dei a notícia para o grupo sobre a existência do aplicativo para celular Sinalibras. Elas inicialmente acharam estranho e queriam saber mais sobre ele. Perguntei se todas utilizavam telefone celular e a resposta foi que sim, todas usavam. Depois perguntei se os filhos delas usavam e a resposta foi que alguns usavam, mas outros não. Todos os pais e mães utilizavam, as famílias tinham, mas alguns filhos surdos que eram menores ainda não faziam uso.

Logo em seguida mostrei o aplicativo e todas ficaram espantadas. Começaram a perguntar e querer saber mais sobre o aplicativo. Informei da possibilidade de baixarem gratuitamente o mesmo no telefone e solicitei que o fizessem, uma vez que estávamos reunidos para aprender a utilizá-lo, bem como, avaliar suas possibilidades e eficiência na comunicação da família como membro (s) surdo (s). Expliquei que poderiam encontrar sinais em Libras utilizando as palavras em português. Pelas expressões de alegria e admiração, expressa também em comentários como “muito legal, ótimo”. Percebe-se que os participantes tem a consciência da necessidade da utilização da Libras. De acordo com Carvalho e Santos (2016):

Não apenas a criança surda deve fazer o uso da Libras em seu lar, mas também sua família, pois ela precisa interagir com as pessoas com quem convive. Precisa falar, sinalizar, utilizar gestos caseiros e, por conseguinte, obter uma resposta a essas interações. Esse é um estímulo essencial, que pode ser provocado principalmente pelos pais da criança, visto que sua

família é o referencial necessário para que ela se sinta bem e capaz de se comunicar, desenvolvendo-se nos âmbitos sociais, linguísticos e educacionais (CARVALHO, SANTOS, 2016, p.200).

Logo começaram as perguntas. Perguntaram-me de onde era o aplicativo e expliquei que era da própria UFPel, um dos frutos dos projetos realizados na instituição. Após, questionam se os sinais utilizados no aplicativos eram específicos aqui do Rio Grande do Sul. Mediante a minha afirmativa informaram que sentem muita dificuldade e ficam confusas com outros programas que ensinam sinais. Quando tentam se comunicar continuam tendo dificuldades pois os filhos não entendem muito bem os sinais por serem de outra região.

Diante dessa situação, expliquei então que alguns sinais são utilizados em outros lugares como São Paulo, Rio de Janeiro, etc. Possuem alguns sinais diferentes dos usados na comunidade surda gaúcha e por isso elas acabam sentindo essa dificuldade. Complementei que não estão errados e nem que tem defeito, pois os sinais que as crianças estão acostumadas a utilizar, próprios da comunidade gaúcha, acabam sendo diferentes em alguns casos.

Comuniquei, então, que a partir daquele dia, sabendo da existência do Sinalibras, se elas gostaram da ideia e estavam convidadas a baixá-lo em seus celulares e experimentar por um tempo. E depois nos reuniríamos novamente para que elas pudessem narrar essa experiência sobre a utilização do aplicativo. O grupo demonstrou felicidade e interesse, principalmente, quando souberam que os sinais disponíveis para consulta eram os utilizados no Rio Grande do Sul.

Questionei o porquê de estarem tão empolgadas e a resposta foi que não se sentem bem utilizando aplicativos com sinais de outros estados e, agora, com esse aplicativo, iriam testar para ver se a comunicação seria efetivada. Algumas relataram que já haviam tido desentendimentos e brigas por causa de falhas na comunicação e sinais errados, depois quando chamavam um intérprete, através da mediação linguística com um profissional, o desentendimento era esclarecido.

5.2 PRIMEIRO ENCONTRO EM PELOTAS

A roda de conversa realizada na cidade de Pelotas, ocorreu em uma escola de surdos. Participaram seis mães e três pais, sendo que dois eram casais, totalizando nove pessoas. Da mesma forma que na primeira entrevista realizada em Bagé, nessa eu perguntei sobre o conhecimento e comunicação com os surdos. Alguns disseram que não sabiam Libras, utilizavam apenas sinais caseiros para a comunicação e outros eram já fluentes na língua. Perguntei se todos tinham celular e todos tinham, apenas um dos casais não possuíam celular. Esse casal tem um filho de 10 anos, aproximadamente, que utiliza implante coclear.

Expliquei a todos, sobre o Sinalibras. Esclareci sobre o aplicativo, explicando que o mesmo é um dicionário que todos poderiam levar no bolso, dentro do celular. Como no primeiro grupo, todos se admiraram com a ideia, também acharam muito legal. Uma das mães pareceu inclusive indignada e questionou como essa informação até aquele momento nunca havia chegado até ela. Perguntei, então, como ela havia aprendido Libras, respondeu-me que aprendeu há 10 anos atrás. Teve contato com a Libras há 10 anos, mas nunca tinha visto ou tido contato com um aplicativo assim. Mesmo 10 anos atrás já existir o *app Prodeaf*, mas ela nunca tinha tido contato.

O Sinalibras existe há apenas 2 anos. É um projeto novo que está começando agora e ainda está em desenvolvimento. Tulipa perguntou se os sinais do aplicativo eram muito diferentes dos usados por eles, e eu avisei que são sinais utilizados em Pelotas e a reação também foi de alegria. Aproveitei para perguntar o motivo da felicidade, ela explicou que os aplicativos que ela tentava utilizar como *Prodeaf* e *Hand Talk* mostravam sinais diferentes dos utilizados, causando muita confusão no momento da comunicação. Assim por decisão própria, preferiu diminuir seu uso. Perguntei se ela se interessaria em utilizar o Sinalibras e ela disse que sim, pois contém sinais utilizados na comunicação do lugar onde ela mora.

Por algum tempo, sempre se discutiu a relutância dos pais ou familiares em utilizar a Libras. Porém sempre as causas do não aprendizado ou da não utilização da Língua de Sinais Brasileira sempre apontava por não ser a língua dos pais ou de não ter paciência, ou ser orientação do médico. Poucas pesquisas apontam a

diversidade dos sinais e suas derivações como causa do não uso em casa pela família.

Com base nestas discussões, consideramos a necessidade de um maior número de pesquisas sobre a experiência da família do surdo e das condições de seu ambiente familiar que permitam melhor delinear essa realidade específica. Isto se justifica, fundamentalmente, porque muitas famílias se ressentem da falta de informação sobre o assunto, e muitos profissionais sofrem limitações pela falta de acesso às pesquisas na área (NEGRELLI, MARCON, 2006, p.106).

Também mostrei para eles a linha do tempo presente nesse trabalho, que mostra a descrição de como eram as publicações das línguas de sinais até os dias atuais. Iniciando com registros em desenhos, depois por fotos, livros, etc. Perguntei de eles conheciam o dicionário Capovilla de Libras e todos disseram que não conheciam. Eu expliquei que é um dicionário que tem inclusive na biblioteca da escola, confirmei perguntando para a professora se tinha esse dicionário na biblioteca e ela confirmou que ele estava disponível lá. Achei um pouco estranho existir o dicionário disponível na biblioteca e ninguém conhecer, afinal é um dicionário grande. São três volumes que ocupam uma boa parte na prateleira, visualmente chama bastante a atenção, porém ninguém conhecia. Todos conheciam *Hand Talk* e *Prodeaf*, mas ninguém conhecia o dicionário Capovilla.

Os familiares, então, ficaram felizes com o novo aplicativo e disseram que iriam baixar para o celular e iniciar o uso, para na próxima entrevista relatar como foi a relação com a nova ferramenta. O grupo de Pelotas tem o hábito de treinar sinais com a família e, por isso, no momento que falei sobre o Sinalibras, houve uma agitação no grupo e todos começaram a falar ao mesmo tempo de forma que a intérprete não conseguia sequer traduzir tudo que estava sendo dito. Pedi que se acalmassem, pois ficaram todos muito ansiosos com a notícia e eu acabei perdendo algumas informações. Isso foi devido que todos falavam muito e ao mesmo tempo de maneira que a intérprete não pudesse me passar tudo que estava sendo dito em português.

No final da entrevista, as pessoas continuaram indo embora e conversando. Este fato propicio há outras pessoas de fora ouvirem a notícia do aplicativo e também estavam impressionadas, achando uma boa ideia. Todos foram embora felizes em poder experimentar a nova ferramenta. Em Bagé a reação foi muito

semelhante, todos empolgados discutindo sobre o aplicativo e a possibilidade de uso no dia a dia.

5.3 SEGUNDO ENCONTRO EM PELOTAS

O segundo encontro realizado na cidade de Pelotas, contou novamente com nove pessoas, a mesma quantidade de pessoas que o primeiro encontro, nesta cidade. Iniciei nossa reunião perguntando se todos sabiam como baixar o aplicativo para o celular e das nove pessoas apenas uma respondeu que não, pois sentia dificuldade com relação ao uso de algumas novas tecnologias. Afirmou que era complicado para ela algumas ferramentas que utilizam de novas formas de tecnologia, já muito desenvolvidas e que ela não conseguia acompanhar muito bem.

Logo perguntei aos demais presentes se o aplicativo havia sido simples de ser baixado para o celular. Todos responderam de forma positiva, dizendo que conseguiram baixá-lo facilmente para seus aparelhos. Questionei também sobre a opinião de todos que estavam ali acerca do uso do aplicativo, como se sentiram sobre o acesso às palavras, vídeos, avatares e todos disseram que foi bom.

Uma das mães se pronunciou acerca do fato do aplicativo ter muitos sinais regionais, utilizados principalmente na região de Pelotas, pois os outros aplicativos possuíam os sinais de outras regiões. Complementou, que nestes aplicativos, alguns sinais encontrados eram bastante diferentes do que ela estava acostumada a usar, o que tornava difícil muitas vezes sua compreensão e clareza quanto a língua. A partir disso, relatou então que prefere os sinais específicos da região onde ela mora, no caso, Pelotas. Eu respondi que sim, é necessária a utilização de sinais do Rio Grande do Sul para que haja uma comunicação mais clara.

Perguntei se eles haviam gostado do fato do aplicativo ter vídeo de pessoas fazendo os sinais e eles responderam que sim, que na parte do avatar falta um pouco de qualidade, que falta expressão facial e corporal e os bonecos parecem um pouco robotizados demais e que, por esse motivo, realmente preferem vídeos de pessoas sinalizando, pois se identificam mais e se sentem mais confortáveis com as imagens. Quando são avatares sinalizando, sentem que falta um pouco mais de qualidade, que a sinalização parece mais fraca, superficial e um pouco “dura”.

O que os pais relataram, com relação ao uso de aplicativos com avatares, é similar ao encontrado em outras pesquisas:

As porcentagens refletem a sinalização errônea ou regionalizada em diversos casos, e a indiferença em muitos sinais na expressão do avatar, onde é apresentada sua principal falha. O desvio padrão significativo representa a não concordância de opiniões em relação a determinadas opiniões, porém o nível de corretude torna-se baixo devido as sinalizações incorretas. De outra forma, encontram-se problemas básicos de movimento em determinados casos e detalhes na configuração de mão que não conferem com as utilizadas nos sinais. Percebe-se, portanto a partir dos resultados, que o nível de corretude dos parâmetros apresenta-se alto, com exceções à sinalização incorretas e regionalizadas como também a dificuldade de incorporar expressão aos sinais em que é necessária sua utilização (COLLING, 2014, p.84).

Depois de verificar se todos haviam baixado os aplicativos, uma das mães, que tem um filho surdo de seis anos de idade, contou que o filho também começou a usar o aplicativo e ver os sinais. Perguntei a ela, então, se os aspectos visuais pareciam bons e se as palavras e legendas eram compreensíveis. Ela respondeu que para ele era válido, mas apenas as imagens do aplicativo por enquanto, as legendas ainda não, pois ele ainda é pequeno, tem apenas seis anos. Girassol, então, pediu a palavra e disse que também baixou o aplicativo e tem um filho surdo de 12 anos de idade e que por ser mais velho já utilizava, além das informações visuais, o recurso de legendas.

Ficus também perguntou se haveria a possibilidade de acrescentar e disponibilizar mais sinais no aplicativo e eu respondi que sim, que o projeto ainda está no início, começando com um vocabulário básico e que, aos poucos, será mais desenvolvido, agregando novos sinais como: meio de transporte, área de saúde, entre outros, aumentando, assim, o vocabulário e repertório disponível. Ficus compreendeu e comentou que gostou muito do aplicativo e do fato de nele conter sinais específicos utilizados no Rio Grande do Sul e que gostou muito da experiência com o Sinalibras, que ele foi muito claro para o uso de toda família e todos gostaram.

Tulipa relatou, em outro momento, sua dificuldade em lembrar os sinais em libras, disse que o aplicativo foi muito útil e o utilizou para lembrar e relembrar os sinais. Ela já havia frequentado cursos de libras, mas acabava sempre esquecendo os sinais depois de certo tempo. Com o aplicativo ela relembrou muitos sinais e disse que ele funcionou como uma espécie de estímulo para sua mente.

Com a língua de sinais, as informações chegam até ela, sem a necessidade de se esforçar para dizer, com muita dificuldade, palavras que lhe são estranhas, vozes imperceptíveis, mas que tomam forma quando se transformam em sinais, compondo-se na sua língua, na língua que a liga à sua família (SANTOS, CARVALHO, 2016, p.200).

Perguntei se os filhos deles utilizavam mais mensagem de texto ou chamadas de vídeo em Libras para se comunicar e eles disseram que utilizavam os dois e da mesma maneira. Por vezes, enviam mensagens de texto, às vezes chamada de vídeo e às vezes mensagem de vídeo em Libras. Utilizam todas as modalidades.

Uma das mães relatou que não tinha tempo em sua rotina para fazer o curso de Libras, mas que no caminho para o trabalho ou para ir ao banco etc., utilizou o aplicativo e começou a aprender novos sinais, que gostou e vai continuar usando essa ferramenta, já que infelizmente não tem tempo de participar do curso. Dessa forma, ela prefere aprender através do aplicativo que dá a ela essa possibilidade em diferentes locais como por exemplo: quando está esperando em uma fila, em uma viagem também pode abri-lo e ir aprendendo e, assim por diante, abrir o aplicativo e aprendendo sinais, em qualquer lugar, otimizando seu tempo, ficou registrado em sua fala que ela gostou muito. É importante lembrar que, nesse processo o auxílio na comunicação familiar que o aplicativo Sinalibras proporciona é importante pois,

É na família que o ser humano consegue sobreviver, aprender valores, desenvolver uma cultura, sentimentos de amor, amizade e afeto. Iniciam-se em seu seio os primeiros passos e os primeiros balbucios, resultando, desta forma, o início do processo de interação familiar (NEGRELLI, MARCON, 2006, p.105).

Todos os familiares falaram muito bem do aplicativo. Todos disseram que aprenderam. Perceberam que essa aprendizagem foi estimulada com o aplicativo e sua comunicação está se desenvolvendo melhor. Nenhum relatou, por exemplo, que decaiu no desenvolvimento da Libras com sua utilização. Todos estavam felizes, pois sentiam aceitaram uma proposta (a utilização do aplicativo) sentiram-se desafiados e conseguiram superar o desafio. Relataram que o aplicativo os estimulou a aprendizagem e, tendo mais o curso de libras que os incentivavam e os filhos surdo para se comunicarem em casa, fazia com que a sinalização em Libras melhorasse. Já não esqueciam quase nada dos sinais e por esse motivo o aplicativo estava de parabéns. Todos os pais na reunião concordaram que essa iniciativa – o desenvolvimento do aplicativo, foi excelente.

Perguntei aos pais se eles acreditavam, a partir da sua experiência, que o App Sinalibras é capaz de se desenvolver e aumentar seu repertório. Todos eles disseram que sim e que desejam que o aplicativo continue sendo ampliado, que não queriam desinstalar de seus aparelhos. Reforçaram que a ferramenta os ajudou muito e os estimulou no desenvolvimento e aquisição da Libras. Uma das mães ainda deu uma ideia, de existir uma caixa para sugestões onde se pudesse escrever os sinais que faltam. Se alguém pesquisar algo e não encontrar, sentindo falta então de determinada informação, que seja possível colocar uma sugestão para melhorar o sistema. Como um aviso da falta de algum sinal que precisa ser incorporado ao vocabulário existente para aperfeiçoar a ferramenta.

5.4 SEGUNDO ENCONTRO EM BAGÉ

A segunda roda de conversa realizada em Bagé-RS, assim como no primeiro encontro, contou com seis pessoas. Perguntei a elas também se foi fácil utilizar o aplicativo e todas responderam que sim, que tinha sido fácil. Perguntei também em relação às traduções de palavras e vídeos contidos no Sinalibras e todas disseram que foi tudo de fácil compreensão.

Questionei o grupo então em relação à comunicação com os surdos. Uma das mães relatou que seu filho não conhecia muitas das palavras em português e utilizando o aplicativo começou a aprender, observando em Libras o sinal e relacionando com a palavra escrita em português. Perguntei a idade dele e ela falou que ele tem 16 anos, então pudemos, naquele momento, deliberar um pouco sobre o fato de ser bom que ele esteja aprendendo palavras em português e continue se desenvolvendo e aprendendo novas palavras a partir dos sinais que ele já conhece.

Comunicar nossos interesses, necessidades e poder expressar-se pela nossa língua materna é algo enriquecedor para a interação e o desenvolvimento cognitivo. Os recursos da tecnologia sempre oferecerão estímulos para o desenvolvimento.

Quando perguntei sobre como estava sendo a comunicação dos pais com os filhos com o uso do aplicativo, eles disseram que estavam aprendendo e todos concordaram com isso, que estavam aprendendo e desenvolvendo-se, pois mesmo com pouco tempo livre, eles mesmo assim utilizavam o aplicativo, através do celular

e notavam estar adquirindo conhecimento em relação aos sinais em Libras. Também relataram estar gostando do processo.

Perguntei a eles se percebem se o App melhora a acessibilidade em Língua de Sinais. Responderam que acreditam ser possível sua utilização e disseminação para o aumento do conhecimento acerca da Libras e que ele colabora e é importante para o aprimoramento da comunicação.

Somado a isso, contaram durante a reunião que o Sinalibras funciona como uma espécie de desafio, que no primeiro momento não entendem perfeitamente os sinais, mas que o app acaba ensinando e ampliando a quantidade de informações em Libras. Um deles afirmou que achou muito interessante o aplicativo, que não conhecia e pretendia mostrar ao filho a ferramenta. Após essas respostas, questionei sobre o que a maior parte deles sentiu acerca desse tipo de desafio, que era fácil, difícil, ou o que acharam do App nesse sentido. Disseram, então, que era ótimo, de fácil utilização, que combina bem com a língua de sinais, pois é um aplicativo com grande apelo visual e com menu funcionando de maneira clara nesse sentido. Outro integrante do grupo disse que o App o ajudou muito com muitas informações e todos concordaram com essas opiniões narradas até o momento.

Aproveitei o momento para questionar ao grupo se o projeto Sinalibras poderia melhorar, se haviam notado algum tipo de problema ou algo que tenha deixado a desejar. Responderam não haviam encontrado nenhum problema no sistema, mas acreditavam que sim era possível melhorá-lo. Naquele momento não havia nenhum problema específico em si que pudesse ser identificado por eles. Salientaram o fato de sua importância para as famílias e sociedade em geral na melhoria da comunicação com os surdos e que quanto mais a família e amigos no espaço social tivessem a oportunidade de interagir com os mesmos, melhor e mais felizes eles podem se sentir.

Língua de Sinais, que é uma Língua completa, com estrutura independente da Língua Portuguesa Oral ou Escrita possibilitando o desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, favorecendo o seu acesso a conceitos e conhecimentos que se fazem necessários para sua interação com o outro e o meio em que vive, percebi que minhas dúvidas diminuíram e o meu prazer de viver com os ouvintes aumentou de forma viva na comunicação (VILHALVA, 2001, p.37).

Durante as entrevistas, um dos participantes disse que acreditar que o aplicativo ajuda de fato na comunicação dos surdos com os ouvintes e que de

maneira geral ele traz essa melhora, dentro da família, nos grupos de amigos e que não encontrou também nenhum tipo de problema ou defeito durante o uso do App. Perguntei para cada um se havia encontrado algum tipo de problema no uso do aplicativo e foram todos unânimes na resposta de que tudo funcionava muito bem. Deliberaram um pouco entre eles e concordaram que não havia nenhum problema ou defeito. Um deles então pediu a palavra e disse que existe sim um problema de falta de acessibilidade na comunicação na área da educação, principalmente porque as pessoas não possuem conhecimento tecnológico. Os ouvintes não conhecem muito acerca das tecnologias emergentes, como o Sinalibras, por exemplo, mas disse que isso não é um problema do aplicativo em si, mas das pessoas em geral, para as quais muitas vezes faltam as informações necessárias e que essas não transitam e nem são difundidas como deveriam. Outro integrante do grupo de entrevista ainda disse que não identificou nenhum problema, ao contrário, achou muito interessante e amou o aplicativo, achou muito bom de verdade e que é a primeira vez que utiliza essa ferramenta. Acredita que ela pode sim se desenvolver, expandir seu conteúdo através da inserção de novos sinais o que ajudará em seu desenvolvimento como aplicativo.

Embora durante as conversas muitas informações através das manifestações dos participantes, questionei a todos, então, se eles poderiam citar alguns pontos positivos e negativos do Sinalibras. Alguns falaram que os pontos positivos seriam o desenvolvimento no aprendizado de sinais, o uso de vídeos para mostrar os sinais, visualmente muito bom e também de imagens para representar o significado do que é sinalizado em Libras. Esse aspecto foi enfatizado, pois os participantes pensavam na dificuldade, para a maioria dos surdos, compreender através das palavras em português escrito e, no momento que eles possuem o recurso visual auxiliando na construção do significado do que é sinalizado, inclusive no menu, a compreensão acontece de forma mais eficaz. A soma de imagem e vídeo torna a experiência visual mais completa para os surdos, diferente de quando as informações são passadas através de palavras em português que torna mais confuso os significados e informações existentes durante o processo.

Ainda como ponto positivo, foi citada a possibilidade de não precisar ir à cursos presenciais pela falta de tempo e mesmo assim poder aprender Libras. Quanto aos pontos negativos, foi citado apenas que quando não tem o aparelho

celular junto, a comunicação dos pais com o filho ainda fica difícil, limitada, havendo a necessidade do apoio do celular para estabelecer a comunicação.

Perguntei ao grupo quanto ao futuro do aplicativo, se achavam que era interessante continuar e melhorar o sistema e qual era a opinião deles sobre isso. Todos responderam que sim, que tinham gostado muito e concordavam com a continuação do aplicativo. Todos acharam a ferramenta muito positiva e real auxílio para a melhor comunicação com os surdos, melhorando o diálogo e interação entre família, amigos e disseram que a ferramenta deveria continuar e ser ainda mais ampliada em seus recursos.

Perguntei, também, se o uso do Sinalibras tinha sido bom, como eles perceberam o uso e eles responderam que as mãos pareciam mais importantes que a oralização. Outra pessoa disse que achou o uso do aplicativo acessível e era fácil utilizá-lo no momento da interação. Fácil no sentido de que possui todos os recursos necessários: palavras, imagens, vídeos, explicações de significados interligados, ou seja, não somente palavras, mas as imagens identificando o significado da palavra, os vídeos e também a própria palavra, o que torna o App completo e de fácil utilização. Outro aspecto positivo são as expressões faciais e corporais que aparecem contempladas neste modelo de aplicativo de Libras que utiliza vídeos contendo os sinais.

Perguntei ao grupo se eles acreditam que o uso do aplicativo melhorou a comunicação entre pais e filhos surdos. Todos eles responderam que sim, falando que acreditam que influenciou positivamente a comunicação. Justificaram que o aplicativo apresenta os sinais utilizados na região de Bagé, diferente de outros que mostravam sinais de fora. Então quando eles precisavam, utilizavam o Sinalibras pesquisavam e logo identificavam e reconheciam os sinais que o aplicativo mostrava. Explicaram que antes era difícil, pois em outros aplicativos sempre apareciam sinais diferentes dos utilizados na região.

Perguntei ao grupo, também, acerca do uso de tecnologia e sua continuação através do aplicativo Sinalibras, se eles queriam que tal tecnologia para a aprendizagem aumente e se desenvolva. Alguns de pronto responderam que sim. Solicitaram que o App fosse ampliado com mais vocabulário, ferramentas de busca e que era importante principalmente para o benefício dos surdos, pois os pais aprendem para a comunicação com eles. Um deles disse que achou ótimo e que Deus abençoasse eles por isso, pois dava esperança e incentivo à comunicação.

Perguntei também sobre como eles avaliam a acessibilidade que esse aplicativo proporciona para a interação. Alguns disseram que essa é uma pergunta difícil, pois depende muito de cada pessoa e que até agora eles só sabem sobre a experiência familiar que tiveram. Fora desse ambiente eles ainda não sabem como pode funcionar. Para a família já tentaram apresentar o aplicativo, pois sabem que ele é importante tanto para os surdos utilizarem e aprenderem português, mas também para que os ouvintes aprendam a se comunicar em língua de sinais com os surdos. Entendem que esse processo de aprendizagem que o aplicativo oferece é importante tanto para surdos como para os ouvintes. É uma ferramenta simples de ser utilizada e pode ser levada sempre junto, pois por estar no celular, a qualquer momento que se faça necessário pode ser acessada para facilitar a comunicação entre as pessoas.

A questão é que muitas vezes as pessoas não têm esse tipo de informação, não sabem que esse tipo de ferramenta existe, diferente das pessoas que estão nos grupos que já conhecem, no caso estão utilizando já a cerca de duas ou três semanas. Um dos familiares presentes relatou que utilizar essa ferramenta é como se fosse um estímulo para a continuidade do seu aprendizado. Evita que ele esqueça os sinais, pois a constante utilização o relembra do vocabulário aprendido e acaba estimulando a aprendizagem. Outra pessoa ainda falou sobre a necessidade de que o aplicativo permaneça ativo e não seja com o tempo desabilitado, concordando com tantos *feedbacks* positivos e de incentivo para que o instrumento permaneça ativo para o uso, pois estavam todos muito felizes com a oportunidade de utilizá-lo e com os benefícios que ele está trazendo para a comunicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da presente pesquisa foi voltado ao aplicativo Sinalibras. Antes de iniciar com a proposta propriamente dita, procurei investigar o aplicativo: como ele foi estruturado, utilizando palavras, imagens, legendas, o que foi desenvolvido de maneira correta e o que poderia ou deveria ser melhorado. Encontrei alguns erros, por exemplo, alguns sinais incorretos que foram corrigidos e também palavras com o respectivo sinal errado em que também foram feitas as alterações necessárias. Algumas imagens que não possuíam o respectivo sinal também foram identificadas e o sinal acrescentado durante a revisão.

Encontrei durante esse processo, portanto, vários itens nos quais foram realizadas melhorias. Existiu um esforço de organizar e melhorar o aplicativo de um ponto de vista linguístico e por outro lado houve um trabalho também de colocar em ordem alguns itens dentro do aplicativo. A maior novidade acrescentada ao aplicativo foram vídeos que produzi de sinais de transportes e também os itens que estavam errados e foram corrigidos. A ideia central é que daqui em diante as versões continuem sendo atualizadas.

Além disso, também houve a preocupação com a coleta de informações, através de entrevistas, dos usuários do aplicativo sobre o que poderia ser aperfeiçoado no Sinalibras. As pessoas entrevistadas trouxeram algumas sugestões como, por exemplo, a falta de espaço para dúvidas, reclamações, sugestões, elogios, etc., que seria interessante se acrescentadas ao App. Os encontros para as entrevistas foram muito proveitosos porque deles saíram várias sugestões para desenvolver a ferramenta. Esse espaço para a opinião dos usuários é algo, por exemplo, realmente importante de ser acrescentado.

Outra parte da pesquisa esteve voltada para a observação da opinião dos familiares que participaram dos grupos de entrevista sobre quais seriam as críticas ao aplicativo. A maioria delas teve relação com a utilização de avatares como algo negativo, por outro lado muitos elogios aos vídeos das pessoas sinalizando, eles surgiram como uma característica muito positiva do app. Os relatos das famílias sobre os vídeos de pessoas sinalizando, sendo possível perceber as emoções e captar os sentimentos, enquanto o avatar não é capaz de transmiti-los de forma tão

perfeita, sendo um consenso, então, que preferem vídeos de pessoas ao invés de avatares realizando a sinalização.

Segundo os entrevistados, os avatares possuem características muito robotizadas em seus movimentos, deixando por esse motivo muito a desejar na qualidade da sinalização. O fator natural dos movimentos acaba se perdendo quando eles são utilizados para transmitir os sinais. A maior parte das famílias entrevistadas em Pelotas e Bagé tiveram a mesma opinião em relação a este item.

Também foi deliberado ao longo das entrevistas a dificuldade existente com a variação linguística. Foi mencionado como os sinais do Rio Grande do Sul tem diferenças de outros locais, a existência como se fosse de um dialeto próprio dessa região. Por exemplo, no Rio Grande do Sul, se falarmos a palavra torrada, em São Paulo, a palavra utilizada para se referir a torrada é misto quente. O mesmo fenômeno ocorre com a Língua Brasileira de Sinais, enquanto alguns sinais são utilizados para se referir a algo no Rio Grande do Sul, em São Paulo sinais diferentes são utilizados para se referir a mesma coisa.

Contando a história enfatizei sobre as estratégias de tentar comunicar-me com os garçons, de fazer gestos, de falar a palavra torrada, mas sem sucesso. Então minha namorada explica que provavelmente eles deveriam achar estranho encontrar um surdo, e que nessa região não se fala torrada e sim "misto quente". A conclusão que chego é que tanto os garçons, assim como eu estávamos fazendo o possível, mas eu não conhecia a realidade do local e eles desconheciam o que era ser surdo. Um cardápio teria solucionado tudo (PAIXÃO; FLORES, 2014, p.132).

Essa questão foi mencionada pelas famílias tanto de Bagé quanto de Pelotas. Todos que testaram o aplicativo relataram se sentir bem com o seu uso porque nele são utilizados sinais específicos da região onde moram, diferente de outros aplicativos que carregam sinais de fora do Rio Grande do Sul, que não são utilizados nas comunidades onde vivem. O fato de poder receber informações visuais, de pessoas em vídeo sinalizando ao invés de avatares e ver as respectivas palavras em português de cada sinal, auxiliou inclusive na autoestima dos usuários, pois se sentiram felizes e satisfeitos com os benefícios do uso do aplicativo.

O relato é de que houve um sentimento de liberdade, de poder ir a qualquer lugar, seja trabalho ou escola e em qualquer momento de dúvida sabiam que carregavam, facilmente, no bolso ou em alguma bolsa, o aplicativo e que poderiam acessar as informações dos sinais ou palavras que precisassem se lembrar. O

sentimento de satisfação para todas as famílias que testaram a ferramenta, tanto as de Bagé quanto as de Pelotas, foi o que predominou da experiência com o aplicativo.

Aparentemente foi uma experiência muito positiva, pois quando questionei sobre possíveis aspectos negativos do aplicativo, a única referência que surgiu foi dos avatares sinalizando, que não agrada, e também o fato de sinais em aplicativos no geral serem diferentes na região do Rio Grande do Sul, sendo que preferem utilizar algo com sinais específicos utilizados no estado. Uma possibilidade que imaginei para esse tipo de desconforto dos usuários seria a de no momento que a pessoa baixar e abrir o aplicativo, ter a opção de selecionar os sinais de qual região ele gostaria de ter acessar e o próprio aplicativo, automaticamente, apresentasse os sinais da região escolhida. Essa, portanto, seria uma proposta de algo a ser implementado para atender as necessidades dos usuários, mas esta ideia ainda não está sendo elaborada, pois é apenas uma proposta de projeto para o futuro.

Quanto às questões acerca do nível de dificuldade para *download* e utilização do sistema, a maior parte das pessoas relatou extrema facilidade em todos os processos. Poucos foram os que tiveram algum nível de dificuldade com o uso da ferramenta. Relataram um fácil manuseio e acesso às informações dentro do Sinalibras. Essa foi a opinião geral das famílias, tanto de pais ouvintes quanto dos filhos surdos.

Com relação ao tipo de Pesquisa, a Pesquisa-Aplicação, ela foi adequada para a minha proposta. Levando em consideração as iterações de ciclos sistemáticos de elaboração, foram realizados:

- 1) Análise do problema;
- 2) Projeto e desenvolvimento do protótipo do Sinalibras, pela Área de Libras da UFPel.
- 3) Avaliação, pelos dois grupos de roda de conversa em Bagé e Pelotas;
- 4) Revisão, bem como a ressubmissão para análise, modificações e novas avaliações do Aplicativo.

O modo de produzir dados narrativos, pela roda de conversa, foi bem interessante. Senti liberdade nas pessoas para falarem de seus sentimentos, não foram entrevistas de perguntas e respostas, mas conversas direcionadas que geraram muitos dados. Muitas vezes as TILS precisavam pedir socorro para mim

porque não conseguiam acompanhar todas as falas, nesses momentos eu retomava a atenção e reorganizava as participações.

Acredito que a tendência é o aplicativo Sinalibras ir melhorando ao longo do tempo, com a permanência da manutenção e aprimoramentos sendo feitos através de novas versões produzidas. Penso, por exemplo, em algumas propostas para o futuro do aplicativo. Uma delas é a possibilidade de gamificação do sistema, transformando-o em um jogo para o aprendizado da Língua de Sinais. A outra ideia seria a criação de pequenos filmes em Libras específicos para compor e otimizar o aplicativo. A terceira ideia está ligada à possibilidade de escolha dos sinais específicos de acordo com a região que o usuário preferir e, por último, ainda a ideia de acrescentar um ambiente dentro do aplicativo para sugestões, opiniões, reclamações, etc. A Diretora da Escola de Surdos de Pelotas mostrou-se muito interessada em realizar uma pesquisa com os alunos da Educação Infantil, utilizando o Sinalibras. Enfim, são muitas possibilidades.

Sobre o mestrado, sinto que posso compará-lo a um tipo de vício. Foi um processo em que senti a necessidade de pesquisar e diante da pesquisa, encontrei desafios que me fizeram imaginar novas possibilidades e procurar por respostas e até encontrá-las. Descobrir as possibilidades e informações por meio desse processo de provocação e investigação. Algo que insistia em surgir nos meus pensamentos e não conseguia deixar de lado. Eu simplesmente não conseguia ficar parado, era uma necessidade que eu sentia em desenvolver a pesquisa, vencer cada etapa, preocupar-me com as orientações e, então, correr atrás de respostas. Não posso dizer, no entanto, que tudo foi fácil. A língua portuguesa ao longo desse trajeto foi um desafio para mim. Eu sinto a facilidade quando uso as mãos e através delas me comunico. Elas produzem uma língua que funciona de forma rápida e dinâmica para mim. Essa língua, sim, é fácil do meu ponto de vista.

No mestrado, no entanto, paralelo ao uso da Língua de Sinais temos a escrita em Língua Portuguesa que no meu caso, como anteriormente citei, é uma construção mais demorada e difícil. Para vencer o desafio com o português, duas intérpretes participaram do processo. Elas colaboraram com o desenvolvimento da escrita dessa dissertação e são as tradutoras/intérpretes Paula e Shanna. O trabalho com as duas profissionais foi muito bom e, de fato, senão pudesse contar com sua ajuda para a escrita desse trabalho, teria sido muito mais difícil, porque muitas vezes não encontro as palavras no português tão perfeitamente como encontro na Língua

de Sinais para expor minhas ideias e teorizações, que são necessárias para a construção desse trabalho. Se alguém fosse capaz de observar a minha mente, poderia ver que meus pensamentos surgem na forma de mãos que sinalizam construindo os significados e ideias muito mais do que através de palavras utilizadas no português. Minha mente e a expressão do que sinto e penso flui naturalmente através da Língua de Sinais.

Em relação aos orientadores, no momento da escolha, com a possibilidade de orientadores ouvintes, sentia que poderia perder muitas coisas pela diferença entre as línguas. Quando encontrei a professora Tatiana que conhece o Português e também a Libras, a garantia da melhor qualidade nas interações descomplicou o processo, pois nessa pesquisa de mestrado, o principal tema abordado é algo relacionado a Língua de Sinais.

No começo, quando pensei sobre a possibilidade de fazer um mestrado, imaginava que seria muito difícil, mas acabou não sendo tanto. Já havia tentado anteriormente três vezes em outros lugares ingressar no mestrado, a primeira vez na UFRGS não consegui, a segunda vez na UFSC também não havia conseguido, na terceira vez quando tentei ingressar na UFPel, então, fui aprovado. Achei inclusive estranho ter passado em sétimo lugar. No edital dizia que estavam abertas trinta vagas para o mestrado e quando vi que estava em sétimo lugar fiquei feliz. Foi algo surpreendente.

Antes do processo seletivo, eu estudei o edital, li e vi que havia a possibilidade de realizar uma prova acessível em Libras, em que eu responderia a prova dissertativa em português e depois pude complementar cada resposta na minha língua, através de filmagem e tradução para voz de um profissional tradutor/intérprete de Libras. E, nesse modelo acessível, consegui passar.

Quanto às aulas, correu tudo muito bem com tradução simultânea de todas elas, sempre por dois tradutores/intérpretes que acompanhavam e revezavam-se durante a tradução. Foi realmente ótimo. Tive também que apresentar muitos trabalhos relacionados às disciplinas e durante essas atividades também foi tudo bem. No início, os professores ficavam um pouco preocupados, pensando como seria essa dinâmica de aula tendo um aluno surdo, o que era de fato um desafio tanto para eles, quanto para mim. Compreender os temas e conteúdos às vezes era um processo um pouco mais demorado em função da língua, algumas dúvidas acabavam tendo que ser tiradas com os professores, as apresentações em cada

disciplina aos poucos iam construindo-se e sendo feitas. Dessa forma, consegui passar em todas as disciplinas com boas notas. Essas intervenções, que às vezes precisam ser feitas em função das duas línguas acabam, por vezes, dificultando o processo.

Em relação às orientações sinto-me muito bem. Eu não acho que esse é um processo difícil, pois a prof. Tatiana sabe que a Libras é a minha língua e que para mim ela é tão importante quanto o português é para os ouvintes. Quando ela sugeriu-me a pesquisa sobre o Sinalibras achei muito interessante e comecei a pesquisar rapidamente informações sobre o aplicativo. Pensei no começo que seria muito complexo, mas depois vi que não era tão difícil. Conforme encontrava as informações ficava espantado com todo o conteúdo acerca dele e com todas as possibilidades que existiam para a pesquisa.

A possibilidade de fazer entrevistas e reunir-me com as famílias, para mim foi como o início de um desafio. Através desses encontros pude entender a opinião das pessoas e ver que, mesmo em cidades diferentes, as opiniões e sentimentos eram parecidos. No final, poder juntar todas as experiências e compreender qual era a ideia deles, para mim, não foi difícil porque minha curiosidade era realmente uma obsessão, tinha um desejo forte de observar, descobrir, conhecer e coletar as informações. Eu lembro que há muito tempo atrás, quando ainda estava no ensino médio, imaginava o mestrado como algo de um nível extremo de dificuldade, sequer considerava essa possibilidade para minha vida. Agora, no entanto, percebo que é diferente.

Trabalho usando a língua de sinais, o que torna o processo mais rápido e fácil para mim e me faz sentir bem. Confesso que senti um pouco de medo no momento em que entreguei o material impresso para a banca de qualificação, pois não tinha certeza da qualidade do que pude produzir, não tinha certeza se estava indo pelo caminho certo. Na banca, composta pelas professoras Tatiana, Francielle e Letícia, deram-me um retorno de como estava o trabalho, do que precisava ser revisado, fizeram apontamentos do que deveria ser alterado e aprimorado e, então, fui realizando as modificações necessárias. Não foram em sua maior parte indicações de erros da pesquisa, mas sim dicas de palavras do português que precisavam ser corrigidas, trabalho que fiz contando com o auxílio da minha orientadora e das tradutoras/intérpretes. Destaco, também, que utilizei a tecnologia ao meu favor nessa questão, através de sites de pesquisa buscava os sinônimos das palavras e

observando os sinônimos conseguia compreender o significado e contexto delas. Sem esse tipo de ajuda que a tecnologia me proporcionou também teria sido muito mais difícil. Minha banca de qualificação, diferentemente dos ouvintes que geralmente gravam o áudio, foi filmada para que depois eu pudesse assistir algumas vezes, pois foi realizada em Libras.

Depois das considerações da qualificação, fui arrumando o projeto de acordo com as sugestões, procurando as informações necessárias para realizar as melhorias no trabalho. A parte das citações também foi um desafio, pois precisei de muita leitura para encontrar as referências necessárias. Conforme eu realizava leituras, separava o conteúdo que percebia importante e guardava e também conversava com a intérprete ou com a orientadora para pedir o esclarecimento do significado de alguns textos quando restava alguma dúvida e, assim, eu fui selecionando as citações que entrariam no trabalho. O que imaginava que seria algo muito difícil acabou não sendo, pois tive o apoio de tradução e interpretação e também de uma orientadora que sinalizava, o que transformava os conteúdos muito claros para mim me fazendo, dessa forma, sentir muito bem. Se não houvessem os intérpretes e não existisse acessibilidade da orientação em Libras, meu sofrimento e ansiedade com o processo certamente seriam piores, pois iria sofrer da mesma maneira que no meu passado eu sofria, como já contei ao longo dessa dissertação.

Percebo que com a acessibilidade o caminho torna-se mais rápido de ser trilhado e questiono-me, será possível continuar caminhando e chegar ao doutorado? Se compararmos, é claro que o doutorado é diferente do mestrado.

O mestrado eu fui capaz de realizar, mas e o doutorado? Seria possível? Apenas no futuro poderei encontrar essa resposta.

Com a defesa da dissertação aproximando-se, preocupei-me em arrumar e aprimorar o trabalho baseado nas sugestões recebidas das avaliadoras, levar para a revisão das normas da ABNT e, por fim, entregar novamente à banca para finalizar o processo. Chegando ao momento da entrega final, sinto que mudei. Agora, quase com o título de mestre sinto como se um piscar de olhos me trouxesse até aqui. Não sinto como se alguns dias, meses, na verdade dois anos tenham passado. Sinto como se em uma fração de segundos eu abrisse os meus olhos e estivesse recebendo um diploma com as seguintes palavras impressas: “Mestre André Daniel Paixão”. Olhar para essa titulação faz meu pensamento viajar no tempo, volta ao momento que eu era um bebê e lembrar de todas as dificuldades que enfrentei

enquanto crescia e amadurecia, passando por um primeiro grau em que me vi frente a momentos difíceis, depois o segundo grau da mesma forma muito difícil e depois a faculdade, onde o acesso começou a ser finalmente em Língua de sinais e, depois, o Mestrado. Toda essa trajetória está presente em minha memória até hoje. Quando eu vejo o título de mestre, minhas lembranças iluminam-se, a Língua de Sinais ilumina-se, a visualidade característica de quem sou ilumina-se e eu sinto profundo orgulho de tudo. Agora, quase chegando ao fim desse processo, meu ponto final é a gratidão que sinto por tudo que vivi. Muito Obrigado.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino e SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. (Orgs.). **Libras em estudo**: tradução/interpretação – São Paulo: FENEIS, 2012. 210p.

BARBOSA, M.F.L. **A Aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela família do surdo**. Disponível em: <http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/artigosdeficiente/a%20aquisicao%20da%20lingua%20bras%20de%20sinais.pdf>. Acesso em: nov.,2018.

BATISTA, S. M.; FRANÇA, R. M. Família de pessoas com deficiência: Desafios e superação. **Revista de Divulgação Técnico Científica do ICPG**, Blumenau, v.3, n.10, p.117-121, 2007.

BERGMANN, L. Repercussões da surdez na criança, nos pais e suas implicações no tratamento. **Informativo Técnico-Científico Espaço INES**. 2001.

BINON, Jean; VERLINDE, Serge. A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **As palavras e sua companhia**: o léxico na aprendizagem. Pelotas: Educat, 2000, p.95-118.

BRASIL, **Secretaria de Educação Especial Língua Brasileira de Sinais** / Organizado por BRITO, Lucinda F. et. al. Série Atualidades Pedagógicas, n.4. Brasília: SEESP, 1997. V.III.

BRIZOLLA, Francéli. Educação especial no RS: **Análise de um Recorte no Campo das Políticas Públicas**. 2000. 243f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79455/000288745-02.pdf?sequence=2>. Acesso em: out.,2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARMOZINE, Michelle M.; NORONHA, Samanta C. C.. **Surdez e Libras**: conhecimento em suas mãos. São Paulo: HUB editorial, 2012.

CARVALHO, Denise Moura, SANTOS, Layane Rodrigues de Lima. **Pais ouvintes, filho Surdo**: Causa e consequência na aquisição da língua de sinais como primeira língua. *Revista Sinalizar*, v.1, n.2, p.193-203.jul/dez 2016.

COLLING, J. P; BOSCARIOLI, C. Avaliação de tecnologias de tradução português-libras visando o uso no ensino de crianças surdas. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v.12, n.2, p.1-100, dez., 2014.

CORREIA, Margarita 2008. **Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências**. In: Júnior, Manuel Alexandre (coord.) *Lexicon – Dicionário de Grego-Português*, Actas de Colóquio. Lisboa: Centro de estudos Clássicos / FLUL, p.73-85.

EMMOREY, K.; BELLUGI, U. & KLIMA, E. **Organização neural da língua de sinais**. Em *Língua de sinais e educação do surdo*. Eds. Moura, M. C.; LODI, a. C. e PEREIRA, M. C. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia. SBNp. São Paulo, 1993.

GUARINELLO, A. C.; CLAUDIO, D.P.; FESTA, P. S.V.; PACIORNIK, R. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes-filhos surdos. **Tuiuti: Ciência e Cultura** (Online), v.46, p.151-168, 2013. Disponível em: http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_46_programas/pdf_46/art10_reflexoes.pdf. Acesso em: nov.,2018.

FELIPE, Tanya A. Introdução à gramática da Libras. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda et. al. (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/ vol.III: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

FELIPE, Tanya A. **Os processos de formação de palavra na Libras**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.

FELIPE, Tanya A. MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: Curso básico**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora WallPrint, 2008.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: _____ et al. (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol.III: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC/SEESP, 1998. (Série Atualidades Pedagógicas).

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GOMES, Liliane Durão; BENASSI, Claudio Alves. Linguagem corporal e expressão facial aplicada a Língua brasileira de sinais – Libras. **Revista Diálogos: linguagens em movimento**. Ano III, N. I, jan.,/jun., 2015.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. Libras: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; SANTOS, Lara Ferreira dos (Org.). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar. 2014.

HILZENSAUER Marlene, Klaudia Krammer. **A Multimedia Glossary For Deaf Media Professionals: SpreadTheSign**. Sevilla, Spain. This volume, 2015.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/282576236_A_MULTILINGUAL_DICTIONARY_FOR_SIGN_LANGUAGES_SPREADTHESIGN. Acesso em: dez., 2018.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo: EdUFSCar, 2013.

LEBEDEFF, T.B e ROSA, F.S. Processos de registro e políticas de patrimonialização de Língua de Sinais. IN: FARENZENA, N. (Org.) **VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

LEBEDEFF, T.B.; NOGUEIRA, A.; GUGLIANO, B.; ROSA, F.; SILVA, I.G. e SANTOS, A.N. **Sinalibras**: glossário interativo para a disciplina de Libras da UFPel em tecnologia móvel. Caderno de Programação e Resumos da VI Jornada de Elaboração de Materiais, Tecnologia e Aprendizagem de Línguas, Pelotas: UCPEL, 2016.

MARQUES, H. R.; GIANOTTO, A. O.; GIANOTO, H. S. S.. (2016). Pais ouvintes, filhos surdos: barreiras na comunicação. **Multitemas**. 21. 10.20435/multi. v21i49.1114.

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Terminologia da libras: coleta e registro de sinais-termo da área de psicologia**. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194183?show=full>. Acesso em: nov., 2018.

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. **Família e Criança Surda**. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006. Disponível: <http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v5i1.5146>. Acesso em: nov., 2018.

OLIVEIRA, L. e CÓRDULA, E.B.L. **A comunicação entre crianças surdas filhas de pais ouvinte**. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/a-comunicacao-entre-criancassurdas-filhas-de-pais-ouvintes>. Acesso em: nov., 2018.

OATES, Eugênio. **Linguagem das mãos**. Aparecida do Norte: Santuário, 1969.

PAIXÃO, A. D.; FLORES, V. M. . Uma viagem pelo Brasil, usando Libras. Em: Sheila Katiane Staudt; Fabiana Cardoso Fidelis. (Org.). **Crônicas de viagem do século XXI: Olhares sobre as cidades**. 1 ed.São Leopoldo: Casa Leiria. 2014. v.1, p.129-133.

PLOMP, Tjeerd; NIEVEEN, Nienke; NONATO, Emanuel e MATTA, Alfredo (Orgs.) **Pesquisa-Aplicação em Educação**: uma introdução. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

QUADROS, Ronice M. de e KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. d., & STUMPF, M. R. **O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais**: educação a distância. ETD - Educação Temática Digital, 2009. 10(2), 169-185. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-71818> Acesso em: fev., 2019.

SANDMANN, Antônio. **Morfologia lexical**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SANTOS, L., & CARVALHO, D. Pais ouvintes, filho surdo: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. **Revista Sinalizar**, 1(2), 190-203. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rs.v1i2.41493>. Acesso em: nov., 2018.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Educação & exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOUZA, Marcos José Rosendo de, BEZERRA, Aluizio Lend, PONTES, Antônio. **Lexicografia e língua de sinais**: aspectos históricos, teóricos e analíticos em um dicionário ilustrado de Libras RE-UNIR, Rondônia, 2018.

VILHALVA, S. **Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã**. 1 ed. Campo Grande: 2001.

SITES CONSULTADOS:

Ensino da Libras como Segunda Língua e as Formas de Registrar uma Língua Visuo-Gestual: Problematizando a Questão. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/6e9e138e1df0292c48e355324465cb64.pdf>

Pedra Litográfica. Disponível em: <http://7dasartes.blogspot.com/2011/09/o-que-e-litografia.html>

Spread the sign-brasil: Experiência no registro da língua de sinais brasileira. Disponível em: https://media.spreadthesign.com/cmsfile/cms-74-STs_Klagenfurt.pdf

Site UFSC: Formação específica em Língua de Sinais
http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS



Sou discente do mestrado em Letras – Estudos da Linguagem e, estou realizando esta pesquisa de dissertação intitulada **A Evolução do Dicionário de Libras como Material de Consulta Linguística: da Folha ao Click**. Nosso objetivo é aprimorar o aplicativo Sinalibras para que seja um instrumento que facilite a interação comunicativa entre pais surdos e filhos ouvintes. Ao concordar colaborar com a pesquisa, você vai participar de oficinas para aprender a usar o Sinalibras e, participar de rodas de conversa para avaliar o Sinalibras.

Todos os dados serão mantidos em sigilo.

Você não receberá recompensa econômica por participar da pesquisa.

Em qualquer momento você poderá desistir de participar, seja da Oficina ou seja da roda de conversa.

Conto com sua colaboração e, desde já, agradeço!

Eu, _____ aceito participar da pesquisa.

RG: _____

Mestrando: André Daniel Paixão

Contato: paixaoo@hotmail.com ou Whatsapp: 51 99253-9564

Orientadora: Tatiana Bolivar Lebedeff

Contato: tblebedeff@gmail.com ou celular/Whatsapp: 53 99114-9494

ANEXO B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A RODA DE CONVERSA-PELOTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS



- 1) Qual seu grau de parentesco com a criança surda matriculada na escola?
() pai ou mãe () irmã/ irmão () tio/tia () avô/avó.
Qual a idade da criança? _____
- 2) Você sabe LIBRAS? () sim () não
- 3) Se sim, em que lugar aprendeu?
- 4) Se sim, quando aprendeu LIBRAS?
- 5) Você acha que a LIBRAS auxilia (ou auxiliaria) a criança surda na escola?
- 6) Você é surdo? () sim () não
- 7) Tem mais alguém surdo na sua família? () sim () não
- 8) Como é a comunicação entre vocês e a criança surda? Usam LIBRAS ou Sinais Caseiros?
- 9) Qual o maior desafio para comunicação entre a criança surda e os pais?
- 10) Você usou o SINALIBRAS em casa? () sim () não
- 11) A criança surda usou o SINALIBRAS em casa? () sim () não
- 12) A criança gostou de usar o SINALIBRAS? () sim () não

- 13) Quais os pontos positivos e negativos do SINALIBRAS?
- 14) O que você mudaria e deixaria no SINALIBRAS?
- 15) Você acredita que o SINALIBRAS possa modificar a aprendizagem de Libras da família?

ANEXO C – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A RODA DE CONVERSA – BAGÉ

FLORES:

SURDA IDADE:

- 1) Como os pais ficaram sabendo da surdez de seu filho?
- 2) Quais as dificuldades enfrentadas pelo seu filho em decorrência da surdez?
- 3) Que orientações foram dadas sobre as opções educacionais para seu filho surdo?
- 4) Vocês pais acham que seu filho é menos desenvolvido por ser surdo?
- 5) Senhores pais e seu filho sabem LIBRAS? Em que lugar aprenderam?
- 6) Senhores pais acham que a LIBRAS auxilia (ou auxiliaria) seu filho surdo na escola?
- 7) Senhores pais são surdos? Tem mais alguém surdo na sua família?
- 8) Como é a relação entre vocês e sua filha? Libras ou Sinais Caseiros?
- 9) Quando aprendeu a Língua Brasileira de Sinais (Libras)?
- 10) Qual o maior desafio para comunicação entre surdo e seus pais?
- 11) Como você surdo faz para usar o telefone celular? O que te motiva a chat ou web?
- 12) Quando começou o uso de celulares por pessoas surdas? Como é palavra ou imagina (icônico)?
- 13) Você faz uso de programa aplicativo geral?
- 14) O que acha que ainda é preciso melhorar para que a pessoa surda e pais consigam interagir e usarem o celular? Como surgiu a ideia?
- 15) Tiveram o apoio de surdo e pais durante o desenvolvimento?
- 16) De que maneira acontece a tradução?
- 17) Há entendimento da leitura de outras línguas para o SINALIBRAS? Por que há tão poucos tradutores digitais?
- 18) Facilitar a comunicação entre surdos e pais? São um uma boa ação social?
- 19) Como você mostra o valor da acessibilidade digital?
- 20) Qual é o maior desafio que o programa SINALIBRAS?
- 21) Qual foi o maior desafio que já enfrentou, por causa da relação de SINALIBRAS?
- 22) Para você, quais são os principais resultados que o SINALIBRAS conquista

com o projeto?

23) Como é o retorno do surdo, SINALIBRAS?

24) SINALIBRAS estão prontas para acolher e desenvolver as pessoas com deficiência? Para você, qual é o maior problema?

25) O que você vê como o maior problema que os gestores têm com relação a acessibilidade?

26) Quais os pontos positivos e negativos da tecnologia (SINALIBRAS) para a vida do surdo e pais?

27) Como você vê a relação entre tecnologia (SINALIBRAS) e família no futuro?

28) O que você percebeu com o surdo usa SINALIBRAS?

29) Você acredita que o aplicativo (SINALIBRAS) possa modificar a aprendizagem de um surdo e pais?

30) A tecnologia (SINALIBRAS) pode aproximar a realidade de surdo e pais?

31) Qual a sua avaliação sobre acessibilidade digital no SINALIBRAS?

FLORES: **ANGELICA**

SURDA IDADE: 21

- 1) Como os pais ficaram sabendo da surdez de seu filho? Após os 3 anos, quando viram que não desenvolvia fala
- 2) Quais as dificuldades enfrentadas pelo seu filho em decorrência da surdez? Aprendizado e comunicação social
- 3) Que orientações foram dadas sobre as opções educacionais para seu filho surdo? Escola inclusiva e centro de apoio caminho da luz
- 4) Vocês pais acham que seu filho é menos desenvolvido por ser surdo? Sim
- 5) Senhores Pais e seu filho sabem LIBRAS? Em que lugar aprenderam? Só os filhos, oficinas da prefeitura
- 6) Senhores Pais, acham que a LIBRAS auxilia (ou auxiliaria) seu filho surdo na escola? Auxilia muito
- 7) Senhores Pais, são surdos? NÃO Tem mais alguém surdo na sua família? Não
- 8) Como é a relação entre vocês e sua filha? Libras ou Sinais Caseiros? Os dois
- 9) Quando aprendeu a Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Aos 12 anos
- 10) Qual o maior desafio para comunicação entre surdo e seus pais? Surdos desenvolvem mais a libras que os pais
- 11) Como você surdo faz para usar o telefone celular? O que te motiva a chat ou web? Mais os chats, na web poucas ferramentas de tradução tudo escrito ou falado

- 12) Quando começou o uso de celulares por pessoas surdas? Como é palavra ou imagina (icônico)? com 16 anos, + ou -
- 13) Você faz uso de programa aplicativo geral? Google, YouTube
- 14) O que acha que ainda é preciso melhorar para que a pessoa surda e pais consigam interagir e usarem o celular? Mais oferta de cursos pra pais e cursos mais avançados, aplicativos e recursos com libras. Como surgiu a ideia? Dificuldade de comunicação e procura de material em libras
- 15) Tiveram o apoio de surdo e pais durante o desenvolvimento? Sim, dos pais pouco, tinham pouco estudo, mais da escola e intérpretes, principalmente das testemunhas de Jeová (igreja)
- 16) De que maneira acontece a tradução? Intérprete
- 17) Há entendimento da leitura de outras línguas para o SINALIBRAS? Por que há tão poucos tradutores digitais? Sim, acho que as pessoas com deficiência têm pouco espaço nas sociedades
- 18) Facilitar a comunicação entre surdos e pais? São um uma boa ação social? Com certeza
- 19) Como você mostra o valor da acessibilidade digital? Usando, divulgando e avaliando
- 20) Qual é o maior desafio que o programa SINALIBRAS? Divulgação e ampliação
- 21) Qual foi o maior desafio que já enfrentou, por causa da relação de SINALIBRAS? Explicar conceito abstratos para o surdo
- 22) Para você, quais são os principais resultados que o SINALIBRAS conquista

com o projeto? Aproximar os surdos da família e da sociedade

23) Como é o retorno do surdo, SINALIBRAS? Será melhor. SINALIBRAS estão prontas para acolher e desenvolver as pessoas com deficiência? Para você, qual é o maior problema? Sim, o problema é a falta de acessibilidade a educação, e nos meios de comunicação, as pessoas que precisam as vezes não tem acesso ou nem ficam sabendo das tecnologias assistivas

24) O que você vê como o maior problema que os gestores têm com relação a acessibilidade? Falta de recursos e pessoal capacitado

25) Quais os pontos positivos e negativos da tecnologia (SINALIBRAS) para a vida do surdo e pais? Positivos: utiliza figuras e não palavras, já que a maioria dos surdos tem dificuldade com o português. Negativos: sinais básicos, precisa aprofundar, sinais mais complexos

26) Como você vê a relação entre tecnologia (SINALIBRAS) e família no futuro? Vai melhorar muito a comunicação entre as famílias

27) O que você percebeu com o surdo usa SINALIBRAS? Usa com facilidade, mas já conhece todos aqueles sinais

28) Você acredita que o aplicativo (SINALIBRAS) possa modificar a aprendizagem de um surdo e pais? Com certeza principalmente para surdos e pais que estão aprendendo libras

29) A tecnologia (SINALIBRAS) pode aproximar a realidade de surdo e pais? Com certeza

30) Qual a sua avaliação sobre acessibilidade digital no SINALIBRAS? Muito intuitivo e fácil de usar, tanto para surdos como para pessoas que tem dificuldades com informática e libras

FLORES: **GERBERA**

IDADE DA SURDA: 18

- 1) POR UMA INFECÇÃO
- 2) A FALA
- 3) NA ESCOLA TINHA QUE PARTICIPAR COM OS ALUNOS OUVINTES
- 4) NÃO
- 5) A MÃE SABE MAIS OU MENOS A FILHA QUE É SURDA APRENDEU NO DECORRER DO TEMPO
- 6) AUXILIA MUITO, POIS NÃO SE SENTE TÃO PERDIDO
- 7) NÃO
- 8) CASEIRO
- 9) COM CINCO ANOS IDADE
- 10) NÃO SABER SE COMUNICAR EM LIBRAS
- 11) WEB
- 12) QUANDO GANHEI MEU PRIMEIRO CELULAR
- 13) WHATSAPP
- 14) A COMUNICAÇÃO
- 15) SIM
- 16) PELA IRMÃ QUE SABE LIBRAS
- 17) NÃO SEI
- 18) SIM
- 19) NÃO SEI
- 20) APRENDER
- 21) NÃO BER
- 22) ENSINAR
- 23) ÓTIMO
- 24) SIM, PARA MIM NÃO EXISTE NENHUM PROBLEMA
- 25) NÃO SEI
- 26) POSITIVOS: APRENDER E DESENVOLVER AINDA MAIS A LIBRAS
NEGATIVOS: TERIA QUE EXISTIR UM MEIO ONDE OS PAIS PUDESSEM SE COMUNICAR COM SEUS FILHOS SURDOS POIS MUITOS SINAIS MODIFICARAM.

- 27) MUITA MELHORIA PARA TODOS, POIS FICARÁ MAIS FÁCIL A COMUNICAÇÃO.
- 28) AS MÃOS DIZEM O QUE A FALA NÃO PODE SER DITA
- 29) SIM
- 30) SIM
- 31) TENTAR APREENDER, AINDA MAIS SINAIS E SABER A IMPORTÂNCIA QUE A LIBRAS TEM PARA TODOS, NÃO SÓ PARA OS SURDOS, MAS TAMBÉM PARA OS OUVINTES.

FLORES: **TANGO**

IDADE DA SURDA: 16

- 1) ATRAVÉS DE TESTES
- 2) MUITAS DE LEITURA E ENTENDIMENTO GERAL
- 3) ESCOLA NORMAL E CAMINHO DA LUZ QUE É EDUCAÇÃO ESPECIAL
- 4) SIM, COM CERTEZA
- 5) CURSO MAIS OU MENOS, FILHO SABE SIM
- 6) SIM
- 7) NÃO
- 8) MÃE TEM BASTANTE DIFICULDADE
- 9) COM IDADE 4 ANOS
- 10) NÃO SEI ME EXPRESSAR EM UMA CONVERSA
- 11) SEMPRE FALO PELA WEB
- 12) AJUDOU MUITO
- 13) É DIFÍCIL SINAIS PARA COMUNICAR EM CASA
- 14) SIM, PARA SINAIS ESPECÍFICO EM FAMÍLIA
- 15) DOS PAIS
- 16) MEDIAÇÃO ATRAVÉS DA PRÓPRIA FILHA SURDA ESCRIVE EM PORTUGUÊS
- 17) SIM, IMPORTANTE PARA MELHORAR NOSSA COMUNICAÇÃO
- 18) SIM
- 19) IMPORTANTE PARA A COMUNIDADE SURDA
- 20) DIANTE DE UM ASSUNTO DO INTERESSE EU NÃO SABER ME EXPRESSAR EM LIBRAS PARA FALAR COM MINHA FILHA SURDA
- 21) MUITO BOM, VAI ME AUXILIAR BASTANTE
- 22) AJUDAR AS PESSOAS A INTERAGIR MELHOR COM SEU FAMILIAR SURDO OU QUALQUER PESSOA SURDA.
- 23) INTERESSANTE E PODE ACRESCENTAR MAIS SINAIS PARA NOS AUXILIAR.
- 24) É PRIMEIRA VEZ QUE FAZEM UM APLICATIVO VOLTADO PARA FAMÍLIA
- 25) SIM PARA AS PESSOAS QUE USAM DENTRO DE CASA É MUITO BOM.
- 26) SIMPOSITIVO PARA QUEM NÃO TEM TEMPO PARA FAZER CURSO E

PODE ESTUDAR NO APLICATIVO.

27) É A MELHOR COISA QUE INVENTARAM PARA FAMÍLIA DE SURDOS E SURDOS.

28) UM SURDO QUE TEM ACESSO DESDE CEDO À LIBRAS SABE MUITO BEM SE EXPRESSAR E BOM DESENVOLVIMENTO GERAL

29) COM CERTEZA, ACREDITO QUE ESSE APLICATIVO É DESENVOLVIMENTO DE MAIS ADEQUADO PARA FAMÍLIA E SURDOS.

30) POSITIVA E OTIMISTA, ME DEU ESPERANÇAS.

ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO SINALIZADO ENTREVISTA: PESQUISA DE MESTRADO

Transcrição de Vídeo Sinalizado Entrevista: Pesquisa de Mestrado		
0:24- 1:42	ANDRÉ	Podemos começar? Então, a semana passada nós pensamos um pouco sobre o aplicativo “Sinalibras”, na Libras o sinal é este, se configura desta forma (mostrou o sinal), hoje eu gostaria de saber se vocês já fizeram o teste? Quando vocês foram para casa se vocês conseguiram estabelecer comunicação com a família e se fizeram o teste com o aplicativo? Queria saber se vocês gostaram, se foi uma experiência boa, gostaria de saber a opinião de cada um de vocês, os pontos positivos e os pontos negativos. Então, conseguiram baixar o aplicativo em casa e fazer funcionar?
1:31-1:33	MÃES	Sim.
1:33-1:40	ANDRÉ	Conseguiram baixar o aplicativo em casa ou encontraram alguma dificuldade? Mexeram com facilidade ou acharam difícil?
1:42-1:48	MÃES	Fácil.
1:48- 2:03	ANDRÉ	Quando vocês abriram o aplicativo vocês perceberam que é um sinal aqui de pelotas. O que vocês acharam?
2:03-2:05	MÃES	Sim, sinais daqui.
2:07- 2:31	ANDRÉ	Na semana passada nós vimos outro aplicativo que utilizava sinais de outra região. Este aplicativo que estamos vendo utiliza sinais aqui da região de pelotas e por isso é mais fácil de utilizar. Vocês não acham?

2:31-2:33	MÃES	Sim.
2:35- 2:44	ANDRÉ	Vocês encontraram algum sinal diferente ou algum sinal que vocês conhecem de outra forma? O que vocês acham?
2:45-3:06	IRIS	Os que eu vi são iguais é que eu também não sei muito.
3:07- 3:15	ANDRÉ	A parte visual do aplicativo, a parte de visualização o que vocês acharam?
3:15-3:17	MÃES	Excelente.
3:17-3:42	ANDRÉ	O quê que vocês acharam da janela do avatar, o que acharam do Avatar? O que vocês acham melhor, uma pessoa sinalizando como avatar ou Avatar/desenho? O que vocês da expressão facial desse avatar?
3:43- 5:15	IRIS	Como é pessoa é melhor, até porque é mais devagar. O avatar era muito rápido e com uma pessoa sinalizando é um pouco mais devagar e como eu que sei muito pouco de libras foi uma experiência melhor tendo uma pessoa sinalizando, ficou mais claro.
5:16-5:46	ANDRÉ	Quando abriram o aplicativo, o que vocês acharam? Ele carregou rápido ou ele foi lento? Como vocês avaliam, como foi o acesso? conseguiram encontrar com facilidade as palavras, os termos, foram fáceis de acessar?
5:47-5:48	ALOE	Sim
5:47-5:49	MÃES	Sim (com a cabeça concordando).

5:50-5:58	ANDRÉ	Foi fácil, encontraram os sinais rapidamente ou tiveram alguma dificuldade, ou alguma palavra que não tem sinal? Qual foi a experiência de vocês?
5:59-6:01	ALOE	Foi rápido.
6:02-6:04	ANDRÉ	A senhora quer falar alguma coisa?
6:05-6:12	DALLA	Eu não, porque tenho dificuldade em mexer na internet, recém estou conseguindo entrar no aplicativo.
6:13-6:18	ANDRÉ	Em casa você tem internet ou acessas a internet fora de casa?
6:18-6:19	DALLA	Em casa tenho internet.
6:23-6:59	ANDRÉ	Ah, entendi. Estar mexendo agora e tens que procurar navegando ali tu encontraste dificuldade né, porque a tecnologia nos surpreende às vezes tens uns caminhos e tem que seguir uns atalhos para conseguir chegar onde quer. Aos poucos tu vai te apropriando, são os primeiros passos depois tu vais te acostumando e vai melhorar. está bem?!
7:00 - 7:41	ANDRÉ	Me perdi um pouco vou retomar (se referindo ao uso do aplicativo). Vou seguir meu cronograma, só um momento. Vocês usaram aplicativo, então, o objetivo é facilitar a comunicação dos pais com os filhos ou com pessoas surdas usuárias de libras o que vocês acham disso.
7:45 - 7:49	MÃES	É muito bom!
7:49 - 7:55	TULIPA	Facilita bastante, eu quando saiu daqui não entendo nada.

7:55 - 7:56	MÃES	Risos.
7:56 - 8:08	TULIPA	Passei por aquela porta e já me esqueci de tudo (risos), só sei dizer: oi, bonito e obrigada.
8:08 - 8:30	ANDRÉ	Só três sinais? oi, bonito e obrigada, mas toda vez que tu esqueceres, tenta mexer no Sinalibras para relembrar os sinais e então vais começar a usar o aplicativo para te auxiliar. Conseguiu utilizar para se comunicar com seu filho? conseguiu utilizar os sinais? toda vez que tu esqueceres tenta ir ali e utilizar o aplicativo para se comunicar com seu filho.
8:34 - 8:46	GIRASSOL	A Bruna olhou e gostou, me ajudou, mas a minha filha sabe tudo e ela me ajuda.
8:47 - 8:56	ANDRÉ	Na verdade, vocês entregaram o celular com o aplicativo para os filhos e os filhos é mostraram como o aplicativo funcionava foi isso foi isso?
8:57- 9:00	GIRASSOL	A minha foi! (risos) a minha é que me ajuda.
9:03 - 9:13	ROSA	Sim foi, em casa a Nívea mostra para vovó como se fala vovó mostro como falava, mostrou o desenho.
9:14 - 9:16	GIRASSOL	Eu too encantada (falando do aplicativo).
9:21-9:23	ANDRÉ	Tua filha que mostrou?
9:23-9:24	VIOLETA	É filho é um menino.
9:25-9:29	ANDRÉ	Mostrou a imagem ou a palavra?
9:30- 9:36	VIOLETA	Mostrou a imagem porque é pequenininho.
9:36-9:37	GIRASSOL	A Bruna também mostrou a imagem.

9:38 - 9:39	ANDRÉ	Quantos anos ele tem?
9:40 - 9:41	VIOLETA	Seis anos diz a mãe.
9:50 - 9:59	FICUS	Começou a aparecer mais sinais no aplicativo (abriu o aplicativo durante a entrevista)
9:53 - 9:55	GIRASSOL	é ele vai atualizando.
10:02 - 10:03	ANDRÉ	Qual é a idade do seu filho?
10:04 - 10:06	GIRASSOL	12 anos.
10:08 - 10:14	ANDRÉ	Hum, são de idades diferentes. Teu filho, ele olha a imagem ou ele olha as palavras?
10:14	GIRASSOL	Olha, olhou tudo.
10:15 - 10:43	ANDRÉ	<p>Sim as palavras que ligam sinal, por isso é diferente do outro menino que tem 6 anos. Como ele tem mais idade então ele faz esta ligação sinal palavra. Mais alguém gostaria de complementar esta fala?</p> <p>E a tua filha como foi?</p>
10:43 - 11:10	FICUS	<p>É muito bom ajuda bastante na questão da comunicação em casa, a gente sabe que a língua de</p> <p>Libras abrange muito mais coisas, mas é um começo e isso estávamos precisando de uma ferramenta em casa para trabalhar junto com elas em casa, é muito importante.</p>

11:12 - 11:39	ANDRÉ	Verdade, o aplicativo traz muitos sinais novos, mas ainda não tem tantos sinais assim porque o aplicativo ainda está em fase de teste. Nós, estamos pensando se vai ser o avatar ou se será uma pessoa sinalizando, se vocês gostaram a gente vai ampliando os sinais, o aplicativo ele estará sempre em andamento e irá melhorando com o tempo.
11:40 - 11:43	HIBISCO	Parabéns, muito legal! Muito legal mesmo!
11:45 - 12:32	ANDRÉ	Gostaria da opinião de vocês, pois, eu sozinho não consigo perceber se estou fazendo certo ou errado. Peço que me observem e me análise e que seus filhos façam o mesmo pois eu gostaria de saber a opinião de vocês. Essa relação que vocês estão estabelecendo com os filhos e embora eu saiba que ainda falta algumas coisas, gostaria que vocês fizessem suas colocações e observações sobre os pontos negativos. Não se preocupem que eu não vou ficar chateado podem falar, eu respeito as famílias as opiniões de vocês. Se tiver algo errado me avisem porque eu posso não ter percebido. É importante vocês falarem a verdade de como vocês se sentiram porque são sinais daqui de pelotas, no futuro vai ampliar esse vocabulário e os filhos de vocês vão usar o aplicativo e vão aprender mais rápido.
12:33 - 12:46	LILIANE	Tenho uma pergunta: O Sinalibras vai aumentar a quantidade de sinais de vocabulário, tu achas que ele tem capacidade de ampliar?
12:47 - 13:10	ANDRÉ	A Liliane está complementando minha fala, ela está perguntando se por exemplo os sinais utilizados no ambiente familiar ou se fosse uma conversa no trânsito ou no futuro pode-se ter também para a área da medicina também, no futuro pode ampliar para

		estar área, não é?!
13:12 - 13:13	FICUS	É importante.
13:13 - 13:38	ANDRÉ	<p>Sim, vai ampliar bastante né Daniel e Liliane, é vai ampliar certamente, esse é primeiro para estabelecer a comunicação com sinais muito básicos relacionados ao ambiente familiar, a família porque o objetivo. Certamente no futuro ele vai se desenvolver mais.</p>
13:39 - 13:54	VIOLETA	<p>Vocês viram o vídeo de um médico em São Paulo que aprendeu libras para tratar os pacientes?! O médico bem jovem ainda.</p>
13:55 - 14:18	ANDRÉ	<p>Sim, sim, tem algumas instituições, alguns locais que têm, a mídia mostra como se em todos os lugares tivessem pessoas assim, mas na verdade são casos raros que isso acontece. Se uma pessoa sabe língua de sinais para tratar o paciente que nem nesse caso em São Paulo é um caso raro, mas tem.</p>
14:19 - 15:03	ANDRÉ	<p>Quando você olhar o aplicativo em casa, tem sinais que vocês utilizam em casa que são sinais caseiros. Quando vocês utilizaram o aplicativo perceberam que esses sinais do aplicativo eram diferentes dos que vocês utilizavam? conseguiram perceber que havia uma diferença entre os sinais caseiros que vocês utilizam em casa e os sinais do Sinalibras na comunicação com os filhos? Perceberam que havia diferenças e que conforme vocês participavam do curso de libras, vocês começaram a se acostumar com a língua de sinais e se adaptar, conseguiram</p>

		perceber as diferenças que entre os sinais?
15:04 - 15:48	VIOLETA	Eu não usei usar o aplicativo ainda porque eu não sei. Meu filho tem 38 anos, já aprendi libras aqui na escola há muitos anos atrás, mas tem essa coisa de sinais novos. Ele me ensina, só que eu fico oh (sinalizou), tenho bastante dificuldade, ele escreve alguns textinhos para me ajudar alguma notícia na internet ele me chama para mostrar algo que ele acha interessante só que a minha dificuldade em Libras é intensa.
15:57 - 16:13	ANDRÉ	Antes não haviam as tecnologias né?! Então, hoje com a chegada do celular você pode usar a tecnologia a seu favor, ficando mais fácil de estabelecer a comunicação. Não achas que ficou mais fácil com estas tecnologias?
16:14 - 16:37	VIOLETA	Ele me chama naquele bonequinho né?! (se referindo ao aplicativo avatar), ele me chama para mostrar os sinais. Agora ele não me chama mais de burra, mas antes, ele me chamava muito de pateta, burra (mãe mostrou como ele chamava sinalizando), porque sinalizava errado e é por isso que eu estou aqui tentando um pouco mais.
16:40 - 17:04	ANDRÉ	Normal, os filhos são assim. O meu filho também me fala algumas coisas e isso aí é difícil né?! é um processo, ele faz comigo eu fazia com a minha mãe e é assim.

17:05 - 17:37	ANDRÉ	Então logo que o filho nasce a gente começa a buscar sinais caseiros para estabelecer a comunicação. Aqui no Alfredo do por exemplo a língua de sinais as vezes é difícil para os pais conseguirem aprender todos estes sinais. Então, o aplicativo acaba auxiliando quando tu esqueces algum sinal quando chegas na escola, então o aplicativo vem com esse objetivo. Certo? Alguma contribuição?
17:53 - 18:33	ANDRÉ	Então, o filho de vocês utiliza o celular e qual a ferramenta que ele utiliza mais para se comunicar? chat (escrita) ou WhatsApp vídeo chamada, o que eles mais utilizam?
18:33 - 18:37	JASMIM	O meu mais ou menos as duas coisas.
18:42 - 18:46	ALOE	Minha filha sinaliza mais a Luiza.
18:47 - 18:50	ANDRÉ	No celular? ela utiliza mais chamada de vídeo?
18:49 - 18:51	FICUS	É.
18:52 - 18:59	GIRASSOL	Minha filha utiliza os dois tipos de comunicação.
19:00 - 19:08	LILIANE	Faço a utilização de vídeo chamada com a filha da mãe 2.
19:10 - 19:15	GIRASSOL	Ah, usa mesmo. Elas se falam a noite e eu fico ao lado sem entender nada.
19:16 - 19:22	VIOLETA	Eu fico tão feliz e emocionada quando eu ele começa a rir lá naquelas conversas né, comunicação, da gargalhada. Ah, eu fico muito feliz.

19:23-19:34	GIRASSOL	Ela adora falar com a professora Liliane. As duas falam e não me contam, dão risada de mim, depois eu vou pegar a professora (risos).
19:38-20:10	ANDRÉ	Alguém mais gostaria de fazer mais alguma contribuição? Ok! Se vocês estão fazendo um vídeo chamada por exemplo e esquecem o sinal, já aconteceu com vocês de esquecer um sinal? O que vocês fazem?
20:11-20:13	HIBISCO	Já, eu escrevo.
20:16- 20:30	ANDRÉ	Tu escreves e o teu filho entende? Porque não é a língua dele e pode dar confusão.
20:31-20:49	HIBISCO	Não, entende os dois perfeitos, bah perfeito. Depois que ela veio para Alfredo Dublê a escrita melhorou 100%. Não tenho o que dizer, ela me dá oi e ela já me fala que eu tenho que falar e buscar no super se comunica superbem.
20:55-21:36	DAIANA E ANDRÉ	Conversam sobre as orientações da orientadora.
21:36-21:42	ANDRÉ	Não te preocupa que não vou me esquecer está aqui minha cola (resposta a Daiana).
21:43-22:11	ANDRÉ	Então, desculpem eu estava olhando minhas anotações. Bom, como é a relação de vocês com os surdos aqui na escola já que a maioria são surdos? quando vocês entram, vocês conseguem se comunicar? ou vocês ficam sem saber o que fazer como que é isso?
22:12-22:44	FICUS	Na verdade, a gente começa a cometer um erro na escola, a gente não busca essa comunicação totalmente em libras. Eu, da minha parte eu me cobro muito isso a gente podendo sinalizar a gente tem que sinalizar a gente faz parte desse mundo isso tem que virar uma prática diária na nossa vida é muito importante isso a gente está buscando isso é muito importante.

22:53-23:43	ANDRÉ	esquecerem de algum sinal? Então vocês podem utilizar o Sinalibras como apoio de comunicação; só um pouquinho Daiana fica tranquila que eu não vou esquecer. Então quando vocês acessaram o aplicativo Sinalibras vocês sentiram que ele foi difícil, se sentiram desafiados, ficaram com medo? Qual foi o sentimento de vocês? foi fácil no primeiro momento que você acessou o aplicativo? como foi?
23:46-24:32	GIRASSOL	Achei fácil, muita coisa eu já tinha aprendido com a professora. Eu aprendi com a Liliane só que eu me esqueço quando eu saio e ali ficou melhor porque, bem dizer eu vi nos horários que eu estava em casa realmente eu olhei. Esse aplicativo vai ser bom para quando eu estiver, deixa eu ver, em fila de banco, alguma coisa assim, é uma distração eu vou aprendendo né porque isso aqui ficou bom. E agora é da ênfase no aplicativo, baixar a cabeça e estudar, porque está bem acessível. É que realmente, sei lá, eu aprendo aqui e me esqueço quando vou para casa e o aplicativo acredito que vai me ajudar bem mais.
24:33-24:42	JASMIM	Eu achei interessante para as crianças por conta do visual é muito bom, eles conseguem ver.
24:43-24:53	GIRASSOL	É o visual melhorou, porque às vezes eu tinha vontade de tirar foto da Liliane e levar para casa (risos), eu tinha uma vontade de tirar foto dela e colocar lá na minha casa, não é possível.
24:54-25:18	ANDRÉ	Querem falar mais alguma coisa? Vai ficar famosa hein Liliane se começarem a levar foto tua para casa.
25:11-25:38	GIRASSOL	E outra coisa assim oh, a professora Liliane é muito aplicada, ela é muito atenciosa, e ela é super boa, e nessa coisa que o colégio nos proporcionou para poder ajudar as família está sendo muito bom, está sendo essencial mesmo, porque quando eu chegava na escola, bah, eu sentia uma dificuldade muito grande e não sabia como me comunicar com ninguém. Aí eu ficava catando alguém que soubesse se comunicar. Era bem difícil.

25:40-26:24	VIOLETA	<p>Eu ainda não tenho, não trouxe o celular, mas quando a gente retornar eu vou trazer o celular e pegar o celular e pedir para os amigos aqui fazerem para mim, tá!? Mas é muito bom quando o filho mostra e mais evoluindo é muito bom é melhor ainda né! A linguagem</p> <p>básica mesmo eu sei fazer, quando a escola implantou eles ensinaram né, mas os mais complicados eu fico oh, o que mesmo que ele me falou? tem uma coisa que ele faz aqui assim oh (mãe mostrou o sinal) eu não sei o que que é, mas ele fica brabo com isso aqui</p>
26:25-26:29	ANDRÉ	Rio, será?
26:30-26:33	VIOLETA	Não, ele faz uma careta de brabo e faz assim para mim.
26:35-26:39	ANDRÉ	Não sei.
26:40-26:41	VIOLETA	mais ou menos isso.
26:43-26:44	VIOLETA	Ele é muito brabo, muito, muito.
26:45-26:54	ANDRÉ	Pode ser um sinal que ele combinou com os amigos, ou uma gíria, algo combinado com o grupo dele.
26:58-27:00	VIOLETA	hum, é como a gente nossa gíria né!
27:06-27:18	GIRASSOL	Não sei se é certo, mas uma coisa que eu tenho dificuldade é que eu falo com as mãos, mas eu falo junto, eu não consigo ficar quieta sabe.
27:19-27:29	NARCISO	Eu too aprendendo, mas ele já tem 38 anos né, é difícil quando é pequeno né.
27:34-27:36	GIRASSOL	Ah, mas ela não fica falando com ele eu fico tagarelando.

27:40-28:31	ANDRÉ	Bom, vocês foram utilizando o aplicativo sinalizando fora daqui e eu sei é verdade que eu quando ensinava os alunos por não ter celular percebia que havia mais dificuldade já que não se conseguia ter um contato constante com a língua de sinais. Hoje com a tecnologia e utilização do celular fica mais fácil de não esquecer os sinais porque o celular vem como um recurso de apoio que é algo bem positivo. Vocês não acham?! Tu esqueces de um sinal e com o celular é uma ferramenta para lembrar dos sinais e auxilia bastante na comunicação?
28:29-28:30	HIBISCO	Sim.
28:30-28:41	GIRASSOL	Sim, claro.
28:42-29:10	NARCISO	Às vezes eu me encanto, hoje agora eu já sei qual era o sinal que ele queria me dizer com aquele sinal, alguma coisa que ele queria e que eu não concordava então ele dizia assim para mim (mãe sinalizou). Aí eu fiquei a ver navios né, aí ele falou (mãe sinalizou) não sei, não too brincando sério risos. Então, ele sempre fazia desta forma, aí a professora Liliane falou o que era, a frase era: Eu não too brincando eu too falando sério.
29:10-29:17	ANDRÉ	Sério não estou brincando! Não estou brincando, sério! risos.
29:32-29:36	Liliane	Ela é Mãe do menino que estuda a noite.
29:36-29:43	NARCISO	Na noite, o nome dele é Eder e o sinal dele é o “E” este (mostra o sinal).
29:47-29:58	ANDRÉ	Mais alguma coisa? Vocês acreditam no aplicativo, na evolução do aplicativo?
29:59-29:59	MÃES	Claro que sim.

29:53-29:57	ANDRÉ	Vocês acham que melhorou com o aplicativo? Acreditam que o aplicativo vai auxiliar ou não?
29:58-29:59	MÃES E PAIS	Sim, sim. Claro que sim (todos juntos concordam).
30:00-30:01	ANDRÉ	Vocês sentem que melhorou?
30:02-30:05	GIRASSOL	haja! Muito! Parabéns para ele! Mães concordam com a cabeça “sim”.
30:09-30:18	ANDRÉ	É, é com o Sinalibras você acha que ele melhorou? sim ou não? o que vocês podem me dizer?
30:18- 30:24	GIRASSOL	Diz para ele que quando ele vir no final do ano, nós vamos estar afiadas, ele nem vai nos reconhecer.
30:32-30:41	ANDRÉ	Em dezembro, vou trazer uma bolsa com alguns presentes quem souber libras ganha presente quem não souber não irá ganhar. (risos)
30:42-30:44	GIRASSOL	Isso mesmo! (risos) Todos riem.
30:46-31:21	FICUS	A gente sabe que nada substitui a presença de um professor dentro de uma sala de aula né, que nada substitui os pais presentes né e correndo atrás, mas isso vem ajudar com certeza. É importante não só da gente com os filhos em casa, mas como para o avô, para a avó, para os tios, a gente passar. Eu mesmo, eu enviei para minha sogra e ela gostou, está aprendendo bastante também, é importante né!
31:22-31:28	GIRASSOL	A gente não pode abandonar as nossas aulas né, muito bem! Exatamente, muito bem, não podemos.
31:31- 31:49	VIOLETA	Eu gosto também, toda criança é assim, professor é o professor, o que o professor fala é a verdade para ele né as vezes eles acreditam tem confiança no professor, criam um vínculo muito forte. O que o professor falou é o que o professor falou é certo. A mãe risos.

31:50-31:58	ALOE	Eu acho que vem para complementar não para substitui, para nós mesmo que temos uma aula mesmo eu e a sofá.
31:58-32:10	GIRASSOL	E aqui a gente troca experiência a gente troca coisa, isso não pode terminar. Aqui é uma terapia bem dizer para nós né.
32:19-32:30	ANDRÉ	Eu havia falado sobre essa evolução que vem para acrescentar. Porque vocês acham que o Sinalibras é importante?
32:31-32:32	PAIS	Sim, (todos concordando junto).
32:33-32:36	ANDRÉ	Porque ele é importante?
32:40-32:43	PAIS	Todos falando junto.
32:52- 34:07	ALOE	<p>Eu no caso, eu que sou novo na escola minha filha já está a bastante tempo aqui eu venho a complementar porque este curso aqui uma hora e meia de aula é pouco então a gente pode chegar e ter o acesso naquilo que a gente quer para aprender no caso, a gente quer buscar até para se comunicar porque não é rápido que a gente vai aprender a língua de sinais né então é uma coisa muito lenta eu como estou começando agora me assusto porque às vezes a gente quer muita coisa e acaba não aprendendo nada, mas como eu coloquei este objetivo para mim, como eu tenho a minha filha eu acho que esse site, isso que foi criado tem muito haver, isso que foi criado tem muito a complementar para mim é muito bom.</p> <p>Eu achei que as figuras são muito fáceis de aprender é fácil de encontrar tem tudo que a gente precisa a gente acha ali, espero que cresça cada vez mais. Mas para um começo está 100%. Parabéns!</p>
34:08-34:13	FICUS	Falou tudo, nem precisa falar mais nada agora

34:15-34:17	ANDRÉ	Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?
34:19-34:21	PAIS	Ele falou tudo!
34:35-34:49	ANDRÉ	Ainda sobre Sinalibras o que vocês acham, falta alguma coisa nele? Acham que a gente tem que pensar em mais alguma coisa para ele, o que que poderia melhorar o que que falta? Oh, estou escutando alguma coisa risos.
34:50-35:19	ALOE	Queria saber queria saber se tem alguma certeza de continuar se é um processo que talvez não dê certo né, se isso abrange todo estado do Rio grande do Sul ou se será só de Pelotas? eu queria saber isso daí.
35:28- 36:47	ANDRÉ	Ok! então, ele não vai desaparecer com o tempo, ele vai circular e vai se atualizando. Por exemplo algumas ideias novas como os jogos, jogo da força e filmes curtos podem ser acrescentadas ali, mas o principal objetivo é conhecer os sinais, voltado para o aprendizado de sinais para os usuários da língua, assim por exemplo o jogo da força por exemplo a pessoa vai associar as letras das palavras com os sinais. Se tiverem alguma sugestão, alguma ideia e quiserem me falar para melhorar o aplicativo fiquem à vontade. O que vocês acham?
36:48-36:57	HIBISCO	Acho que só para depois evoluir abranger e ir crescendo com o tempo.
36:59-37:16	VIOLETA	É porque nossa capacidade de entendimento vai indo, como ela falou, quem sabe?! aí chega lá em casa, aí meu Deus como é que é? E eles são rápidos para falar né.
37:20- 37:44	ANDRÉ	Normal, mas todos somos assim, eles têm muita energia às vezes os pais demoram a sinalizar mas isso também não é um problema é assim que funciona meu filho também, ele é bem elétrico eu digo calma, calma e calma e ele me chama, me chama sempre bem elétrico. É isso aí.
37:56-38:19	ANDRÉ	Algumas coisas já comentei com vocês, então, tenho só mais uma pergunta: vocês estão com fome ou não?

38:20-38:21	PAIS	Sim, queremos café.
38:22-39:36	ANDRÉ	Então, se tiverem alguma ideia, alguma sugestão que vocês queiram falar para contribuir no Sinalibras seriam bem interessantes. Hoje é o nosso último encontro eu gostaria de agradecer muito a todos vocês e se tiverem alguma ideia que em conversa ou algo que vocês pensaram, porque às vezes parece que fica pipocando alguma coisa na cabeça várias ideias, então se aparecer e vocês quiserem bater um papo, conversar, dar sugestões, pode me chamar. Minha pesquisa de mestrado não vai ter o nome de vocês, suas opiniões estarão expostas da seguinte forma: mãe falou, pai falou, filho falou. Serão somente estas palavras que irei utilizar, sem mencionar o nome de ninguém. Ali, tem um termo de consentimento para vocês assinarem, para que eu possa colocar os dados em minha pesquisa. Este documento é somente para assegurar que não iremos ter problemas futuramente quanto a estas informações.
39:37-39:49	FICUS	Esse aplicativo ele vai se manter com sinais regionais ou pode surgir sinais diferentes de outras regiões?
39:50-40:44	ANDRÉ	Por enquanto só aqui de Pelotas, si começar a ampliar muito, talvez a gente faça uma atualização com a possibilidade de abrir uma janela. Por exemplo perguntando aonde tu moras? Pelotas, então eu clico ali e vai me direcionar para os sinais da região. Pode ser que tenha um link que direcione. Bom se a pessoa estiver com vontade de ver outros sinais, então eu vou abrir outra aba, então, pode ser que se faça algo deste tipo. Por exemplo São Paulo, então tem sinais que mudam de Pelotas para São Paulo. Então, não é algo para agora é algo para o futuro e eu não sei o que vai acontecer no futuro, mas pode ser um plano futuro.
40:45-40:52	ALOE	Eu pensei que era algo universal, mas eu vi que cada região tem a sua variação.
40:53- 40:59	VIOLETA	Como a língua portuguesa né, são expressões que nós temos, regionais.

41:00-41:05	ALOE	Mas o alfabeto manual é igual em todos os lugares, ele não muda.
41:06-41:09	ANDRÉ	O alfabeto manual é igual em todos os lugares.
41:10-41:14	ALOE	O alfabeto eu digo o alfabeto dos sinais.
41:29-41:43	ANDRÉ	Sim, sim. Existe essa mudança de sinal, mas eu estava falando do aplicativo desta mudança de sinais se for ampliando o aplicativo e ali terá a cidade de Pelotas então tu clicas ali e te direciona aos sinais de Pelotas.
41:43-41:51	ALOE	Era uma curiosidade que eu tinha por exemplo eu pensei que têm sinais que são nacionais.
41:51-42:59	ANDRÉ	<p>Sim, existe essa variação linguística diversa, muito grande e conforme cada região tem a sua variação linguística. Por exemplo, o sinal de branco. Tu lembra qual o sinal de branco? não sabe? bem, então. Por exemplo, tem mais ou menos cinco sinais de branco: (demonstra os sinais de branco) com essa configuração de mão, a maioria usa essa configuração de mão, tem esse branco usado em São Paulo, tem esse sinal para branco mais utilizado na parte oeste, utilizei esse sinal para branco e branco</p> <p>desse outro jeito no norte utiliza mais esse tipo de sinal, este outro sinal de branco abrindo as mãos, esse outro sinal no dente. Então tem diferentes possibilidades.</p>

43:12- 44:27	ALOE	<p>Então eu achei que era para ser nacionalmente porque isso é que nem o português a gente aprende de um jeito e se fala de outra maneira porque a linha de sinais substitui a fala, então eu acho que é como a gente aprender a falar. Já pensou a gente nascer e aprender a falar de trás para frente então daí eu não sabia disso eu fiquei até meio equivocado com essa situação porque hoje minha filha está aqui, mas se ela quer ir para Bahia aí ela não vai se comunicar? É a mesma coisa que a gente ir para os EUA e aprender inglês porque vai ter que aprender a falar diferente, se comunicar como ele falou das cores aí ela chega vai comprar uma roupa vai falar a cor e é outra e aí como ela vai fazer. Eu achei complicado isso para o Brasil né.</p>
44:28-45:21	ANDRÉ	<p>Não fique preocupado com isso, ela ainda é pequena, as crianças nascem em uma determinada região e quando se mudam rapidamente conseguem se adaptar e se comunicar com muita clareza, eles consegue absorver e eu percebo que a língua de sinais eles têm mais facilidade, é mais uma aptidão.</p> <p>A língua de sinais sofre a mesma variação que a língua portuguesa. Vou dar um exemplo de variação, prestem atenção eu vou sinalizar com sinais utilizados no Norte. Demonstração de sinais. O que são estes sinais? que é isso?</p>
45:22-45:23	VIOLETA	Não sei
45:24-45:32	ANDRÉ	Vocês não sabem? o que é este sinal? (Sinalizou)
45:34-45:35	ALOE	Nem a professora sabe lá risos.
45:36-45:55	ANDRÉ	<p>Então é diferente então se eu ver este sinal eu vou achar estranho, eu vou dizer que não entendi e vou perguntar: o que é isso? ah, isso é o sinal de acabou o dinheiro, O professor sinaliza novamente “acabou o dinheiro”, oh, isso é acabou o dinheiro.</p>
45:58-45:59	VIOLETA	Totalmente diferente do nosso.

46:00-46:50	ANDRÉ	Tem este sinal para banco e este sinal para banco, então eles utilizam este sinal para acabou o dinheiro. Então este é o sinal de acabou. Ok?! Mas a comunicação acaba fluindo é de forma simples. Então se tu tens dúvida sobre o sinal tu pergunta o que é e assim vão fazendo as trocas. O Sinalibras por enquanto é daqui. Não fica preocupado nesse momento com outras regiões tá?! tem outro aplicativo o and. tal que foi criado em outro estado então ele sinaliza de forma diferente, nesse momento se preocupe com os sinais daqui, por isso eu prefiro que vocês se preocupem com sinais daqui.
46:51-47:02	FICUS	Realmente têm muitos sinais diferentes e tem alguns sinais que são universais a gente sabe, mas tem vários sinais que são diferentes.
47:05-47:30	ALOE	Eu fico preocupado porque por exemplo se tu vais ver um filme, ou até mesmo a tradução de um presidente se não ouve direito a pessoa não entende.
47:36-47:52	ANDRÉ	Eu vou te dizer uma coisa, eu assisto tv e tem a janela do intérprete e eu entendo tudo porque eu tenho a língua muito forte dentro de mim. Você que está fazendo curso agora não vai conseguir entender o que está passando na janela do intérprete.
47:53-47:54	ALOE	Quando que eu vou conseguir entender?
47:54-48:03	ANDRÉ	Demora um tempo você vai precisar de calma vai ter que se esforçar, ter contato com os surdos, com surdos de diversos níveis linguísticos para conseguir se comunicar.
48:04-48:06	ALOE	Mas vocês se comunicam muito rápido.
48:07- 48:21	ANDRÉ	Vocês também falam muito rápido. Às vezes as pessoas falam super-rápido e escreve e eu não entendo é a mesma dificuldade. Entendeu?
48:22-48:26	ALOE	Está certo é complicado!

48:26-48:35	ANDRÉ	Ok! Então, mais alguma coisa que vocês queiram falar?
48:36-49:23	VIOLETA	Aquelas palavras ali a gente já está mais ou menos acostumada, mas se a gente tem uma dúvida que a gente quer falar por exemplo: se minha filha está de castigo, daí se tiver a opção ali de escrever uma dúvida
49:42-50:51	ANDRÉ	Sim, a gente quer colocar um canal de dúvidas e sugestões. Por exemplo se tu procura o sinal de como colocar de castigo, então você pode mandar está dúvida e a gente vai fazendo a atualização dos sinais novos e a cada atualização a gente vai colocando sinais novos e então o aplicativo vai ampliando como os sinais utilizados na medicina ou sinais utilizados com as crianças, sejam sinais utilizados em casa como por exemplo dizendo para não brigar, ou se são sinais que são gírias como por exemplo o sinal de castigo então poderíamos sinalizar desta outra forma (mostra o sinal), vai para casa e fica de castigo (mostra a forma de sinalizar diferente). Então existem várias formas de sinalizar.
50:52-50:55	MÔNICA	Pode se colocar uma frase ou somente palavras?
50:56-51:35	ANDRÉ	Por agora somente sinais, mas é algo que pode se ir acrescentando no futuro. Agora vou dar a folhinha de direitos autorais para vocês assinarem. Obrigada!
52:19-52:21	MÃES	No lugar do CPF pode ser o mg?
52:22-52:28	ANDRÉ	Quem não tem CPF coloca o RG não tem problema.